



À Segunda
Vista

Mayara Ribeiro Borim



À Segunda

Vista

Mayara Ribeiro Borim



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sul de Minas Gerais

©2022 – Editora: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS)

À Segunda Vista

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem a permissão, por escrito, do **IFSULDEMINAS**. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Planejamento gráfico, capa e editoração: Silvana Pereira da Silva
Designer – ME | Bárbara Almeida

Revisão
Caroline Ferreira Cunha Santos

Coordenação Editorial
Silvana Pereira da Silva

Imagem da capa
Alexandra Haynak por Pixabay

Imagem
www.freepik.com

Site
<http://portal.mch.ifsuldeminas.edu.br/> conferir o local onde será disponibilizado para inserir no DOI

Email
extensao.machado@ifsuldeminas.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária
Rita de Cássia Machado da Silva CRB – 05-1697

B726s Borim, Mayara Ribeiro

À Segunda Vista, [recurso eletrônico] / Mayara Ribeiro – Pouso Alegre: IFSULDEMINAS, 2022.

219 p.; PDF; 4,096 KB

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-88862-17-9 (E-book)
DOI: 10.51797/9786588862179

1. Literatura Brasileira. 2. Romance. 3. Instituto Federal do Sul de Minas. I. Título.

CDD – 869,9

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado o ânimo e a paciência que eu precisava para me fazer persistir na escrita deste livro, nos momentos em que me senti desanimada para continuar, sem ideias ou inspiração e nas horas em que questioneei se as ideias que eu tinha para ele eram realmente boas e se este livro estava ficando pelo menos um pouco interessante e envolvente e se serviria para agradar a algum público.

A Caroline Cunha, minha professora de português no ensino médio, primeira leitora e fiel revisora deste livro, agradeço por todo o apoio e incentivo que me deu nessa caminhada.

Ao IFSULDEMINAS — *Campus Machado* e a toda sua equipe, por ter me proporcionado conhecer essa professora e seu maravilhoso projeto Blog IF Connect, pois se eu não tivesse começado a fazer parte deste não teria

visto a oportunidade de tornar possível a publicação do meu livro. Agradeço também ao IFSULDEMINAS pela alocação de recursos para a publicação desse livro.

A

Juliana Souza e meus pais, por, junto com a Carol, terem sido os primeiros a lerem e aprovarem esse livro.

E

agradeço também aos meus amigos: Fabrício Caliari, Iris Warmeling, Luis Eduardo e Vitória Antonela, por terem me proporcionado momentos alegres e conversas agradáveis no tempo que passamos juntos no IF, por sua amizade e companhia em meio a essa pandemia, por me apoiarem como escritora e me incentivarem.

A todos os leitores de romances, que não se cansam de se apaixonar e sofrer por personagens fictícios.

Apresentação

Que privilégio apresentar esta obra e, junto com ela, revelar o talento de uma jovem escritora. Foi em uma reunião com os alunos participantes de um projeto de incentivo à escrita do IFSULDEMINAS que me deparei com a Mayara Borim, uma de minhas alunas do ensino médio, por sinal, muito dedicada e, ao mesmo tempo, tímida e discreta, dizendo-me sobre seu prazer em escrever e que já havia escrito algumas páginas de um livro. Qual não foi a minha surpresa quando fiz a leitura daquelas páginas, na verdade, vários capítulos de um romance bem estruturado, uma narrativa fluida e interessante, dessas que não conseguimos parar de ler. Fiquei ansiosa em saber o desfecho e, desde então, sempre que terminava mais alguns capítulos, a modesta e encantadora escritora compartilhava comigo o desenrolar de uma história emocionante e surpreendente. Como sua professora de língua portuguesa pude, não só revisar esta obra, mas também incentivá-la com relação à publicação e acompanhar todo esse processo desde à escrita até a edição deste e-book.

Esta narrativa que você está prestes a conhecer apresenta dois jovens, Zoe e Sebastian, que, a partir de um esbarrão no

corredor da escola, veem seus caminhos se entrelaçarem, apesar de pertencerem a universos diferentes. Ambos vivem uma situação familiar complicada, se por um lado, Zoe é uma menina estudiosa, doce e alegre, órfã de mãe, criada com simplicidade pelo pai; Sebastian, por sua vez, não passa de um adolescente rebelde, o típico “garoto problema”, que faz de tudo para afrontar sua mãe, a poderosa Antonela Hildegart.

A cada capítulo, somos instigados a prosseguir a leitura, pois a trama se torna cada vez mais envolvente, transportando o leitor para dentro da história, por meio de detalhes e surpresas que conferem ao romance uma atmosfera leve, divertida e, ao mesmo tempo, instigante.

Caroline Cunha

Sumário

1.	O Velho e a Flor	11
2.	Pais e Filhos	12
3.	Aluno novo	18
4.	O namorado da minha melhor amiga	24
5.	O trabalho de matemática	28
6.	Encontro na sorveteria	34
7.	Namorados	45
8.	A dívida	54
9.	Zoe e Sebastian	59
10.	Um jantar na mansão Hildegart	67
11.	Minha querida amiga	76
12.	Encontro na pracinha	83
13.	Romeu e Julieta	90
14.	Pai	99

15.	Caixa de segredos	107
16.	Em meio a segredos e revelações	116
17.	Batalha das bandas	128
18.	Um pensamento absurdo e quase ilógico	141
19.	Mãe	151
20.	Viver em Paris	165
21.	O amor verdadeiro	175
22.	Garota do livro em perigo	186
23.	A caminho da morte	197
24.	Cinco meses depois	210
25.	Sobre a autora	219

O Velho e a Flor

Por céus e mares eu andei,
Vi um poeta e vi um rei
Na esperança de saber
O que é o amor.

Ninguém sabia me dizer,
Eu já queria até morrer
Quando um velhinho
Com uma flor assim falou:

O amor é o carinho,
É o espinho que não se vê em cada flor.
É a vida quando
Chega sangrando aberta
em pétalas de amor.

– *Vinícius de Moraes*

Pais e Filhos

Nossa breve história de romance tem seu início em um dia aparentemente calmo e insignificante, um dia qualquer do início do verão de 2018 na turística São Paulo, capital de um dos estados mais famosos do Brasil. Por um momento que não durou pouco mais do que uma fração de segundos, o sol havia se escondido por entre as imensas nuvens que estavam constantemente em movimento, desmanchando-se como pequenos flocos de neve caindo do céu calma e lentamente enquanto derretiam.

Estava praticamente na hora certa de o almoço ser servido na mansão Hildegart, mas um dia feliz é algo que não acontece com muita frequência no cotidiano dessa intrigante família, com todos os seus segredos, mentiras e a falta de união.

Uma mulher alta, com cabelos curtos e pretos e um ar de madame rica, metida — e que sofre de “pobrefobia” — daquelas que só se veem nos filmes de Hollywood, tomando chá sentadas à mesa de um daqueles deslumbrantes restaurantes de Paris, entra pela porta da sala acompanhada de um adolescente interrompendo o doce silêncio que preenchia aquela aconchegante sala, com seu chão de mármore, seus

belos móveis planejados e seus enigmáticos quadros que foram colocados nos pontos certos de cada canto. A sala estava começando a receber os insistentes raios solares que faziam brilhar um belíssimo lustre de cristal logo acima no teto. Os dois — a mulher e o adolescente — pareciam transtornados, mais precisamente ela do que ele.

— Ainda bem que vou mudá-lo para uma escola pública. Não acredito que o ano mal começou e você já perdeu média em praticamente todas as matérias. — Começou a mulher, irritada, posicionando-se na frente do garoto que senta no sofá e começa a mexer em seu celular, desinteressado por toda aquela gritaria histérica.

— É culpa dos meus amigos que me passaram cola errada — responde o garoto em tom de despreocupação. Ele repetia o terceiro ano do ensino médio em uma escola particular de alto nível, por conseguinte, também era caríssima.

— Então é pra isso que eu gasto meu dinheiro pagando os seus estudos? Pra você não estudar e ainda colar na prova?

— Você paga porque você quer. — Levanta os olhos para encará-la, desta vez em desafio.

— Eu pago porque quero que você cresça preparado para assumir o meu lugar na empresa da família.

— É sempre a empresa em primeiro lugar. Não é mesmo? Acho que até sei por que meu pai trocou a senhora por aquela secretariazinha, não aguentou o fato de você ser tão entediante.

— Já chega, Sebastian! Vá imediatamente para o seu quarto, antes que eu perca o pouco de paciência que me resta com você, não suporto olhá-lo nem por mais um segundo. De que me adianta ter um filho que não serve para nada a não ser

para me causar desgosto? Antes eu tivesse deixado seu pai levar você para bem longe de mim. Assim não teria que atuar com você agora. Devia tê-lo enfurnado há anos num colégio de internato, para não ter que aguentá-lo todos os dias. Você, com toda a certeza, foi uma das piores coisas que aconteceram em minha vida.

Aquelas palavras soaram como um forte e dilacerante tapa no rosto de Sebastian. Sentiu uma ligeira vontade de chorar, mas não podia fazê-lo, pelo menos não perto daquela mulher desprezível que ele, por incrível que pareça, ainda conseguia chamar de mãe. Engolindo seu misto de tristeza, raiva e satisfação por ter conseguido tirá-la do sério, conseguiu responder:

— Talvez eu deva subir para a escuridão do meu quarto e lá, sozinho, finalmente tomar coragem para sumir para sempre da sua vida, já que sou um fardo tão pesado e horrível assim para você suportar.

Sebastian se levanta e segue em direção à escada que leva ao andar de cima onde se encontrava seu quarto, entra batendo a porta com força. Coloca para tocar sua playlist especial de metal em um volume ensurdecido, ignorando sua mãe enquanto ela gritava insistentemente:

— SEBASTIAN! VOLTE JÁ AQUI. SEBASTIAN! ABAIXE ISSO AGORA.

Irritada, a mulher desiste e também sai, vai em direção à cozinha conferir se o almoço estava pronto para ser servido. Essa é Antonela Hildegart, mulher extremamente ocupada, é dona da *Powerful Cars*, uma empresa exportadora de carros. Mal parava em casa, encontrava-se sempre ocupada, estressada e tão atolada de trabalho na empresa que não possuía tempo algum para dar atenção a seu filho, Sebastian, que precisou aprender

a conviver com a ausência do pai, esse deixou a esposa e fora morar em outro país com uma amante, quando o garoto tinha apenas sete anos de idade e, desde então, não dera mais notícias, não para Sebastian.

Sendo criado sem carinho, amor e atenção, por uma mãe distante, insensível e controladora, Sebastian se tornou um adolescente rebelde e revoltado que é capaz de fazer de tudo para irritar e chamar a atenção de sua mãe, começando por montar uma banda de rock com seus amigos Kelvin, Otto e seu primo Yohan; depois, por seu péssimo desempenho no colégio, o que, em um futuro próximo, obrigou sua mãe a transferi-lo para uma escola pública com o intuito de não perder dinheiro com um filho inútil e que não quer aprender, afinal, Antonela não é o tipo de madame que gosta de “desperdiçar” o seu dinheiro com coisas, a seu ver, fúteis.

Em outro ambiente totalmente diferente da mansão Hildergart, longe de todo aquele luxo, glamour e conforto, duas jovens chegam conversando a uma humilde casa da periferia de São Paulo. A menina de cabelos pretos, compridos e ondulados, nariz empinado e pose de quem se acha a dona do mundo resmungava para a outra menina de cabelos ruivos, óculos preto, olhar meigo e jeito cativante:

— Você, como sempre, tirando a nota máxima nas provas e eu perdendo média outra vez.

— Perdendo média pela última vez, prometo que vou ajudar você a melhorar suas notas Catarina. — Responde a simpática e educada Zoe.

Entram na casa e encontram Augusto — como sempre — caído bêbado no chão. Zoe corre em direção ao pai assim que o vê.

— Pai! Pai! O senhor bebeu de novo? — A menina diz aflita, chacoalhando-o.

Augusto acorda tonto e começa a gesticular com as mãos e a dizer coisas sem sentido.

— Além de ser pobre e viver nesse muquifo, ainda tem um pai alcoólatra. — Sussurra Catarina com antipatia para ela mesma.

— Catarina, me ajude a levá-lo para o quarto.

— Mas é claro amiga! — Catarina, escondendo sua má vontade, ajuda Zoe a levar Augusto para o quarto.

Por ser a filha única da família Ibrahim, Catarina cresceu sendo mimada por seus pais, principalmente por sua mãe, que satisfazia todas as suas vontades, e acabou se tornando uma menina egoísta e interesseira que é capaz de qualquer coisa para conseguir o que quer. Com a falência da construtora da família, quando ela tinha 9 anos, acabou se vendo obrigada a ser matriculada em uma escola pública. Foi lá que conheceu aquela que mais tarde viria a se tornar sua melhor amiga, Zoe Dorneles, uma menina doce e educada que se viu praticamente sozinha no mundo quando, aos sete anos de idade, sua mãe cometeu suicídio. Após a morte da esposa, desolado, Augusto, o pai da menina, passou a beber muito e a se envolver em apostas de jogos, contraindo assim muitas dívidas e levando a família cada vez mais à pobreza extrema. Para ajudar no sustento da família, Zoe arrumou um emprego em uma sorveteria próxima a sua escola, enquanto Augusto se virava trabalhando de faxineiro na *Powerful Cars*.

Zoe era muito inteligente, sendo a melhor aluna de sua turma e uma das melhores da escola toda, afinal era muito estudiosa e dedicada, diferente de Catarina, esta detestava quase todas as coisas relacionadas à escola, preocupava-se apenas com sua

aparência a fim de se exibir nas redes sociais, com seu status de herdeira da família Ibrahim e com dinheiro, portanto tirava notas muito ruins em quase todas as matérias. Enquanto a bondosa e empática Zoe tentava fazer de tudo para ajudar sua querida e única amiga — já que por sempre ter sido uma garota tímida e fechada acabou por não fazer muitas amizades — a melhorar suas notas, Catarina alimentava uma inveja doentia por Zoe desde a infância, odiava o fato de ela ser tão inteligente, bonita e bem-sucedida nos estudos, mesmo sendo pobre e tendo um pai bêbado e pé rapado. Ela era tão amada e adorada por todos, enquanto não passava de uma garota nerd, sem graça, feia e esquisita, segundo a opinião da falsa e mimada Catarina Ibrahim, que gostava de ter a atenção de todos sempre voltada para ela, somente para ela.

Capítulo 2

Aluno novo

“Quem é aquela dama, que dá a mão ao cavalheiro agora? Ah, ela ensina as luzes a brilhar! Parece pender da face da noite como um brinco precioso da orelha de um etíope! Ela é bela demais pra ser amada e pura demais pra esse mundo! Como uma pomba branca entre corvos, ela surge em meio às amigas. Ao final da dança, tentarei tocar sua mão, para assim purificar a minha. Meu coração amou até agora? Não, juram meus olhos. Até esta noite eu não conhecia a verdadeira beleza.” (Shakespeare)

Era a milésima quinquagésima nona vez que Zoe estava relendo a obra Shakespeariana “Romeu e Julieta”, sua obra literária de romance favorita. Quando se encontrava com um de seus livros de romance nas mãos, não conseguia resistir à tentação de lê-lo, principalmente, em se tratando desse livro, mesmo que ela já o tivesse lido diversas vezes.

E em uma segunda-feira, logo de manhã, ela vem andando de um lado do corredor da escola, distraída, lendo seu amado livro, enquanto Sebastian vem do outro, jogando em seu celular e demonstrando uma total falta de interesse em estar no seu primeiro dia de aula em sua nova escola — depois que sua mãe

desistiu de pagar sua escola particular para colocá-lo em uma escola pública após sua série de perdas de média só para provocá-la — quando se esbarram na virada do corredor.

— Ai! — gritam juntos no mesmo instante.

— Você não olha por onde anda, garota?

— A culpa não é minha se você entrou na minha frente no momento em que eu viraria o corredor.

Zoe se abaixa para pegar seu livro que havia deixado cair no chão com o brusco esbarrão, percebendo, inconformada, que uma orelha se formara no canto superior de uma de suas folhas, enquanto isso, Sebastian olha para seu celular irritado.

— Droga! Não acredito que por sua causa eu morri no jogo. Faltava pouco pra eu passar de fase no *Assassin's Creed*.

— O QUÊ? Você me fez perder a página que eu estava lendo de Romeu e Julieta, um de meus romances favoritos por causa de um jogo bobo? Mas que garoto idiota!

— Idiota é você que não olha por onde anda.

— Olha só quem fala.

— É Romeu e Julieta? Fala sério! Essa história é ridícula. — Provoca Sebastian.

— Garanto que não é mais ridícula que um garoto mal-educado que é incapaz de pedir desculpas por ter esbarrado, derrubado e amassado o livro de outra pessoa.

— Pedir desculpas? Tá tirando onda com a minha cara, garota? Nem foi culpa minha, você é quem deveria me pedir desculpas.

— Eu?

— Não! “O Irineu. Você não sabe nem eu”. — Debochou Sebastian.

— O quê? Quem é esse tal de... Quer saber? Deixa pra lá. Não vale a pena perder tempo com você, seu joguinho e esse tal de “Irineu”.

Zoe sai rapidamente quase esbarrando novamente em Sebastian.

— Mas que garota louca.

No mesmo instante, Anabele, uma adolescente simpática e extrovertida, encontra Zoe no final do corredor, furiosa.

— Miga o que houve? Tu tá parecendo tão...

— Irritada? — Interrompeu a garota. — Era isso que você ia dizer?

— Uai... Sim.

— Ah, não é nada não amiga, só um garoto idiota e mal-educado que esbarrou em mim agora há pouco no corredor, me fez derrubar meu livro e agora ele está com orelhas. — Zoe mostrou para Anabele a orelha que se formara no livro.

— Hum... Puxa, que pena, Zoe; mas acho melhor irmos pra aula porque já tocou o sinal, estamos atrasadas e não queremos levar bronca do chato do Aroldo com aquele bigodinho super, mega, hiper ridículo e fora de moda dele, com aquela cara de quem está interessado em mandar todos os alunos para um colégio interno fora do país, onde na verdade se encontra a maior prisão de tortura para adolescentes desobedientes, só para poder tirar férias em Fernando de Noronha com uma daquelas professoras de artes do 1º ano bonitonas e metidas.

Zoe foi praticamente obrigada a rir, Anabele era o tipo de amiga que estava sempre ao lado dela. Seja nos momentos bons ou ruins, ela sempre estava lá disposta a ajudar, consolar, aconselhar e principalmente alegrar e fazer rir com suas piadas bobas. Ela e Zoe haviam se conhecido há menos de três meses, quando Anabele se mudou de Uberlândia no interior de Minas Gerais, para a populosa e movimentada São Paulo, onde foi se matricular na mesma escola que Zoe e acabou indo trabalhar justamente no mesmo local, a sorveteria “Compre um Sorvete”. Desde então, elas não se desgrudaram mais e eram praticamente como irmãs, Ana via em Zoe sua irmã mais nova que ela perdera aos 3 anos e Zoe também a via como a sua querida irmã que, com a morte de sua mãe, ela não pôde ter. O único impasse era o fato de Catarina também fazer parte dessa amizade, não era segredo para ninguém que ela e Ana não se suportavam. Anabele, desde a primeira vez em que a viu, soube o quanto Catarina era falsa, invejosa e metida, principalmente depois da morte de seu avô, quando ela e sua família herdaram uma exuberante fortuna. Mas é claro que ela não revelava isso a Zoe, pois sabia o quanto ela gostava daquela que acreditava ser sua amiga, e não queria chateá-la, pois ela já sofrera muito na vida e já tivera muitas perdas.



Em uma das salas de aula, alguém bate à porta interrompendo a interessante aula de matemática da professora Heloísa, uma mulher bondosa e simpática, que era amada e querida por todos os alunos e era sempre muito prestativa e atenciosa com todos. Ao ouvir as batidas na porta, ela coloca o giz que estava segurando em cima da mesa e se dirige à porta, fazendo balançar a barra rodada de seu lindo vestido azul que descia até um

pouco abaixo dos joelhos e, com um simpático sorriso, recebe o diretor e a figura desconhecida que se encontra atrás dele.

— Com licença professora, — entra na sala de aula o diretor Aroldo, com aquela pose de líder autoritário, que, com certeza, causaria pesadelos e pânico nas crianças do jardim de infância, mas que provocava longos e contagiosos risos nos alunos adolescentes dessa escola que o achavam um completo ridículo e babaca. Ele estava acompanhado de um garoto alto, de cabelos negros escorridos que desciam até os ombros, tinha olhos verdes e um olhar desafiador, usava jeans velhos e rasgados, uma jaqueta de couro preta, um tênis all-star e parecia ser o que os especialistas acabariam por chamar de “O garoto problema”.

— Esse aqui é Sebastian Hildegart, aluno novo de nossa escola. Será que a senhorita teria um lugar sobrando para ele se sentar?

— Mas é claro, Aroldo! Pode entrar, Sebastian, seja muito bem-vindo. Eu sou a professora Heloísa e estamos na aula de matem...

Sebastian simplesmente ignora Aroldo — que vai embora — e as doces palavras de boas-vindas da professora que se vira para o quadro e volta a passar alguns exercícios enquanto ele caminha para o fundo da sala com cara de poucos amigos. Ao avistar um bom lugar — que está ocupado — ele praticamente expulsa o pequeno garoto de óculos que está sentado lá e se senta em uma carteira ao lado de uma menina de cabelos ruivos e ondulados, jeito de garota intelectual, que também usava óculos e tinha em seu colo um livro cuja capa e cujo nome ele já tinha visto em algum lugar...

— Você?! — Insere Zoe em um misto de curiosidade e surpresa.

— Não, o Irineu! — Respondeu Sebastian em tom de ironia.

Zoe se vira para o quadro quase sem acreditar que aquele menino grosso do corredor estudaria na mesma sala que ela, enquanto Sebastian tira seu celular do bolso e começa a jogar.

O namorado da minha melhor amiga

Os momentos de intervalo eram uma completa loucura. Período este em que os alunos saíam de suas respectivas “celas” para descansar das geralmente cansativas três primeiras aulas. Eles aproveitavam esse tempo livre para estudar, conversar com os amigos, ouvir música, ler, entre outras coisas que adolescentes costumam fazer em seu tempo livre.

No refeitório, Zoe se encontrava sentada em uma das mesas com um copo de café à sua frente. Enquanto tomava a bebida, observava o movimento do refeitório, aquele típico entra e sai de gente e aquele barulho muitas vezes ensurdecedor e irritante de pessoas cochichando, conversando e até mesmo gritando para serem ouvidas pelas que estavam ao seu lado. Ela sempre achava que aquele refeitório não tinha a capacidade ideal para aquele grande número de alunos. Em suas mãos encontrava-se, é claro, seu livro, que ela começaria a ler quando Catarina, sentada ao seu lado, levantou-se puxando-a pelo braço e foi ao encontro de Sebastian, interrompendo Zoe no momento em

que ela lia seu Romeu e Julieta ao som de *Creep* diretamente de seus fones.

— Zoe, gostaria de te apresentar alguém muito especial — diz Catarina sorridente e um tanto pretenciosa enquanto agarrava o braço do garoto. — Este aqui é Sebastian Hildegart, meu namorado.

— Você?! — Dizem assustados e em uníssono Zoe e Sebastian.

— Como assim? Vocês já se conheciam?

— Sim. Quer dizer, não. Nós nos esbarramos no corredor um pouco antes da aula começar e estamos na mesma sala. — Justificou Zoe.

— Que ótimo! Quando eu poderia imaginar que a garota do livro era amiga da minha namorada? — Diz Sebastian com ironia.

— É, e quando é que eu ia imaginar que o garoto do *Assassin's Creed* era namorado da minha melhor amiga?

— Garota do livro? Garoto do *Assassin's Creed*? Como assim? Do que vocês estão falando? — Pergunta Catarina, começando a ficar confusa.

— Deixa pra lá, amor. Vou pegar um suco pra gente. — Sebastian a beija e sai lançando um olhar desafiador e um tanto provocador para Zoe, incluindo um sorriso de lado.

— Namorado, Catarina? — Pergunta Zoe incrédula.

— É. Nós nos conhecemos há algum tempo, nossas mães são amigas. Começamos a namorar no verão passado.

— Mas você nunca me contou que tinha um namorado. E não sabia que você gostava do tipo roqueiro rebelde. Fala sério, amiga, ele não tem absolutamente nada a ver com você. É tão

rude, mal-educado e antipático. Acho que você merecia alguém melhor e menos babaca, Catarina.

— Bom, em primeiro lugar, eu não pedi a sua opinião, em segundo, não sou obrigada a ficar dando satisfações da minha vida pessoal e amorosa a você e por último, pelo menos eu tenho um namorado e não sou a garota que ninguém quer namorar, como você, por exemplo. Afinal, nem todos são como você Zoe, que, pelo visto, não vai arrumar namorado nunca, porque só se preocupa com seus livrinhos de romance inúteis ao invés de procurar cuidar mais de você e de sua aparência. — Lança para a ruiva um olhar de cima a baixo com certo deboche.

— E o que tem de errado com a minha aparência?

— Deixa pra lá, amiga, meu namorado está me esperando.

Após a conversa, com passos apressados, Zoe vai direto ao banheiro feminino da escola que se encontrava vazio. Fica de frente ao enorme espelho observando calmamente seu reflexo. Nesse dia, ela usava calça jeans e tênis, como sempre, e uma camiseta preta, seu cabelo estava um pouco despenteado e seu rosto estava limpo, sem nenhum vestígio de batom ou maquiagem. Ela tem razão. Ela tem toda razão. Minha aparência é péssima. Sou tão... feia. Tranca-se em uma das cabines e começa a chorar, tomando todo o cuidado possível para não ser ouvida. Jamais pensou que sua amiga de infância, sua melhor amiga, poderia ser tão cruel com as palavras. No entanto sabia que, no fundo, Catarina estava certa, Zoe era apenas mais uma garota estranha, *nerd* e feia da escola que ninguém em momento algum ia querer namorar; enquanto Catarina era a garota linda que todos os garotos olhavam e só faltavam babar quando ela desfilava pelo corredor com suas roupas chiques e caras, as quais Zoe nunca poderia comprar.

Mas será que Zoe era uma garota tão feia assim ou era apenas falta de aprender a confiar mais em si mesma, em seu estilo e não mais permitir que seus problemas pessoais interferissem em sua vida e em sua autoestima?

Desde a morte de sua mãe, ela não conseguira se encontrar novamente ou, em outras palavras, encontrar seu lugar no mundo que ela ocupava antes da trágica e inexplicável partida de Lia. Quando ela se foi, Zoe era apenas uma criança, muito ligada à sua mãe e que ainda não compreendia o mundo dos adultos, juntamente com certos conflitos que aconteciam nele.

Na época em que se deu esse fatídico acontecimento, ela não compreendia muito bem o significado da palavra suicídio e nem os motivos que levaram sua mãe a cometê-lo, quer dizer, estes, ainda hoje, dez anos depois, ela não compreendia. Na verdade, no fundo, ela nem queria saber que sentimentos levaram sua mãe a simplesmente desistir não só da vida, como também de sua filha e marido.

De repente, aquela menina alegre e feliz tornou-se uma menina triste que guarda dentro de si um infinito e doloroso vazio. Aquele homem forte, pai carinhoso e atencioso tornou-se um alcoólatra viciado em apostas e jogos. Aquele família tão linda tornou-se algo triste de se ver, os pedaços de algo maior e muito mais feliz, que não mais existia.

O trabalho de matemática

A sala dos professores estaria vazia não fosse Heloísa, um copo de café, seus cadernos de anotações e seu delicado rádio toca-fitas antigo, o qual naquele exato momento tocava um trecho de *I Don't Wanna Lose You* em volume baixo. As aulas haviam terminado, ela teria ido embora não fosse o insistente desejo de terminar de corrigir as provas dos alunos, entretanto não era somente isso. Também estava à espera de Zoe, adorava conversar com ela, além de ser uma menina dedicada e inteligente, também era doce e simpática. Porém desta vez não queria conversar com a menina à toa. Alguns meses haviam se passado, Sebastian, ainda em fase de adaptação com a nova escola, demonstrava uma terrível falta de interesse em estudar, resultando em diversas novas perdas de média que deixavam sua mãe louca, e Heloísa, sua professora de matemática, preocupada.

Ela queria contar com a ajuda de Zoe. Por ser paciente, Heloísa pensava que ela poderia se disponibilizar a fazer dupla com ele em um trabalho, com o intuito de ajudá-lo a melhorar suas notas.

Em um instante, Heloísa fazia algumas anotações em seu caderno e em outro, olhava fixamente para um canto da sala, distraída, mergulhada e perdida em pensamentos nostálgicos. Embora fosse alegre e simpática com todos o tempo todo, era perceptível que ela parecia esconder uma parte um tanto obscura e triste de seu passado. Algo que ela não revelava a ninguém, algo do qual ela tanto se arrependia, um segredo que causara um dano irreversível em sua vida e na de pessoas que ela tanto amava. Um grave erro que causara a morte de alguém a que ela queria tão bem. Uma infame trai...

Seus pensamentos distantes foram interrompidos por suaves batidas na porta.

— Pode entrar! — Assim que Zoe colocou os pés para dentro da sala, Heloísa desligou o rádio e se levantou para recebê-la com um abraço. — Como você está, querida?

— Estou bem.

— E seu pai? Como ele está?

Zoe havia percebido certo remorso nos olhos de sua professora ao falar de seu pai, ficou confusa com a pergunta no começo, pois não entendia o porquê de ela querer saber de Augusto sendo que os dois mal se conheciam. Mas sabia que Heloísa era uma boa pessoa e estava sempre preocupada com o bem-estar de todos, principalmente, em se tratando de seus alunos e suas respectivas famílias.

— Hum. Ele também está bem. — Era óbvio que estava mentindo. Seu pai não estava bem desde o dia em que sua mãe deixara para sempre esta existência. De algum modo, isso o afetou tanto que ele perdeu toda aquela pose de um bom pai, um pai trabalhador, carinhoso, atencioso e que estava sempre ali presente na vida de sua única filha.

No fundo, ela sabia que seu pai a amava, no entanto queria uma maior demonstração desse amor. Começando com ele parando de beber e depois que ele deixasse de uma vez por todas essa vida de passar horas apostando todo o dinheiro que possuíam em jogos.

— Zoe, indo direto ao motivo que me fez pedir para que viesse até aqui... Como você é uma ótima aluna, de suas notas não tenho o que reclamar e é uma menina adorável, gostaria que fizesse o trabalho de matemática com o Sebastian.

— Com o Sebastian!? — Não bastasse Zoe ter que estudar todos os dias na mesma sala que aquele garoto insuportável, o qual, ainda por cima, era namorado de sua melhor amiga, teria que se sujeitar a fazer com ele o trabalho de matemática que planejava fazer com sua amiga Anabele?

— Sim. Não é segredo para ninguém que ele é um péssimo aluno e como você é inteligente e atenciosa poderia dar uma ajudinha a ele. Sem contar que você ganhará uns pontinhos a mais por essa ajudinha. Então, o que me diz? — A professora perguntou com um sorriso esperançoso.

— Bom... Por mim tudo bem. Eu acho. — A garota respondeu sentindo-se insegura, no fundo, queria ter dito um longo e sonoro “Não”, mas os olhos de Heloísa estavam tão suplicantes que a obrigaram a analisar a hipótese de fazer uma boa ação com o seu “querido” colega de turma.

Neste exato momento, Sebastian entra na sala dos professores, sem bater à porta, é claro.

— Queria falar comigo, professora Luísa? — Ele errou o nome da professora de propósito somente para irritá-la.

— É Heloísa! — Respondeu a mesma revirando os olhos.

— Tanto faz. — O garoto deu de ombros.

— Você vai fazer o trabalho de matemática com a Zoe, ela o ajudará a melhorar suas notas...

— Ou, ou, ou, como assim vou fazer o trabalho com a garota do livro? — Sebastian interrompeu a explicação da professora.

— Você precisa tirar nota máxima nas minhas próximas provas, considerando sua bagagem de perdas de média dos meses passados e a Zoe vai te ajudar. Porque eu desisto de você e seus joguinhos de *Assassin's Creed* e "*Friz Fire*" durante minhas aulas.

— É *Free Fire*!

— Tanto faz! — Responde a professora ironicamente e agora é Sebastian quem revira os olhos.

— Bom, então já que não tem jeito, eu topo fazer o trabalho com a garota do livro. — Sebastian lança um olhar provocador na direção de Zoe que a deixa desconfortável. — Então, amanhã na sorveteira, pode ser?

Ela já estava abrindo a boca para responder, "Sim", quando ele simplesmente se vira, sai e a deixa quase falando sozinha.

— Zoe, se não quiser fazer o trabalho com ele não tem problema — diz Heloísa tentando contornar a situação, logo agora que tudo se encontrava praticamente resolvido e que Sebastian já havia inclusive marcado o dia e o local em que eles se reuniriam para fazer o trabalho.

— Não, eu faço. Sem problemas.

Ela se despediu da professora e saiu, estava quase virando o corredor, chegando perto da porta da saída quando por uma fração de segundos ela, pela primeira vez na vida, teve a sensação do que é sofrer um infarto quando Anabele simplesmente

pulou na sua frente gritando algo parecido com — O que a prof. de matemática queria contigo?

— Caramba, Zoe, o que aconteceu com você? Tá tão... pálida.

— Eu acabei de quase morrer do coração com esse susto que você me deu agora, sua doida. — Responde colocando a mão no coração, sentindo-o como se fosse se deslocar do lugar com a intensidade das batidas.

— Susto? Eu? A... Ops. Foi mal amiga.

— Sim, foi bem mal, acho que dá pra ouvir meu coração batendo a quilômetros daqui.

— Hum... É. Acho que sim. Mas e aí, o que ela queria com você?

— Nada de mais. A não ser pedir para eu fazer aquele trabalho que ela passou na última aula com o Sebastian Hildegart.

— Com o Sebastian? Aquele roqueiro gato que entrou na nossa sala esses dias mesmo?

— Sim, esse mesmo. Que Deus me ajude!

— Nossa, amiga. Que exagero! — As duas se localizavam fora da escola, caminhando na calçada. — Tudo bem que ele parece ser meio rebelde e antipático, mas ele é muito gato.

— Meio rebelde? Você acabou de dizer meio rebelde? Ele é um completo sem noção, arrogante, mal-educado e ainda é namorado da Catarina. Minha amiga merecia coisa muito melhor.

— Hum... Sei não. Se ele for tudo isso mesmo, talvez os dois até se mereçam, vai me desculpar Zoe, mas essa Catarina é uma tremenda falsa e tá na cara que ela tá com ele só por causa do dinheiro. Pronto, falei.

— Ana! Não fala assim da Catarina, que horror. Essa sua hipótese não tem o menor fundamento, além disso, ela não herdou aquela fortuna do avô? Então, não tem porque estar de olho no dinheiro do Sebastian.

Anabele ergueu os ombros como se quisesse dizer um breve “Sei lá” e as duas continuaram caminhando.

Encontro na sorveteria

Tá legal, galera, o próximo ensaio vai ser na minha casa e o Otto pode fazer a gentileza de levar aqueles deliciosos brigadeiros de maracujá com coco que só a mãe dele sabe fazer. — Disse Kelvin dirigindo-se à porta da mansão Hildegart.

— Vá sonhando, cara. — Respondeu Otto terminando de guardar seu baixo em uma capa bag.

— Mas qual é o problema?

— Você é um baita folgado Kelvin, esse é o problema. — Disse Yohan com o intuito de provocar o amigo. — O ensaio vai ser na sua casa, portanto quem tem que cuidar da comida é você.

— Faz sentido, cara. — Concordou Kelvin. — E aí? Como anda o nosso progresso, ou melhor, regresso na procura por um novo tecladista? Já que o babaca do Kim nos abandonou. Duvido que a sua nova banda seja de fato melhor que a nossa.

— E não é mesmo, esses caras devem ser um bando de *posers* filhinhos da mamãe. E relaxa, ainda vamos encontrar um tecladista à altura da... Nossa! Precisamos escolher logo um nome pra banda, já passou da hora. — Todos concordaram com

um balanço de cabeça, mas logo em seguida levantaram os ombros como se quisessem dizer: Isso é verdade, cara, mas não temos ideia de nenhum nome. Yohan se virou para Sebastian. — Valeu por deixar a gente ensaiar na sua casa, primo, é que eu sei que a tia Antonela não apoia muito esse negócio de banda, muito menos que você faça parte dela.

— Sem problemas, cara. Agora tratem de vazar da minha casa, todos vocês, tenho compromissos. — Ele e Zoe haviam combinado de se encontrar na sorveteria em que ela trabalha e ele estava muito, mas muito atrasado. Ela, com certeza, o mataria assim que o visse.

Dito isso, Sebastian os acompanhou até a porta e se despediu dos amigos, fechando a mesma logo em seguida.

— Até que enfim eles foram embora. Já não aguentava mais todo esse barulho.

Sebastian se virou para ver sua mãe entrando na sala.

— A senhora estava aqui? Pensei que estivesse na empresa.

— É onde eu deveria estar, mas como não havia muita necessidade de eu ficar por lá, resolvi vir trabalhar em casa. Péssima ideia. Pensei que tivesse dito que estava proibido de trazer seus amigos para ensaiar aqui, com esse lixo que vocês insistem em chamar de banda.

— Eu só os trouxe aqui porque pensei que a senhora não estava em casa, e nossa banda é muito boa, se parasse uma única vez para ouvir, saberia.

— Eu os ouvi até demais por hoje, minha cabeça e tímpanos estão estourando. Você não deveria perder tempo com essas idiotices de adolescente, deveria estar estudando e não brincando de ser um astro do rock. Não é à toa que é um péssimo aluno e só tira notas baixas, você me envergonha, garoto.

— Por que é sempre assim? Você só sabe criticar tudo o que eu faço, nunca me elogia em nada. Está constantemente olhando de cara feia pra mim, implicando comigo, me dando broncas. Eu tentei por muitas vezes ser um bom filho, digno do seu amor, orgulho e admiração, mas vejo que falhei terrível e estupidamente. Sabe, às vezes nem parece que você é minha mãe.

— Cale-se Sebastian. Minha cabeça está doendo e você não está ajudando nem um pouco com essa falação desnecessária. Sempre foi um garoto rebelde e difícil de lidar, me deu muito trabalho desde o início. Não me venha com essa historinha de que tentou ser um bom filho, porque isso você jamais foi.

— Por que me odeia tanto assim? — Sebastian perguntou com uma voz fraca, as lágrimas queimando para escorrer de seus olhos, o coração sendo corroído pela dor.

A mulher fingiu não ouvir, deu de ombros, virou-se e saiu da sala.



Zoe confirmou de se encontrar com Sebastian na sorveteria com a finalidade de darem início ao trabalho de matemática, mas ele, é claro, jamais chegaria no horário marcado. Quando o garoto finalmente apareceu, entrou desfilando tranquilamente e encontrou Zoe sentada em uma das mesas, impaciente.

— Até que enfim apareceu! Pensei que não viria mais, estou há horas esperando por você. — Ela diz impaciente ao vê-lo se aproximando da mesa.

— Que exagero! Eu estava ensaiando com a minha banda e me atrasei apenas alguns minutinhos e você aí fazendo esse drama.

— Drama? — Ela se pôs de pé, ficando na frente dele. — Tive que pedir ao meu chefe para me liberar uns minutos mais cedo só

pra ajudar você com o trabalho, estou aqui há horas perdendo meu tempo e tendo uma parcela do meu pagamento descontada. Nem todo mundo é igual a você Sebastian, que é sustentado pela mãe rica e bem sucedida, não precisa se preocupar em trabalhar com o objetivo de levar dinheiro para ajudar a família. E acha que tem o mundo todo só para si e que ele gira somente em torno de você.

— Tem o mundo todo só para si? Escuta aqui, garota, não nasci em uma família rica porque quis, e não tenho culpa de você ser pobre e ter um atraso de vida como pai, um bêbado desprezível que não sabe fazer outra coisa além de beber e contrair dívidas.

Algumas pessoas, sentadas em mesas distantes da deles, pararam de conversar e os olharam prestando um segundo de atenção na discussão que se iniciava entre os dois adolescentes.

Zoe sentiu seu sangue ferver ao ouvir seu pai ser mencionado daquela forma.

— Não fale assim do meu pai, você não tem o direito. Pelo menos eu sei o quanto ele me ama, diferente da sua mãe que nem ao menos sabe que você existe... — Uma breve pausa para ela finalmente perceber o que disse e: — Nossa! Sebastian, me desculpe, eu não queria...

Sebastian sentou-se na cadeira mais próxima, seu semblante entristecido, as verdades sobre ele junto de seu maior ponto fraco finalmente sendo jogados bem na sua cara por uma garota que ele mal conhecia. Lembrou-se das palavras amargas que praticamente acabara de ouvir da mãe, sentiu o coração doer assim que vieram à mente as recordações da indiferença e falta de amor por parte dela, que tanto o perseguiram durante a infância.

— Sem problemas. Afinal, não posso brigar com você por falar a verdade, não é mesmo? — Ele disse derrotado.

Zoe sentou-se na cadeira ao seu lado, lamentando-se, desesperadamente arrependida pelo que disse.

— Sebastian, eu sinto muito, eu... — Ela jamais havia sido tão dura com as palavras a ponto de ferir alguém. No entanto, Sebastian a tirou do sério falando de Augusto daquela forma, Zoe sabia que o pai estava longe de ser perfeito, mas ele era o seu pai.

— Tudo bem. Todos pensam que ser rico e ter uma mãe empresária é um mar de rosas, porém a realidade é bem diferente. Ainda mais quando se tem uma mãe que nem sabe que você existe, foi como disse.

Maldita seja minha boca, pensou Zoe.

Sentindo-se extremamente culpada, aproximou-se de Sebastian e colocou a mão delicadamente em seu ombro, massageando-o gentilmente, tentando em vão consolá-lo ao perceber que algumas lágrimas haviam começado a se formar em seus belíssimos olhos verdes, e encontravam-se prestes a cair.

Ela estava assustada, não imaginava que aquele garoto o qual emanava tanta rebeldia e confiança era na verdade o reflexo de um adolescente, que assim como ela, porém de um modo e em uma circunstância diferente, também sofria com a ausência dos pais.

— Sebastian, eu não queria ter dito aquilo. Saiu da boca pra fora, me perdoe.

— Está tudo bem, garota do livro. Finalmente descobrimos algo que temos em comum. Famílias desestruturadas e motivos para descontar nossa raiva nos outros.

Famílias desestruturadas. Essa era uma frase que se encaixaria muito bem em um livro sobre a história de Zoe. Pois, infelizmente, ela não podia chamar a convivência com seu pai de família. Ela simplesmente havia deixado de ter uma família depois da morte de sua mãe.

— E um trabalho de matemática a ser feito, garoto do *Assassin's Creed*. — Ela respondeu sentida.

— Isso também.

Sebastian riu brevemente, uma risada falsa e irônica, até as lágrimas inevitáveis e há muito tempo guardadas somente para si, começarem a percorrer o caminho entre seus olhos e a região próxima de seu queixo. Zoe, sem saber o que fazer, e desesperada por ter a consciência de que fora a culpada por arrancar lágrimas daquele rosto tão angelical não teve outra escolha senão abraçá-lo, com o intuito de aplacar um pouco da sua tristeza.

A partir desse momento, todas as coisas ao redor deles saíram completamente de foco. Ficaram alguns minutos deste modo, envolvidos por um abraço forte e apertado que para os espectadores da sorveteria não era nada mais nada menos que um abraço qualquer entre dois amigos, ou namorados para os de mente mais criativa. Entretanto, para esses jovens, seu significado era bem mais complexo.

Para Zoe, era o apoio que ela não tinha há tanto tempo de Lia, a qual ela jamais poderia abraçar, beijar ou até mesmo ver novamente. A sua querida mãe que se foi para sempre. Também era a demonstração de afeto a qual ela tanto queria demonstrar por seu pai, contudo seu orgulho e a decepção pela fraqueza dele após a morte da esposa, trocando a filha por bebidas e jogos, não a permitiam.

Com relação a Sebastian, esse abraço, mais que tudo, era o carinho que desde pequeno sonhou em receber de sua mãe. E o consolo que ele tanto queria do pai, o qual não falava com ele desde os seus sete anos.

Após o longo e reconfortante abraço, estavam de frente um para o outro, os olhos de um fixos nos do outro, se decifrando a fim de entenderem o que exatamente se passava em suas mentes, permitia a eles enxergar o profundo vazio que habitava em ambos os corações.

O primeiro encontro de Zoe e Sebastian foi marcado por um esbarrão no corredor da escola que provocou um certo estranhamento entre eles, em partes por causa da forma rude, irônica e debochada como o garoto a tratou. Isso fez com que Zoe se mantivesse indiferente a ele e com a ideia de que não passava de um rapaz rebelde, mimado e mal educado. Mas agora, fitando o verde dos olhos de Sebastian, era como se ela pudesse ver além deles, era como se ela fosse capaz de enxergar de forma clara e lúcida a sua alma, despida de toda aquela revolta por não ter tido um pai presente em sua vida, apenas uma mãe que sempre demonstrou odiá-lo, e conseguisse perceber que no fundo ele era um bom garoto, que se sentia carente de amor, carinho e consolo. E um garoto muito bonito, sentia-se tentada a dizer que era o mais bonito que já conhecera em toda a sua vida.

Seus rostos estavam cobertos pelas lágrimas derramadas durante o longo abraço de desabafo e encontravam-se a poucos centímetros um do outro, os quais foram sendo diminuídos aos poucos, até quebrarem completamente a pequena distância que os afastava, permitindo que seus lábios se tocassem em um beijo longo, o qual queria ser capaz de suprir a carência que ambos sentiam.

Esse fora o primeiro beijo de Zoe, ela se sentiu envergonhada no começo, pois não sabia ao certo o que fazer, tudo o que sabia sobre beijos ela aprendera em seus livros de romance, no entanto, antes de Sebastian, jamais havia beijado um garoto e essa foi uma experiência maravilhosa, mas era tão errada. Sebastian era namorado de Catarina e ela era sua amiga desde a infância, o que isso a tornava então? Ela não podia beijar o namorado de sua amiga, mesmo que ele fosse irresistivelmente lindo e despertasse nela sentimentos e sensações nunca antes sentidas.

Ela decidiu, com muita relutância, se afastar do beijo, entretanto Sebastian a impediu, puxando-a para mais perto dele, de modo que ficaram tão próximos a ponto de ser possível sentir as batidas aceleradas do coração do outro. Ele a beijou novamente, não uma, nem duas, mas muitas vezes, parando apenas para que pudessem recuperar o fôlego, beijou-a como jamais beijara garota nenhuma antes dela, como nunca havia beijado Catarina e nem beijaria, um beijo profundo e apaixonado.

Zoe queria empurrá-lo para longe de si e dizer o quanto isso era errado, que ele era namorado de sua melhor amiga, no entanto não conseguiu, enquanto estava envolvida pelos braços de Sebastian, saboreando cada um de seus beijos era como se nada mais existisse, nenhum vestígio de problemas, medos, inseguranças ou fantasmas do passado, somente eles e algo ainda mais excepcional, que parecia ser... Amor? Sebastian assemelhava-se a uma espécie de antídoto para todas as tristezas e dores que ela trazia em seu coração, porque, por alguns instantes, ele a fez se esquecer de todas elas, e a fez sentir-se completa novamente e feliz. E esses sentimentos eram recíprocos.

Todavia era necessário colocar um fim nisso.

— Sebastian, pare. — Ela disse assim que se afastou novamente do beijo. — Não podemos mais fazer isso.

— Por que não? Eu pensei que estivesse gostando.

— E estou, mas isso é errado. Você é namorado da Catarina, ela é minha amiga.

— Isso é verdade. No entanto eu e Catarina já não estamos bem há muito tempo, na verdade acho que nós nunca fomos namorados de verdade, éramos apenas “ficantes” e eu estava, havia tempos, pensando em terminar com ela. Nunca gostei tanto assim dela a ponto de nos tornarmos namorados, mas nossas mães são amigas e sempre faziam pressão dizendo que formaríamos um belo casal, acredito que, no fundo, Catarina sempre estivesse mais interessada no meu dinheiro do que em mim.

— Não importa. Vocês ainda são namorados e enquanto isso continuar não quero que tente me beijar novamente. Entendeu?

Ele balançou a cabeça em sinal afirmativo e ao mesmo tempo decepcionado.

— Ótimo! Agora eu preciso ir, já passou da hora de eu voltar pra casa. — Disse Zoe levantando-se da cadeira, guardando seus cadernos na mochila e colocando a mesma nas costas logo em seguida.

— Posso te acompanhar até a sua casa, se você quiser. — Disse esperançoso, tentando ser gentil.

— Não! — Ela o repreendeu, não queria que soasse tão ríspido, mas era necessário. No fundo gostaria de ter a companhia do garoto durante o trajeto até sua casa, no entanto essa não era uma boa ideia, não deveria ficar perto dele por mais tempo, eles poderiam ter vontade de se beijar novamente, ele

poderia tentar beijá-la novamente. — Nos vemos amanhã. Tchau, Sebastian.

Ela saiu deixando-o sozinho na sorveteria, junto da culpa por tê-lo magoado no terrível instante daquela tola e irrelevante discussão, porém levando para casa outra culpa ainda maior, a de trair sua melhor amiga.



Zoe chegou em sua casa, estava indo direto para o seu quarto silenciosamente, sem dar o mínimo sinal de sua presença, quando ouviu vozes vindas da cozinha, a de um homem, seu pai, que parecia estar em um de seus raros momentos sóbrio e a voz de uma mulher que ela não demorou muito para deduzir ser a de Heloísa. Mas espere um pouco... Heloísa? Por que sua professora de matemática estaria a esta hora na sua casa sozinha com seu pai?

Ela se escondeu nas proximidades da cozinha com o objetivo de tentar ouvir melhor. Eles estavam conversando e rindo na maior intimidade, pareciam ser bons e velhos amigos, os quais se conheciam há muitos anos. Sendo que, até onde sabia, eles se conheceram há pouco tempo e se viram apenas nas reuniões de pais, onde Augusto mal falara com a professora. No entanto, nada disso tinha importância, seu pai parecia estar muito feliz e sorrindo de uma maneira que não o via sorrir há anos e ele estava na melhor das companhias.

Ela decidiu que não queria incomodá-los. Entrou em seu quarto, se jogou na cama e começou a chorar copiosamente. Encontrava-se tão confusa que precisou de alguns minutos para organizar seus pensamentos, emoções e sentimentos. Nunca havia sentido algo parecido com o que sentiu naquela sorvete-

ria minutos atrás. Os beijos de Sebastian ainda estalavam em sua boca, e ela podia ouvir seu coração bater cada vez mais forte só de imaginar o rosto dele tão próximo do seu novamente, porém teve medo de pensar na possibilidade de estar se apaixonando por ele.

Recriou incessantemente aquele momento da sorveteria, da chegada de Sebastian até o fatídico instante em que ela o deixara, diversas vezes. Até que tudo começou a se escurecer e ela sentiu a culpa tomar seu coração. Não acreditava que fora capaz de trair Catarina. Por um instante ela se odiou e também odiou Sebastian por tê-la beijado daquela maneira, mas foi só por um instante. Que culpa ela tinha de não ter resistido a ele? Ele era tão inexplicável, simplesmente o primeiro garoto que tocou o coração dela dessa maneira.

E a partir deste dia, eles passaram a se reunir todos os dias na sorveteria para fazer o trabalho. Aos poucos, aquilo que começou com um desajeitado esbarrão no corredor da escola, mais tarde tornando-se uma espécie de “rivalidade” entre os dois, agora abria espaço para que começassem a se conhecer melhor e a perceber que possuíam muito mais coisas em comum do que imaginavam. Descobriram um sentimento que jamais imaginaram sentir, que os transformava a cada dia em pessoas ainda melhores do que sequer sonharam algum dia em ser, e lhes mostrava que existia sim uma maneira de superar as dores e as dificuldades da vida, uma maneira de amar, ser amado e ser feliz. Juntos eles estavam prestes a descobrir o amor.

Namorados

Quanto mais convivía com Catarina, mais Sebastian ficava desinteressado por sua personalidade extremamente frívola, mimada e egoísta, agora mais do que nunca percebia o quanto ela era chata e insensível, importava-se apenas com a sua felicidade e nem um pouco com a dos outros.

Eles começaram a namorar no último verão, porém já se conheciam há muito mais tempo, afinal sua mãe era uma velha amiga da “adorável” senhora Ibrahim e as duas sempre apoiaram esse relacionamento, que é claro, não passava de um jogo de interesses de ambas as partes.

Para Sebastian, nunca havia sido um namoro de verdade, no fundo, nunca gostou tanto assim da jovem e sempre soube que ela se encontrava distante de se encaixar naquilo que ele chamava de o seu tipo. Ela o fazia sentir como se estivesse caindo em um abismo, simplesmente pelo fato de ser tão parecida com Antonela Hildegart, sua mãe. Era o mesmo jeito mesquinho, a mesma vaidade e o mesmo pensamento de se achar superior a tudo e a todos.

Embora não parecesse, ele sempre sonhou encontrar alguém que o compreendesse, alguém em quem ele pudesse confiar medos, inseguranças e tristezas, seus sonhos mais profundos, seus desejos mais obscuros e seus pensamentos mais secretos, alguém que o ouvisse e o apoiasse, alguém que o amasse verdadeiramente. Isso ele nunca pôde encontrar em Catarina, a qual estava mais interessada em seu dinheiro e no status que ganharia namorando o herdeiro da milionária Antonela Hildegart, do que em simplesmente amá-lo.

Amor era uma das coisas que nunca estiveram incluídas, de forma fixa, no dicionário sobre a infância e vida de Sebastian, desde o dia em que seu honroso pai praticamente o abandonara à mercê de sua horrível mãe, a qual nunca soube amá-lo, para ir viver em Paris. Desse dia em diante, ele deixara de acreditar na existência do amor, até conhecer algo, ou melhor, alguém chamada Zoe, a qual seria responsável por provar o contrário.

Se com Catarina ele se encontrava ainda mais diminuído e excluído, ao lado de Zoe Dorneles era diferente, apesar de terem se conhecido há pouco tempo e criado uma amizade há apenas quatro semanas, ele logo viu que ao lado dela se sentia especial e amado como nunca antes o fora, como nunca imaginou que poderia ser amado por alguém. Era como se um tivesse sido feito para o outro.

Embora fossem diferentes em alguns aspectos, possuíam vários outros interesses em comum, como o mesmo gosto para músicas, livros, séries, filmes, entre várias outras coisas, as quais insistiam em mostrar o quanto eles se completavam, como o amor pelos animais ou simplesmente o fato de gostar de ajudar as velhinhas a atravessarem a rua — tudo bem, convenhamos que Sebastian não era lá muito

fã desta última parte, mas ele não era mau a ponto de negar ajuda a uma pobre velhinha.

E resumindo, achava-se cada vez mais distante de Catarina Ibrahim, a qual não demorou muito para perceber o modo como ele vinha afastando-a nos últimos dias. Estava tomada por ciúmes dele, pois mal falava com ela, não atendia suas ligações e não respondia suas mensagens, e embora tentasse ignorar, percebera na escola certas trocas de olhares entre seu namorado e Zoe, que também parecia estar muito afastada dela. Era como se a menina tentasse fugir de Catarina todas as vezes em que ela estava por perto, parecia muitas vezes envergonhada ou até mesmo com medo, isso se repetia desde que os dois começaram a se encontrar na sorveteria para fazer o tal trabalho de matemática. A jovem Ibrahim logo percebeu que Sebastian e Zoe estavam ficando próximos o bastante para o seu gosto. E cansada das reuniões dos dois na sorveteria e de seu namorado usar isso como justificativa para desmarcar os encontros com ela, decidiu que iria até lá com o intuito de tirar satisfações com eles.



Zoe e Sebastian se reuniram novamente na sorveteria para finalmente terminarem o trabalho de matemática. Graças ao apoio e o incentivo da menina, Sebastian ficava cada vez mais interessado e dedicado nos estudos, passou a tirar boas notas, não jogava mais durante as aulas, realizava todas as atividades e tarefas escolares, e estudava para todas as provas.

Eles estavam concentrados e logo finalizaram o trabalho. Depois de tudo pronto, guardaram seus materiais escolares e Sebastian compartilhou seu fone com Zoe, enquanto aproveitavam o tempo que lhes restava para jogar conversa fora.

Estava tocando a música *Is This Love?* da banda Whitesnake, que para variar era a música preferida de ambos os jovens.

— Nossa! Eu adoro essa música. — Comentou Zoe animada, tomando coragem para cantar baixinho a música, errando a letra, óbvio.

*I should have known better
Than to let you go alone
It's times like these
I can't make it on my own
Wasted days and sleepless nights
And I can't wait to see you again*

Sebastian decidiu acompanhá-la, entretanto perdeu totalmente o foco na música para rir do modo estranho como ela cantava e percebeu o quanto ela era péssima, completamente, amplamente e totalmente péssima no inglês. No momento seguinte, Zoe também encerrou a cantoria e olhou para ele sorrindo. Sebastian passou a percorrê-la com os olhos, reparando o quanto ela se encontrava especialmente bonita hoje, com suas longas madeixas ruivas soltas e espalhadas por suas costas, seus olhos cor de mel por trás dos óculos a fitá-lo com simplicidade, não que ela já não estivesse bonita nos dias anteriores, mas agora ele observava algo além e percebia que a sua beleza vinha de dentro, tinha sua origem em um coração puro e gentil, o qual a tornava uma menina tão boa e difícil de não se apaixonar.

Somente neste instante se deu conta de que nos últimos dias esteve ocupado demais pensando nela, ansiando o momento em que a veria novamente, ouviria sua voz e sentiria aquela aconchegante paz todas as vezes em que ela sorria para ele, aquele sorriso lindo e sincero.

Ele pousou os olhos em sua boca e mesmo sem conseguir desviá-los sentia que ela o observava, vendo quais seriam suas próximas ações. Sabia que ela também queria muito beijá-lo, no entanto era boa demais a ponto de se jogar em seus braços e trair sua amiga outra vez. Mas já era tarde. Sebastian se localizava demasiadamente próximo para que Zoe tentasse impedi-lo.

Se é que ela realmente o teria impedido. Ela queria. Todavia não conseguira, seu desejo e paixão eram mais fortes que a sua razão, em uma proporção que ela não era capaz de conter. E quando seus lábios já estavam quase se tocando Sebastian sussurrou:

— No fundo, eu gostei de você desde o primeiro instante em que a vi, garota do livro. Apenas não quis admitir.

Aos ouvidos de Zoe essas palavras soaram como um lindo arco-íris num dia chuvoso e fizeram seu coração bater mais forte. Ele poderia e devia estar mentindo, mas não importava, conseguia ver a sinceridade em seu olhar e enxergava a verdade em suas palavras. A verdade era que ela se encontrava tão apaixonada pelo garoto roqueiro e lindo a sua frente, que não queria mais nada além de poder sentir os lábios dele novamente contra os seus.

E eles se beijaram. Profunda e apaixonadamente.

*Is this love that I'm feeling
Is this the love that I've been searching for
Is this love or am I dreaming
This must be love
'Cause it's really got a hold on me
A hold on me*

Foi então que Catarina entrou na sorveteria e ficou indignada ao ver com os seus próprios olhos Sebastian, o seu namorado, beijando aquela esquisita da Zoe. E caminhou até eles impaciente.

— Mas vejam só o que temos aqui! Se não é a garota feia e nerd da escola dando em cima do meu namorado na frente de todo mundo e pelas minhas costas.

— Catarina! — Zoe se levantou surpresa e assustada ao mesmo tempo.

— Nós estamos apenas terminando o trabalho de matemática. Nada de mais. — Respondeu Sebastian com certa ironia, levantando da cadeira para se colocar ao lado de Zoe.

— Ah sim. Então quer dizer que tudo isso era apenas um pretexto pra você se aproximar do Sebastian? — Falou olhando diretamente para Zoe. — Sabia que tinha algo de muito suspeito nesse trabalho proposto pela professora. E você em Sebastian? Me trair com a Zoe? Justo ela, a menina mais sem graça da escola toda?

— Chega, Catarina! Não aguento mais! Esses seus ciúmes já estão me enchendo a paciência.

— Então é assim, Sebastian? Vai mesmo me trocar pela Zoe? A nerd filha do bêbado?

Somente nesse instante Zoe percebeu que aquela a quem chamava de melhor amiga desde os seus dez anos de idade a odiava, sempre a odiou. Talvez estivesse cega demais para não perceber isso. Ou talvez, ela tenha optado por não querer enxergar, afinal por pior que fosse, Catarina foi sua única companhia nos anos que se seguiram após a triste partida de Lia. Foi uma época em que Zoe encontrava-se triste e solitária,

assombrada pela morte da mãe e quebrada em ver a autodestruição de seu pai, ela era apenas uma criança, tendo que suportar tantas dificuldades e conviver com elas. Estava carente de pais, amigos, pessoas que a amassem e apoiassem, em quem ela pudesse confiar, achou que Catarina fosse uma delas, nunca esteve tão errada.

— No fundo, acho que eu sempre soube que você era assim. Mas eu fingia pra mim mesma que não sabia. Durante anos, você foi minha única amiga. E eu a amava como a uma irmã Catarina... — Ela respondeu à pergunta olhando com sinceridade nos olhos de Catarina.

— Eu? Sua amiga? Sua irmã? — Ela soltou uma gargalhada alta, falsa e debochada. — Você enlouqueceu ou o quê, garota? Justo eu, a menina mais bonita, rica e popular da escola ser amiga da garota mais feia, chata e irritante? A filha pé rapada de um pai bêbado e mais pé rapado ainda? Você ainda vai se arrepender de me trocar por essa esquisita, Sebastian.

— Eu? Me arrepender? Nunca! Agora quem enlouqueceu foi você. Os últimos dias que passei com a Zoe significaram muito mais pra mim do que todos esses meses inúteis que namorei você. Catarina, você é a garota mais metida e egoísta que eu conheci na vida. E se tem alguém aqui que é chata e irritante ao ponto de se tornar insuportável, esse alguém é você. E sim, eu me arrependo, e muito, de não ter conhecido a Zoe antes.

— O quê?! — Os olhos de Catarina estavam tomados por uma névoa de ódio e inveja. Sentindo-se absurdamente atingida pelas frias palavras de Sebastian, ela se virou bruscamente em direção à sua adversária, as palavras saindo de sua boca como uma maldição, semelhante àquelas que as bruxas más utilizavam nos desenhos infantis contra as princesas e príncipes encantados. — Escuta aqui garota, você ainda vai me pagar

muito caro por toda essa humilhação! — Disse apontando o dedo indicador furiosa em sua direção — Quem diria que a menina metida à boazinha, a defensora dos fracos e oprimidos, Zoe, seria capaz de roubar o namorado de sua melhor amiga?

— Eu não roubei nada de ninguém. — Manifestou-se Zoe desesperada. — Jamais seria capaz de fazer isso com você. É que vocês já não iam bem e... é difícil de explicar... acho que eu e Sebastian nos apaixonamos. — Ela lançou um olhar de lado para o mesmo, esperando a sua confirmação, sentia-se envergonhada e como se fosse a pior amiga do mundo.

No exato momento em que se virou novamente, Catarina não conseguiu segurar seu ódio e descontrole, desferiu uma bofetada forte e certa em seu rosto.

— Sua falsa, mentirosa e ladra de namorados, eu juro que farei você se arrepender por isso.

— Será que você ainda não entendeu, Catarina? Vai embora, acabou. — Sebastian se colocou na frente de Zoe para defendê-la.

Catarina abriu a boca para murmurar algo, porém logo desistiu, virou-se e saiu andando em direção à saída da sorveteria, sentindo o olhar de todos os presentes, que não entendiam o que se passava com aqueles três adolescentes, caírem sobre ela.

Após a sua tempestuosa partida, Sebastian se virou para Zoe, a qual sentara-se na mesa, com uma das mãos onde a outra lhe batera e demonstrava um semblante triste.

— Não ligue pra ela. — Disse Sebastian passando um de seus braços envolta de Zoe, logo após sentar-se ao lado dela. — Muito menos para as coisas horríveis que ela te disse. Ela não passa de uma idiota e falsa amiga.

— Eu sei. Agora eu sei. — E isso doía muito mais do que um “simples” tapa na cara.

Sebastian fitou-a com olhos cheios de amor e esperança.

— Então... Agora que estamos sozinhos novamente, podíamos tentar continuar de onde paramos, não é mesmo? — Ele sorriu para ela, um sorriso tímido e acolhedor, que ela nunca antes havia visto em seu rosto. Sebastian mudara muito desde que passaram a se encontrar na sorveteria, ele já não era mais o mesmo garoto rude e mal educado, o qual havia esbarrado com ela no corredor da escola semanas atrás, esse garoto do passado abria caminho para um novo Sebastian, que era educado, gentil e gostava muito dela. Isso automaticamente a fez sorrir.

— Bom, já que agora você e a Catarina definitivamente terminaram o namoro, talvez possamos...

— Namorar?

— O quê?!

— Ué, achei que fosse dizer isso.

— Bem, é o que eu ia dizer, talvez. Mas você não acha que está muito cedo? Acabou de terminar com a Catarina

— Por isso mesmo. — Ele segurou as mãos dela. — Zoe, eu gosto de você, de verdade. Como eu nunca gostei de nenhuma garota antes. Você é tão linda e especial, namorar você é o que eu mais quero. Entretanto entenderei se não quiser.

— Não! Quer dizer, sim, eu quero namorar você. Também gosto muito de você, Sebas...

Ela não conseguiu completar a frase, quando se deu conta Sebastian já estava se aproximando dela e no minuto seguinte estava beijando-a. A partir desse dia, eles começaram a namorar.

A dívida

Passava das 22 horas e ele ainda se encontrava sentado em sua cama, segurando uma garrafa de whisky enquanto contemplava um belíssimo porta-retrato em cima da velha mesa de cabeceira ao lado de sua cama. O porta-retrato continha a foto de uma mulher de cabelos um pouco ondulados e ruivos, de um tom de laranja claro que brilhavam como o sol e desciam até um pouco abaixo dos seus seios. Seus cabelos combinavam com o azul de seus olhos que era profundo e misterioso como o céu. Ela era linda, pensou ele, bebericando um gole da garrafa. E tão boa. Uma ótima mãe, uma ótima esposa. Uma pena que as coisas tenham tomado esse rumo.

Seu celular tocou e Augusto se levantou para atendê-lo, deixando a garrafa em cima da mesa de cabeceira, ao lado da foto de Lia.

— Pois não... Sim... Não se preocupe, eu busco a senhora. Já estou chegando aí.

Ele desligou e saiu apressado. Entrou em seu carro, pensou por alguns instantes, não estava bêbado ao ponto de

não conseguir dirigir, colocou o cinto, girou a chave e saiu. Ligou o rádio e então começou a tocar Legião Urbana.

Era a banda preferida de Lia. Os dois ouviam todos os dias desde o instante em que se conheceram. Augusto adorava vê-la cantar as músicas em voz alta, tinha uma voz encantadora, mas isso foi antes de ela partir. Depois que Lia se foi, era como se toda a música que havia no coração de Augusto simplesmente o tivesse deixado de uma hora para a outra, a fim de dar espaço somente à dor, à tristeza e à culpa, principalmente, à culpa.

Nessa noite, Augusto saiu de casa sem avisar Zoe e foi a um cassino clandestino. Após beber muito, encontrou alguns amigos e juntos fizeram apostas altíssimas em diversos jogos. Sentado em uma mesa e estando muito bêbado, apostou tudo o que possuía e depois de não ter mais dinheiro, pegou emprestado com uma mulher que estava sentada ao seu lado.



No dia seguinte, ele aguardava Antonela Hildegart na recepção da *Powerful Cars*. Sentia sua cabeça doer como se dentro dela estivesse ocorrendo a maior batalha medieval de todos os tempos, onde dois exércitos se confrontavam e o tinar do choque de suas espadas o deixavam tonto e nauseado. Esses eram os aparentes efeitos da noite passada. Um breve instante e a secretária apareceu com o intuito de levá-lo à sala de Antonela.

A *Powerful Cars* existia desde 1960, fora criação do pai da madame Hildegart, a qual mais tarde, após a morte de seu pai, recebeu a empresa como herança. Era de fato um prédio belíssimo. Possuía vários andares, era alto e vistoso. Um enorme e deslumbrante outdoor com o nome da empresa estava colocado do lado de fora e em seu interior,

ela ostentava carros das marcas mais caras e famosas. De certo modo, essa visão era como estar no próprio paraíso para os amantes de carros.

Todavia dentro da sala de Antonela, neste exato momento, nada, absolutamente nada, se parecia com o paraíso e as coisas estavam diferentes naquele dia.

— Mas, dona Antonela, eu não tenho como devolver o seu dinheiro. — Augusto falava em um tom suplicante e demasiado desesperado.

— Não quero saber. Emprestei dinheiro a você e agora o quero de volta.

— Mas como? Eu não tenho mais nenhum centavo.

— Isso não é problema meu. Se vira.

— Mas dona...

— Já basta! Eu ordeno que saia imediatamente da minha sala. Não vai querer que eu mande os seguranças cuidarem de você, ou vai?

— Mas...

— Não tem “mas”. Nem menos, nem “meio mas”. Você vai devolver todo o dinheiro que lhe emprestei ontem à noite, naquela espelunca de cassino. Se não pagar sua dívida comigo, vou colocá-lo no olho da rua. Entendeu, faxineiro? Rua! E ainda vou exigir a sua casa como quitação da dívida. Você e a sua filhinha vão morar de preferência debaixo de uma ponte velha, suja e fria.

Percebendo que não possuía mais nenhum argumento, Augusto se virou e foi embora, direto para a sua casa, sentindo

como se o mundo estivesse desabando bem diante de seus pés. Há anos ele se envolvia com dívidas por causa de seu vício em jogos e também na bebida, no entanto não eram nada parecidas com a enrascada na qual ele havia se metido desta vez.

Antes eram apenas pequeníssimas dívidas bobas de bar, mas agora ele simplesmente contraíra uma dívida exorbitante com ninguém mais, ninguém menos, do que a Antonela, a qual além de ser sua patroa, também era a dona da empresa *Powerful Cars*. Uma mulher milionária, cruel, insensível, egoísta e o que mais poderia ser? Nem mesmo Augusto saberia dizer, ele apenas sabia que desta vez havia verdadeiramente cometido um erro gravíssimo e irreversível, e não fazia a menor ideia de como contar isso à sua filha. *Sou um péssimo pai. E também fui um péssimo marido.* Seus pensamentos eram uma mistura de medo e angústia. *Como contarei a Zoe que se eu não pagar essa maldita dívida, nós simplesmente não teremos mais onde morar? Que viveremos na rua e que ela possivelmente terá todos os seus sonhos arruinados?*

Entrou em seu carro e olhou para frente, observando o movimento de carros, pessoas, o cantar dos pássaros no céu. Não conseguiu evitar. E chorou. Chorou muito, por tudo, por todas as coisas que vinham o decepcionando há tanto tempo.

Chegou em casa, foi para o seu quarto e lá encontrou novamente a foto de Lia, no mesmo local em que a deixara na noite passada. Em outras épocas, aquela singela fotografia o ajudou a superar momentos difíceis, a lembrança de Lia lhe dera força, coragem e esperança, entretanto agora mais do que nunca ele necessitava de muito mais do que um simples porta-retrato representando um alguém que não se encontrava mais presente ali.

Nesse momento, ele queria muito mais do que apenas uma representação, ele queria alguém de verdade para estar ao lado dele, alguém com quem pudesse contar. Era a hora de ele retornar ao passado e buscar ajuda com alguém que em tempos distantes já fora muito próxima dele. Ele pegou o celular, discou os números e esperou. Enquanto o telefone tocava, ele continuou observando a foto incessantemente. Esse fora um dia muito feliz e ele se lembrava dele como se fosse ontem. Os dois estavam começando suas vidas juntos, em sua nova casa e enquanto Lia permanecia distraída aguardando algumas flores — ela adorava flores — ele aproveitou para tirar algumas fotos dela. E essa foi a melhor de todas, porque enquanto nas outras ela se encontrava distraída, nessa, especialmente nessa, ela sorria, olhando para a câmera, diretamente para ele e uma luz encantadora e aconchegante emanava de seu belo sorriso.

— Alô. — Alguém atendeu do outro lado da linha, com uma voz calma e suave.

— Heloísa? Será que você tem um tempo? Preciso conversar com você. Eu preciso de você.

Zoe e Sebastian

O despertador de Zoe tocou, fazendo a menina acordar e se levantar lentamente, com muita preguiça de ir à escola, óbvio, afinal ela podia ser extremamente estudiosa e dedicada, mas também era um ser humano, que não era muito fã de acordar cedo.

Tomou um banho rápido, escovou os dentes e trocou de roupa, aquele seu estilo de sempre: uma calça jeans, tênis All Star e o uniforme da escola. Penteou suas lindas e radiantes mechas ruivas, as quais eram uma herança preciosa de Lia, sua mãe. Arrumou sua mochila e foi à cozinha tomar café.

Estranhou a ausência de seu pai, o qual era o primeiro a se levantar e sempre já havia preparado tudo antes de ela chegar. Decidiu procurá-lo em seu quarto, porém não encontrou nada, absolutamente nada do pai. Somente a cama arrumada e algumas latinhas de cerveja espalhadas pelo quarto, ela se perguntava desde quando elas estavam ali. Há um dia? Há uma semana? Bom, isso não tinha tanta importância assim, não naquele exato momento.

Estava mais preocupada com Augusto, que simplesmente desapareceu na madrugada de uma semana atrás sem dar a

mínima satisfação, como se ela não soubesse para onde ele fora — ao bar — e que, desde esse dia, mal a olhava nos olhos. E pelo visto, saíra mais uma vez sem avisá-la. Talvez ele tenha saído mais cedo para não correr o risco de se atrasar. Até porque ela sabia o quanto Antonela era exigente com a pontualidade de seus empregados. Essa foi a hipótese que ela formulou e de fato era a que mais se aproximava da verdade, mas agora o fato era que ela não podia ficar enrolando porque senão seria ela quem se atrasaria para a escola.

Para chegar à escola, Zoe precisava, todos os dias, andar algumas ruas até o ponto de ônibus, que a deixava próxima de lá, entretanto nada disso era um empecilho para alguém como ela, que adorava estudar.

Chegou praticamente junto com sua amiga Anabele. As duas entraram na sala conversando, enquanto Zoe tentava disfarçar um sorriso e alguns olhares apaixonados na direção de Sebastian, que retribui meio sem jeito no momento em que ela se sentou na carteira ao lado.

— Ah! Mas que casalzinho mais fofo. — Anabele cochichou perto de Zoe, usando uma voz parecida com aquela usada para se falar com bebês e animais fofinhos.

— Para Ana... — Zoe cutucou de leve o braço da amiga, a qual cobriu a boca com as mãos para esconder o riso, e olhou timidamente para Sebastian, todavia sorriu ao vê-lo sorrindo para ela também.

— Concordo plenamente com a doidinha da sua amiga, garota do livro. Nós formamos um belo casal.

Novamente Zoe sorriu, sentindo seu rosto corar. Embora já fizessem algumas semanas, estava insegura de assumir o namoro. Não somente pelo fato de Sebastian ser o seu

primeiro namorado ou por ela ainda não o ter apresentado ao pai, era mais por causa daquela discussão ridícula com Catarina na sorveteria, onde Zoe finalmente percebera o quanto ela era falsa. Sentia-se mal, pois apesar de tudo que a outra lhe dissera, ela a amara como a uma irmã e era extremamente difícil acreditar que essa irmã a detestava agora, não, sempre a detestara, ela só demorou a perceber.

Era constrangedor o fato de estar namorando o ex de sua ex-melhor amiga, ainda mais quando essa era sua amiga desde a infância, mas Zoe estava apaixonada por Sebastian. E nada nem ninguém poderia impedi-la de sentir isso.



— *Attention étudiants.* — Uma mulher de estatura média aceitou para os alunos da turma de Zoe, pedindo a atenção e principalmente o silêncio de todos que não paravam um minuto sequer de conversar.

Estavam na sala de artes e a mulher, Francine, de mais ou menos 60 anos, cabelos curtos e brancos como a neve, óculos, casaco e saltos vermelhos e um jeito elegantíssimo e simpático se posicionou na frente dos alunos enquanto falava sem parar, com aquele seu típico sotaque francês.

— Para o próximo semestre, vocês farão uma apresentação da peça *Romeu e Julieta* de William Shakespeare.

Um longo e silencioso murmurinho dos alunos ecoou pela sala e como se não tivesse percebido, ela prosseguiu.

— Lembrem-se, vocês não são obrigados a participar, a não ser que queiram ir com perda de média em artes e correrem todos “contentes” — ela ergueu ambas as mãos para cima abaixando

os dedos indicador e médio duas vezes — para mostrarem a suas mães.

— Oh! Eu quero muito encenar Romeu e Julieta. Mesmo que seja para eu fazer papel de arbusto, é meu romance favorito — Zoe comentou animada com Sebastian, o qual estava a seu lado e, como sempre, com os olhos na tela do celular.

— Arg! Essa peça é ridícula, garota do livro. — Ele respondeu guardando o celular no bolso e olhou para ela — Toda essa coisa romântica, exagerada e melosa, ainda tem aqueles poemas irritantes e aqueles personagens estúpidos com suas famílias chat... — Ele parou de falar ao ser interrompido pela professora. Que agora olhava diretamente para ele e Zoe.

— Eu fiz um sorteio em casa mesmo, e ficou decidido que você, Sebastian, e você, Zoe, farão Romeu e Julieta. — Disse Francine apontando o dedo indicador na direção de cada um.

— Ah, não brinca! — Sebastian debochou virando os olhos e cruzando seus braços em sinal de desaprovação.

Enquanto isso Zoe comemorou seu papel com Anabele, que a abraçou dizendo um longo e audivelmente audível PARABÉNS.

— Você vai arrasar nessa peça como Romeu, garoto do *Assassin's Creed*. — Zoe lançou a Sebastian uma piscadela, sorrindo.

Ele virou os olhos novamente e fez um gesto como se fosse vomitar.

— Bom, esse é o preço para se ter boas notas. Ter que encenar esse clichézinho romântico. — Provocou.

Em outro canto da sala de artes, Catarina lançava um olhar reprovador na direção de Zoe.

— Eu quem deveria ter sido escolhida para fazer o papel de Julieta. Atuo muito melhor do que essa garota ridícula e ficaria bem mais bonita que ela nesses vestidos de época.

— Mas foi por sorteio, Catarina. — Ao seu lado Clarissa comemorava o seu papel de Ama na peça, enquanto Catarina aguardava impacientemente para saber a personagem que faria na peça. Obviamente, não seria Julieta, a protagonista, já que esse papel fora dado a Zoe.

O pior para ela era que Zoe atuaria ao lado de Sebastian, que faria Romeu. O seu Sebastian. Que deveria atuar ao lado dela e não ao lado dessa desleixada.

Catarina estava tão distraída, indignada com o fato de sua rival ter ficado com o papel principal ao lado de Sebastian e não ela, que nem percebeu quando Francine chamou seu nome e se aproximou com o intuito de comunicar qual papel realizaria.

— Professora! Qual personagem farei? Será uma das mais importantes da história ou uma das personagens secundárias? — Tentou ao máximo esconder sua inveja, mostrando uma falsa animação para saber qual seria o seu papel.

— Nem uma coisa, nem outra. Você será uma de nossas figurantes.

— O quê? Figurante? Eu? E as minhas falas? E o meu grandioso papel?

— Sinto muito, querida. Mas foi um sorteio, quem sabe você tenha mais sorte da próxima vez.

— A senhora não pode fazer isso comigo. Sou uma ótima atriz, eu merecia o papel principal e não a Zoe, sou muito melhor do que ela. Mereço um papel de verdade e não ser somente mais uma figurante que nem falas tem.

— Eu já disse, Catarina. Foi um sorteio. Não tenho culpa de você não ter saído com a personagem que gostaria. Se continuar gritando comigo desse jeito nem figurante você será, estará expulsa da peça.

Francine se afastou deixando para trás uma Catarina revoltada.

— Não acredito que até você saiu com uma personagem melhor que a minha. — Lançou um olhar de indiferença em direção a Clarissa.

Na semana seguinte, após o término das aulas da manhã, Sebastian e Zoe foram a uma praça próxima à escola com o objetivo de ensaiar algumas falas da peça, encostados em uma enorme árvore, cujas folhas caíam e dançavam no ritmo do vento.

— *Não, má noite, sem tua luz gentil. O amor procura o amor como o estudante que para a escola corre: num instante. Mas, ao se afastar dele, o amor parece que se transforma em colegial refece.* — Uma breve pausa. — Chega! Isso além de ser muito chato não tem sentido algum, não pra mim. — Disse se levantando.

— Quer mesmo parar agora, Sebastian? Justo quando já está conseguindo decorar suas falas? — Zoe também se levantou.

— Sim. Não aguento mais ter que ficar recitando esses poeminhas inúteis de Romeu e Julieta. Isso é um saco, não sei como você consegue ler e gostar disso.

— Ah Sebastian, — Zoe suspirou sorrindo — pelo visto, terei muito trabalho com você pela frente. Não são somente poeminhas inúteis. É simplesmente o melhor romance desse mundo todo. Uma linda e triste história de amor entre dois adolescentes e...

— Blá, blá, blá. Não adianta, você vai perder seu tempo tentando me fazer ler essa história e dizer: Ai como eu adoro Romeu e Julieta, que história emocionante, que belo casal. Arg.

Zoe balançou a cabeça em um sinal de negação.

— Hum, então quer dizer que você nunca leu Romeu e Julieta.

— É isso mesmo. E pretendo permanecer assim, sem contaminar meu cérebro com toda essa coisa melosa e doce, tão doce que parece que a qualquer momento você vai abrir esse livro e encontrar um formigueiro. Que nojo!

— Mas de jeito nenhum! Você foi sorteado para encenar Romeu na peça, precisa ler o livro para decorar todas as suas falas. E além disso é meu namorado, então você tem a obrigação de ler.

Ela guardou as folhas do roteiro dentro da mochila e tirou seu livro, sentou-se com as costas apoiadas no tronco da árvore e os joelhos dobrados. Fez um sinal para que Sebastian sentasse ao seu lado.

— Você não está pensando em...

— Ler o livro com você? Estou sim. Vou te mostrar que não é uma história boba e sem graça.

— Sem chances. Não vou ler essa porcaria.

Preparou-se para levantar, quando ela segurou seu braço.

— Vai sim! — Zoe ordenou com uma voz séria, no entanto em seus olhos Sebastian podia ver que ela não estava querendo ser mal educada com ele. — Por favor. — Essas últimas palavras soaram num tom suplicante e fofinho ao mesmo tempo, juntamente com ela lançando a ele um olhar um tanto encantador com aquele belo par de olhos cor de mel.

— Tudo bem, você venceu. Mas não fique criando expectativas, eu não vou gostar.

— Isso é o que veremos.

Ela se aproximou mais dele, fazendo Sebastian automaticamente envolvê-la com seu braço, segurando um lado do livro com sua outra mão, enquanto ela segurava o outro. E começaram a ler juntos.

Um jantar na mansão Hildegart

Catarina Ibrahim estava distraída e um tanto perdida, observando a enorme beleza que se fazia presente em cada canto da mansão Hildegart. Ela passou longos anos longe dessa vida de conforto e glamour quando sua família se viu falida, época essa em que ela foi praticamente obrigada a ser matriculada em uma escola pública, lugar onde acabou conhecendo Zoe.

Aquela garota ridícula.

O ódio ainda faiscava no coração e na mente de Catarina. A inveja e os ciúmes que sempre sentira por Zoe deixavam, agora, de serem vagas sensações para se tornarem grandes obsessões em sua vida. Apenas um sentimento era capaz de suprir a todos os outros: vingança. Naquele dia, na sorveteria, ela jurara a si mesma que faria Zoe pagar por toda a humilhação que sempre a fez passar e não descansaria enquanto não arruinasse sua vida para sempre e tomasse de volta para o que era seu por direito: Sebastian.

Não se importava verdadeiramente com ele, não o amava ao ponto de sofrer por perdê-lo, pelo contrário, estava mais interessada no dinheiro e status do que no garoto rebelde e idiota. O que contava era que ela o havia encontrado primeiro, e não aceitaria perder seu namorado rico e herdeiro de uma das maiores empresas do país. Principalmente se fosse para a nerd filha do bêbado.

— Catarina! Quanto tempo, querida. — Antonela descia as escadas, em um deslumbrante macacão longo e preto, acompanhado de saltos da mesma cor, os quais produziam um som de “toc toc” enquanto ela desfilava como a madame chiquíssima que era ao encontro de Catarina.

As duas se abraçaram, fora de Antonela a ideia de convidar sua querida e futura nora para um chá em sua aconchegante mansão. Ela pediu à menina para se sentar no sofá ao seu lado. Era sábado e Sebastian estava na casa de seu primo Yohan, ensaiando com seus amigos para um show que fariam no próximo final de semana.

— Então, como anda seu namoro com o Sebastian?

— Não estamos mais namorando, ele terminou comigo há dois meses. — O tom de Catarina era sério e demonstrava uma forte decepção que mascarava toda a sua falsidade.

— Como assim, terminou com você?

— Ele simplesmente me trocou por aquela que eu pensava ser a minha melhor amiga, a Zoe, filha do Augusto Dorneles, um dos faxineiros da sua empresa.

Essa informação pegou a dona da casa de surpresa, uma surpresa mais que desagradável. Augusto Dorneles, o faxineiro pobre e bêbado de sua empresa, o qual possuía uma dívida

enorme com ela. E era a filha dele que Sebastian namorava agora. Uma notícia intragável em um dia que amanhecera de forma tão bela, prometendo ser agradável. Uma doce mentira.

— O quê!? Sebastian está namorando a filha daquele bêbado inútil? — Disse por fim, colocando a xícara de chá em cima da pequena mesa à sua frente.

Catarina balançou a cabeça em sinal de afirmação, fazendo a outra se levantar furiosa.

— ISSO NÃO PODE FICAR DESSE JEITO! O meu filho não vai ficar de namoro com essa garota pobre coitada, que já não tinha onde cair morta, agora então que seu pai perdeu tudo graças a uma dívida que contraiu comigo há alguns dias...

— Dívida!? — Catarina se levantou subitamente. — Como assim perdeu tudo? Além de alcoólatra, Augusto também é viciado em jogos, então quer dizer que ele apostou tudo que tinha em um jogo e agora ficou sem nada?

— Isso mesmo. E se ele não devolver o dinheiro que lhe emprestei terá que morar com sua filha debaixo de alguma ponte.

Tudo isso soou como música aos ouvidos de Catarina, parecia que finalmente encontrara uma maneira de separar o patético casal e se vingar de sua rival. Após as duas muito debaterem sobre os últimos acontecimentos e colocarem suas fofocas em dia, haviam terminado o chá e a adolescente foi embora, disposta a colocar seu plano em ação.



Sebastian convidou Zoe para um jantar em sua casa, a fim de apresentá-la à sua mãe. Ainda não havia comunicado a mesma sobre o término de seu namoro, que, por sinal, Antonela

aprovava e muito, sendo Catarina a filha única da família Ibrahim, que também era muito rica.

Era possível que sua mãe desaprovasse completamente o fato de Zoe ser a sua nova namorada, pelo simples fato de ela ser pobre e seu pai trabalhar de faxineiro na empresa. Entretanto estava mais que apaixonado pela garota ruiva e leitora fiel de Romeu e Julieta. Queria muito que sua mãe aceitasse e apoiasse isso. Zoe o fazia feliz, ela era especial para ele, de uma forma que nunca ninguém antes havia sido. Ele só não imaginava que Antonela conseguiria ser ainda mais desagradável do que o esperado.

Os jovens chegaram por volta das 19 horas, entraram e encontraram a casa em silêncio.

— Sebastian, você tem certeza que hoje é o melhor dia para me apresentar a sua mãe? E se ela... sei lá... não gostar de mim?

— Essa é a única certeza que nós temos. Suspeitaria se ela simpatizasse com você, geralmente ela não gosta de nada e de ninguém, acho até que não goste nem de si mesma.

Ele se virou e percebeu que Zoe o fitava com um olhar tímido e assustado.

— Relaxa, garota do livro. Você vai se sair bem. — Falou colocando as mãos em ambos os ombros da menina e olhou em seus olhos com o objetivo de acalmá-la.

Seguiram de mãos dadas até a sala de jantar e ficaram conversando ao passo que Sebastian apresentava Zoe às simpáticas empregadas que arrumavam a mesa do jantar. Elas que sempre estiveram muito mais presentes em sua infância e vida do que sua própria mãe, que não demorou a aparecer, sendo pega de surpresa mais uma vez, pela cena de seu filho aos beijos com a presença inusitada em sua casa.

Então essa é a filha do Augusto.

Os longos cabelos ruivos da menina a fizeram lembrar da mãe da garota, Lia, que fora secretária de seu marido na *Powerful Cars*. Antonela nunca havia simpatizado muito com a falecida mulher, sempre suspeitara que ela tivesse tido um caso com seu marido. No entanto, isso não importava mais, Lia estava morta e enterrada, seu marido, vivendo em Paris com alguma amante sem importância. Era Zoe quem estava na sua frente.

— Sebastian! — Sua voz era arrogante e autoritária ao mesmo tempo.

— Mãe.

— Por que não me avisou que traria uma amiga? Teria um enorme prazer em preparar algo especial para ela. — A ironia em sua voz era perceptível.

— Amiga? Sebastian, você me disse que havia contado à sua mãe sobre nós e que eu viria aq... — Zoe sussurrou para Sebastian, até ser interrompida por ele.

— Mãe, eu quero te apresentar à Zoe, minha namorada.

— Namorada!? — Ela olhou a menina de cima para baixo em uma desaprovação e deboche evidentes. — Pensei que esse título pertencesse à nossa adorável Catarina.

— Pertencia. Agora, minha namorada é a Zoe.

— É... é um prazer conhecê-la, senhora Hildegart. — Gaguejou Zoe, nervosa sob o olhar indiferente da mulher.

— É uma pena eu não poder dizer o mesmo. Realmente, Sebastian, você não sabe escolher suas amizades, trocar Catarina por isso...

— Isso o quê? A senhora não consegue se controlar por um instante sequer? Nem conheceu Zoe direito e já está aí fazendo suas acusações e considerações preconceituosas?

— Não preciso conhecer essa garota para saber que ela não tem onde cair morta e que o óbvio: está com você por puro interesse em nosso dinheiro.

— O quê!? — Zoe estava em choque com aquela acusação absurda.

— Na verdade, eu conheço você, menina. Você é a filha do meu faxineiro, Augusto. Sinceramente não consigo entender como ele conseguiu criar você, sozinho e bebendo daquele jeito. Não me surpreenderia se você tivesse alguns distúrbios mentais, os mesmos que deixaram sua mãe louca a ponto de fazer o que fez.

— A... eu... — Zoe não sabia o que responder, não era necessário que ninguém lhe dissesse o que se passava ali. Antonela a odiara. Sua vontade era sair dali correndo, para bem longe daquela mulher. Ouvira boatos a respeito do fato de ela ser uma pessoa desprezível, uma mulher amarga e insensível. Contudo pensou que tudo não passasse de um exagero.

— Já chega, mãe! — Sebastian tentou repreender a mãe, percebendo que fora um erro levar Zoe até lá sem avisá-la. Agora a pobre menina sofreria com a crueldade das palavras de Antonela.

— Não, Sebastian. Estou apenas começando. O que pensa que está fazendo trazendo essa garota para a nossa casa? Olhe só para ela. — Apontou para Zoe, expondo a menina como se ela fosse um alienígena vindo direto de Marte ou um monstro nojento e horrendo. — Não passa de uma interesseira. Uma pobre coitada. Vai mesmo querer namorar a filha de um bêbado pé

rapado? Que ainda por cima é o faxineiro da empresa da sua mãe, um empregado qualquer e incompetente da sua empresa. Mande essa menina embora de uma vez. Esse aqui não é o lugar dela. Você merece algo muito melhor do que essa garota. Ela não é como nós.

— É claro que ela não é como nós, não é como a senhora, ela é muito melhor, ela sabe ser uma pessoa boa e gentil diferente da senh...

— Basta, Sebastian! Você só sabe me decepcionar. — Virou-se para Zoe. — E quanto a você, garota, vá embora. Volte para o seu muquifo, junto daquele imprestável do seu pai. Não ouse colocar seus pés novamente nesta casa. Não quero saber de você namorando o meu filho, ele não é para gatinha como você. E essa casa não foi feita para ser alvo de invasões da ralé.

— Gatinha como eu? — De repente Zoe sentiu uma leve coragem despertando dentro de si, não conseguia se manter quieta, apenas escutando os insultos que saíam da boca da mãe de Sebastian. — Então a senhora está me expulsando da sua casa só porque sou pobre e filha do faxineiro da sua empresa?

— Se meu filho deseja passar a vergonha de ser visto ao seu lado, perante todos os nossos amigos, isso é problema dele. Da minha parte você não coloca mais seus pés imundos aqui. Vai sair da minha casa agora ou prefere ser expulsa aos chutes como um cachorro vira-lata?

— Foi uma péssima ideia me trazer aqui. — Zoe lançou um olhar banhado em lágrimas na direção de Sebastian, o qual encontrava-se paralisado e sem palavras diante da situação que ele mesmo criara.

Saindo daquele terrível transe, ele correu atrás dela, ignorando completamente sua mãe.

— Zoe. Não vá. Me espere. Eu sinto muito por tudo isso. — Disse assim que conseguiu alcançá-la.

— Agora não, Sebastian. — Havia uma raiva profunda estampada em seu rosto, a qual se misturava às lágrimas. Ela se virou para ele. — Por que fez isso? Por que me trouxe até aqui? Mesmo sabendo o quanto sua mãe era cruel, mesmo sabendo o quanto ela me odiaria.

— Eu não imaginei que ela seria tão...

— Me poupe, Sebastian. A verdade é que você me trouxe aqui essa noite não para me apresentar à sua mãe como sua namorada, mas como uma provocação, um motivo para tirá-la mais uma vez do sério. Porque é só isso que você sabe fazer, tirar a sua mãe do sério. Eu só não imaginei que seria capaz de me usar para conseguir isso, me colocar no meio dessa sua guerra ridícula com a sua mãe.

— Não era isso, eu juro. Eu só queria fazer as coisas do jeito certo, apresentando você à minha mãe...

— Jeito certo? Você mentiu pra mim, Sebastian e também mentiu para a sua mãe. Ela não fazia a menor ideia de que você me traria aqui hoje. E a idiota aqui foi toda contente achando que a mãe do seu namorado estaria lá à espera, ansiosa para conhecê-la.

— Está bem. Eu cometi um erro. Perdoe-me. Acontece que ela jamais me daria ouvidos se eu dissesse quem você era antes de trazê-la aqui.

— E foi então que decidi me trazer sem avisá-la. E foi ainda pior. Nunca fui tão humilhada em toda a minha vida.

— Zoe, eu sinto muito mesmo. Fui um idiota. Não fique assim, não gosto quando você chora. — Ele estendeu uma das mãos para acariciar o rosto dela.

— Não toque em mim. — Ela deu um passo para trás, afastando-se do toque dele. — Você não passa de um garoto mimado, Sebastian, que não sabe medir as consequências dos seus atos. Essa é a verdade. Não sei como pude achar que nós dois poderíamos dar certo.

— Do que está falando? Eu amo você.

— Você só ama a si mesmo. Deveria voltar com a Catarina, afinal foi como sua mãe disse: não sou boa o bastante para você.

Ele tentou segurar o braço dela, chamar o seu nome, mas ela o ignorou.

— Fique longe de mim, Sebastian. Vamos acabar aqui o que nunca deveríamos ter começado.

E foi embora, deixando para trás um Sebastian triste, arrependido e solitário.

Minha querida amiga

A cima de seu corpo, no teto, a insistente hélice do ventilador não se cansava de girar, girar e girar, provocando um certo embaraço não só em sua vista, mas também em sua pobre mente, a qual já estava tão conturbada. O calor que antes sentia se dissipara totalmente à medida que o vento circulava entre as quatro paredes do pequeno quarto de Anabele, tornando o ambiente cada vez mais frio e sua mente cada vez mais sombria, mergulhada em pensamentos vazios e tristes. De repente, uma voz familiar tirou-a bruscamente desse estado de transe.

— Zoe! Tô falando com você há horas e não prestou atenção em uma letra de nenhuma palavra que eu disse. — Anabele estava em pé na sua frente, segurando uma blusa que dobraria quando percebeu que não estava recebendo atenção suficiente da amiga.

Zoe se encontrava no quarto de Ana, deitada em sua cama, enquanto a amiga não parava de tagarelar sobre o final de semana que passaria na casa de seus queridos avós. E ao mesmo tempo, andava para lá e para cá, pegando coisas e enfiando em uma enorme mala de viagem em cima de sua cama, que já estava mais do que lotada.

— Ah... Desculpa amiga, é que estou um pouco distraída hoje. Você ia dizendo... — Zoe respondeu se levantando para ficar sentada na cama.

— Ah sim... Deixa só eu ver onde eu parei... Hum... Lembrei! Eu estava falando de como a minha avó é velha, mas ela também é muito gente boa. Ai, Zoe, um dia vou te levar para conhecê-la, você vai gostar dela e também vai gostar do meu avô, ele só é meio maluquinho, mas você já deve estar acostumada com pessoas assim, né?

— Mas é claro. Você é um típico exemplo — Zoe riu e se levantou rapidamente para se desviar de um travesseiro que veio certo em sua direção.

— Só não faço uma segunda tentativa de acertar esse travesseiro na sua carinha porque preciso terminar logo de arrumar minhas malas. Sua mala sem alça. — Ela sorriu e retirou de dentro do guarda-roupa mais um lindo vestido. Esse era curto e rosa.

— Que tal esse aqui?

— Hum, ele até que é bonitinho. Mas amiga, acho que não tem necessidade de você levar tanta roupa assim. É só um final de semana e não um ano inteiro.

— Quanto exagero. Além do mais, preciso causar boa impressão.

— Em quem? Deixa eu adivinhar... Naquele menino que você me falou que é vizinho dos seus avós, né? Como era mesmo o nome dele? Era algo parecido com Noah?

— Para sua boba. — Novamente Ana atirou o travesseiro, dessa vez pegando o rosto de Zoe em cheio quando ela tentou se defender com as mãos e logo em seguida as duas caíram nas gargalhadas.

Zoe deitou de novo na cama e balançou a cabeça em concordância com qualquer coisa que Anabele disse e deu um singelo sorriso, o mais verdadeiro que conseguira até agora. Por mais que se esforçasse, não conseguiria prestar atenção em uma única palavra que sairia da boca da amiga.

Não enquanto seus pensamentos estivessem concentrados em Sebastian. Ela não falou mais com ele desde o episódio em sua casa, com a sua “gentil” mãe. Ficara profundamente decepcionada com ele por não ter avisado Antonela que a levaria para jantar na casa deles.

Ele me disse que ela sabia.

Ele mentiu pra mim.

Não era só pelo fato de ter sido simplesmente humilhada por Antonela, mas era por Sebastian tê-la enganado e permitido que passasse por tudo isso. Por menor que tenha sido a mentira dele e a sua omissão, o resultado foi péssimo. E ele poderia, se quisesse, ele poderia ter evitado.

Mas não. Não foi isso que ele fez.

Ele fez de propósito.

Não para magoá-la, mas para irritar a mãe.

Ele é mesmo um idiota.

Pegou seu celular à procura de alguma mensagem.

Dele.

Mas não havia nada, nenhum sinal dele. *Deve ter desistido*, pensou. De repente chegou uma nova notificação. Era uma nova mensagem.

Eu sei que fui muito idiota e imaturo naquele dia. E imagino o quanto ainda deve estar magoada. Mas por favor! Assim que

você sair da sorveteria hoje me encontre naquela pracinha, no mesmo lugar onde ensaiamos todos os dias, para que possamos conversar e resolver tudo isso. Vá se ainda quiser ser a minha Julieta, se não vier, saberei que não me ama mais e que realmente não quer mais ser minha namorada. Um beijo mais que apaixonado do seu,

Garoto do Assassin's Creed.

Aquelas palavras derreteram o coração de Zoe, por mais que ainda estivesse magoada com Sebastian, ela desejava e muito encontrá-lo. Ela o amava e queria ser para sempre a sua Julieta. A sua namorada. Mesmo que a mãe dele não a achasse boa o suficiente, pois Zoe sabia que com o tempo poderia mostrar que Antonela estava enganada, ou não.

Após terminar de ler e reler a mensagem inúmeras vezes, seus olhos andaram pelo celular, da mensagem às horas. *As horas!* De repente percebeu que estava absolutamente atrasada. Apressadamente se despediu de Anabele e correu direto à sorveteria.



— Zoe! Isso são horas, menina? — Um homem gordo e de baixa estatura que usava um avental com a logo da *Compre um Sorvete* estava dentro do balcão da sorveteria cuidando da caixa registradora.

— Desculpe, seu Heitor. Prometo que isso não vai se repetir.

— Acho bom.

Zoe entrou na cozinha, colocou seu avental e começou a servir os clientes. Depois de um tempo:

— Menina, tenho que ir ali ligar para os fornecedores e confirmar novas entregas, nosso estoque está por um fio e os clientes não param de chegar. — Heitor disse ao ver Zoe se aproximando do balcão. — Portanto preciso que fique aqui atendendo os clientes e cuidando da caixa registradora até eu voltar.

— Tudo bem.

Ele assentiu e ela se dirigiu ao caixa, atendendo os clientes que vinham ao balcão para fazer seus pedidos e efetuar o pagamento. Por um tempo, os clientes deixaram de ir ao balcão e Zoe não desperdiçou a chance de ler algumas páginas de *Orgulho e Preconceito*, mais um de seus romances favoritos. Mas só até perceber que alguém se aproximava.

— Em que posso ajudar? — Respondeu sem tirar os olhos do livro enquanto o fechava e o guardava.

— Bom. Eu só queria poder conversar novamente com a minha querida amiga.

O tom de sarcasmo naquela voz era para Zoe algo muito além de somente familiar. E quando a ouviu, ela tirou seus olhos do livro bruscamente para encarar a portadora daquela voz.

— Catarina. O que você está fazendo aqui?

— Ora, mas que pergunta mais estúpida. O que você acha que uma pessoa quer quando vem a uma sorveteria? Eu quero um delicioso sorvete.

— Primeiro disse que queria conversar comigo.

— Eu não disse que queria conversar com você. Disse que queria conversar com a minha querida amiga. — Ela acenou para Clarissa, que estava sentada em uma das mesas. — Você não é minha amiga, nunca foi.

— Talvez pra você eu nunca tenha sido sua amiga, mas para mim, sim. E para mim você sempre foi minha melhor...

— Chega! Não faz ideia de como sua voz é irritante. Aceite, Zoe. Eu te odeio e sempre te odiei. Sempre.

— Está bem. Então faça o seu pedido e o da sua querida amiga.

— Como anda seu namoro com o *meu* Sebastian? Opps. É mesmo, como sou distraída, soube que vocês brigaram. Vou fingir que me importo. Ah não, eu me importo sim.

— Claro que se importa. Imagino o quanto deve estar contente com isso.

— Sim, eu estou muito contente. E ficarei ainda mais.

— Por quê, Catarina? Por que isso a deixa tão contente? Você nunca gostou dele de verdade, sempre foi por causa do dinheiro.

— Isso é apenas parcialmente verdade. E respondendo a sua pergunta, me deixa muito contente te ver sofrendo por um namorado que não foi feito para garotas como você. E sim para garotas como eu. Antonela também pensa assim. Somos grandes amigas. A propósito, você finalmente a conheceu. E então? Gostou dela? E ela? Ela gostou de você?

— Estou farta dessa conversa. Faça logo seu pedido e vá embora. Já que não podemos ser amigas, então pelo menos permaneça distante de mim, não gosto da ideia de ser sua inimiga. E quanto ao Sebastian... Sim, nós brigamos, mas já estamos bem perto de fazer as pazes. Vamos nos encontrar assim que eu sair daqui.

— As pazes? — Catarina riu sarcasticamente. — Realmente você é o tipo que perdoa rápido uma mentira. Mas e duas? E se incluíssemos também seu pai na história?

— Não entendo o que está tentando insinuar.

— Hum... Foi como pensei, seu pai ainda não te falou da dívida.

— Mas que dívida?

— A dívida exorbitante que ele contraiu com a nossa amável Antonela. Cá entre nós — ela se aproximou de Zoe como se fosse lhe contar um segredo e sussurrou: mas parece que vocês não terão nem mais onde morar por causa dessa dívida, vocês perderão tudo. — Ela enfatizou a palavra tudo e olhou para Zoe como se estivesse preocupada e decepcionada. — Mas que lástima. Parece que o Sebastian não te contou isso também. Que ótimo namorado, não? Esconder de você que a mãe dele pretende mandar você e seu pai para a rua. E seu pai então? Essa com certeza vai ser a maior burrada que ele já fez na vida. Ah, e sobre o sorvete deixa para lá, já passou a vontade. Eu e Clarissa vamos ao shopping fazer compras. Bom encontro pra você e para o Sebastian.

Zoe ficou horrorizada ao ver Catarina sair. Cada palavra que ela tinha dito era completamente absurda.

Que história é essa de dívida com a Antonela?

Foi então que se lembrou da noite em que seu pai saíra sem lhe avisar e que desde então andava muito quieto e distante.

Não. Não pode ser. Mas e quanto ao Sebastian. Ele sabia e não me contou? Como ele pôde? Como os dois puderam esconder algo tão grave de mim?

Estava confusa, muito confusa, mas acima de tudo estava magoada. Estava extremamente magoada com as duas pessoas que ela mais amava nesse mundo. E ela precisava tirar essa história a limpo com Sebastian. E depois com seu pai.

Encontro na pracinha

A noite aproximava-se lentamente, expulsando aos poucos a luz do dia e banindo o sol para a sua escuridão. As luzes dos postes da modesta pracinha já estavam acesas, e um brilho artificial iluminava as árvores, os bancos e um pequeno playground onde algumas crianças ainda brincavam sob a supervisão de seus respectivos pais. Próximo a uma das árvores, Sebastian não parava de andar de um lado para o outro. Volta e meia consultava seu celular para ver as horas, que antes insistiam em não passar. Agora se pareciam mais com um instrumento de tortura que para o seu desespero diziam: Ela não vem.

Decidiu sentar-se em um dos bancos, refletindo sobre o frustrante jantar em sua casa com ela — que acabou não acontecendo — e se culpando. Embora não quisesse admitir para si mesmo, ele poderia ter evitado toda aquela situação. Mas se tivesse contado à sua mãe, era provável que ela teria se recusado a descer para o jantar e cumprimentar a nova namorada de seu “amado” filho. No entanto, ele não imaginava que ela, no final das contas, acabaria fazendo aquilo. Não fazia a mínima ideia de que sua mãe poderia reagir daquela forma, dizendo todas aquelas coisas horríveis a ponto de fazer Zoe sair de sua casa

com lágrimas nos olhos. Ver o modo como ela praticamente fugiu dele naquele dia e o seu olhar que possuía uma mistura de raiva, tristeza e desilusão, fez Sebastian sentir-se a pior pessoa do mundo.

A verdade que ele tentou esconder de si mesmo durante todo esse tempo era essa. Ele a amava. E ela era a única pessoa no mundo que o compreendia e fazia-o deixar de ser o rebelde delinquente que era para se tornar o seu garoto do *Assassin's Creed*. Que adorava ir com ela na pracinha para ler *Romeu e Julieta*, ficar ouvindo música e conversando com ela na sorveteria, levá-la ao cinema para ver filmes de terror só para ela se aproximar mais dele e abraçá-lo todas as vezes que apareciam as cenas de suspense. E acima de tudo, ele adorava o seu sorriso, não qualquer sorriso dela, mas aquele que era reservado somente a ele. Queria muito que ela viesse, para que assim fizessem as pazes e ficasse tudo bem entre eles. Mal conseguia se conter de vontade de abraçá-la novamente.

De repente, ele olhou para frente e avistou uma bela moça vindo em sua direção. Usava óculos e seus longos cabelos ruivos e ondulados estavam presos em um rabo de cavalo. Era ela. Sebastian se levantou indo ao seu encontro, sentindo seu coração acelerar. Mas ela não parecia nem um pouco feliz. Estava zangada. Muito zangada.

— Você veio — ele disse por fim, sem saber como começar.

— Sim — o tom de Zoe era de uma pessoa que havia passado da raiva para a decepção. — Precisava esclarecer algumas coisas com você.

— Sobre aquele dia, sinto muito. Foi errada da minha parte mentir para você colocando-a naquela situação.

— Realmente. Parece que você adora esconder coisas de mim.

— Não, é que...

— Então, quando é que ia me contar sobre a dívida do meu pai com a sua mãe?

— Mas como assim? Que dívida? — *Minha mãe não me falou sobre isso*, pensou.

— Você vai mesmo se fazer de desentendido, Sebastian? Então está bem. Como reagiu ao saber que sua mãe quer colocar meu pai e eu para morarmos na rua? Porque ela pretende ficar com a nossa casa como quitação da dívida e mesmo assim, ainda vai faltar muito dinheiro.

— Não sei do que você está falando. Eu não sabia de nada disso. Eu juro.

— Já mentiu para mim uma vez, não custaria nada mentir de novo. Achei que poderia confiar em você, mas eu estava enganada. Foi a Catarina quem me contou. Ela, a minha ex-melhor amiga, que me odeia. E não você, o meu próprio namorado.

Catarina. Eu já devia ter imaginado.

— Exatamente. E você vai preferir acreditar nela do que em mim? Já falou com seu pai? Vai ver essa história não passa de uma invenção da Catarina para nos fazer brigar de novo, e me parece que ela conseguiu.

— Não acho que seja uma invenção dela, ela me disse que foi sua mãe quem contou a ela. E se for mesmo verdade, o que faremos? Não vamos conseguir pagar a dívida só com a casa. O que vai ser de mim e do meu pai? Onde vamos morar? O que vamos comer? Como viveremos? — A raiva que Zoe sentia havia se transformado rapidamente em desespero.

Sem conseguir se controlar começou a chorar copiosamente. E rapidamente Sebastian a abraçou na esperança de acalmá-la e confortá-la.

— Não fique assim. Vou conversar com a minha mãe. E tentarei fazer de tudo para que ela mude de ideia. Não deixarei você e seu pai morarem na rua. Eu prometo. Daremos um jeito de resolver tudo isso e pagar essa dívida. Vai ficar tudo bem, Zoe.

Eles ficaram abraçados por mais algum tempo e depois que Zoe já estava um pouco mais calma, Sebastian enxugou algumas de suas lágrimas gentilmente com os dedos e a acompanhou até sua casa.

A garota se despediu dele com um beijo e entrou em casa. Meio sem coragem e meio preocupada. Encontrou o pai sentado na mesa da cozinha com uma garrafa de cachaça na sua frente, não estava tão cheia, porém também não estava vazia. Esse era um sinal de que ele não se encontrava tão bêbado a ponto de não poder conversar com ela.

— Filha, você chegou — Augusto se levantou ao perceber a presença dela na cozinha. — Aconteceu alguma coisa? Parece tão...

— Quando pretendia me contar da sua dívida com a Antonela, papai?

Vendo a expressão do pai na qual havia um misto de surpresa, medo e arrependimento não teve mais dúvidas. Catarina falara a verdade.

— Como conseguiu fazer isso, pai? Como conseguiu contrair uma dívida assim tão grande? E com a Antonela? O que o senhor fez dessa vez?

— Está bem — ele se levantou demonstrando cansaço e desânimo. — Vou contar como tudo aconteceu. Foi em uma noite

em que eu estava aqui em casa, quando recebi uma ligação dela. Queria que eu fosse buscá-la na empresa, parece que precisou ficar até mais tarde para resolver alguns assuntos, sei lá. Só que no caminho pediu para que eu a levasse a um Cassino, não lembro direito o nome do lugar. Acontece que não consegui resistir e acabei entrando com ela. Encontrei alguns amigos meus que também estavam lá e então começamos a beber. E a apostar em vários jogos. Até que começamos a jogar todos juntos um mesmo jogo. Eu, ela e mais algumas pessoas. Não sei o que deu em mim, acho que perdi a cabeça e acabei apostando tudo e perdendo. Eu não tinha mais nenhum centavo e ia parar de jogar, mas Antonela estava sentada do meu lado e não sei se foi por pena ou por outra coisa, o fato é que ela acabou me emprestando dinheiro para que eu não precisasse sair do jogo. Acho que ela também estava muito bêbada pra fazer isso. Mas depois disso, aí sim não consegui parar de jogar, o problema é que eu não conseguia vencer uma partida e quando me dei conta já estava devendo muito dinheiro a ela.

— Simplesmente não sei o que dizer. Como pôde ser capaz de apostar todo nosso dinheiro em um jogo sabendo que estava perdendo? Ainda por cima aceitar dinheiro da Antonela. E muito dinheiro por sinal.

— Eu sinto muito, minha filha. Não sei o que foi que deu em mim. Não era para isso ter acontecido. Desculpe-me, Zoe.

— Desculpe-me? Para, pai. Vá dizer isso à Antonela. Quem sabe ela não acabe perdoando a dívida e assim nós não precisaremos morar na rua? Dessa vez o senhor foi longe demais, ultrapassou todos os limites.

— Eu sei. — Ele abaixou a cabeça envergonhado.

— Não, pai. Isso é o pior de tudo. O senhor não sabe. Nossa situação financeira nunca foi das melhores. E ao invés de ajudar o senhor só piorou tudo com o passar do tempo, gastando o pouco dinheiro que tínhamos com bebidas e jogos. A minha mãe morreu quando eu tinha sete anos. E desde então eu fiquei praticamente sozinha no mundo. Porque o meu pai que deveria ter ficado em casa cuidando de mim preferia ficar em bares. E quando ele finalmente arruma um emprego digno e com um bom salário simplesmente vai e faz isso.

Um terrível silêncio caiu sobre a cozinha e vendo que Augusto estava parado olhando o chão cabisbaixo e sem palavras, Zoe desistiu da conversa e foi para o seu quarto.

Após tomar um banho, deitou-se em sua cama. Ela fitava o teto na escuridão, esperando o sono chegar enquanto sua mente divagava por inúmeras cenas e rostos de acontecimentos passados. Ela via Sebastian com seu olhar debochado encarando-a no dia em que se conheceram, quando haviam acabado de se esbarrar no corredor da escola. Pensou em sua amiga Anabele e no quanto ela havia sido boa para ela desde quando se conheceram. Zoe viu em sua mente até mesmo o rosto de Catarina e permitiu-se fechar os olhos e sorrir ao se lembrar da época em que eram amigas e dos bons momentos que passaram juntas. Mas logo sentiu as lágrimas descerem quentes de seus olhos quando se lembrou de Antonela e do modo como foi tratada quando esteve em sua casa com Sebastian. Também viu o rosto do pai e o arrependimento explícito nos olhos dele quando confirmou as suspeitas de Zoe. Ela até queria ficar com raiva dele ao ponto de odiá-lo, mas não conseguia. Apesar de tudo, ele era seu pai e ela sempre o amaria, até mesmo quando ele estivesse bêbado e contraindo diversas dívidas. E no meio de tantos rostos de pessoas vivas, o rosto de sua mãe apareceu

mais uma vez em suas memórias, nítido e claro como na última vez em que a viu.

Bocejou e percebeu que finalmente o sono havia chegado, fechou os olhos e dormiu com o rosto de Lia na mente, pensando em como era feliz quando ela estava viva e como queria que sua mãe estivesse viva e ali com ela novamente.

Romeu e Julieta

— Sim, Ana. Eu já devo ter dito isso umas dez mil vezes: Nós estamos bem.

As janelas abertas do pequeno e aconchegante quarto de hóspedes de Heloísa deixavam entrar um vento frio que fazia com que as cortinas dançassem em uma lenta melodia e ao mesmo tempo provocavam arrepios em Zoe, que acabou se decidindo por fechá-las. Uma fina chuva começava a cair.

E do outro lado da linha, Anabele confirmava se realmente estava tudo bem com sua amiga, pois precisou, acompanhada do pai, deixar sua casa por causa da dívida com Antonela, que não quis perdoá-la, mesmo sob pressão dos insistentes pedidos do filho, Sebastian.

— Por enquanto, vamos ficar aqui na casa da professora Heloísa. Ela está sendo muito gentil em nos ajudar. Mas eu não quero me aproveitar de sua boa vontade. Só que eu e meu pai estamos sem um centavo para comprar nem mesmo comida, imagine para arrumar um novo lugar para morarmos.

— Ok. Se você está dizendo que estão bem, eu acredito. A professora Heloísa é mesmo muito gente boa de deixar vocês ficarem aí. Embora eu ache que seja mais por causa do seu pai.

— Como assim por causa do meu pai, Ana?

— Vai me dizer que nunca percebeu que os dois são completamente apaixonados um pelo outro?

— Quem? O meu pai e a professora? Apaixonados? Você deve estar enganada An...

Foi então que se lembrou de algumas de suas antigas reuniões escolares onde seu pai e Heloísa ficavam conversando por horas mesmo depois da maioria dos pais e professores já terem ido embora. Eles até pareciam se conhecer há muito mais tempo do que Zoe imaginava que se conhecessem. Também se lembrou daquele dia em que ela havia chegado em casa e os dois estavam conversando na cozinha como bons e velhos amigos. E se bem havia prestado atenção, os dois realmente pareciam ter muita afinidade entre si, e também havia algumas trocas de olhares bem suspeitas. Foi então que sua ficha finalmente caiu.

— ...ah você está certa. Acho que meu pai gosta da nossa professora, e ela parece compartilhar esse sentimento também.

— Eu disse.

— Mas como? Como eu não havia prestado atenção nisso antes? Estava tão claro, o tempo todo praticamente, eles se amam, Ana, eu acho. Depois de algumas semanas desde que viemos morar aqui com ela, meu pai até mesmo parou de beber. Eu juro, não encontrei mais nenhuma garrafa de bebida nem nas coisas dele, nem no quarto e nem em canto nenhum da casa. E não foi só por causa dessa dívida, acho que foi por causa de Heloísa, principalmente.

— É incrivelmente incrível o poder transformador que o amor tem. — Do outro lado da linha Anabele começou a rir, fazendo com que Zoe risse também.

— Sua boba. Mas é verdade, meu pai parece mesmo estar mudado. E se for realmente por causa da professora Heloísa, que continue assim então. Afinal, eles merecem ser felizes. Não acha?

— Sim. E olhe pelo lado bom, se os dois se casarem você vai ter novamente a sensação de como é ter uma mãe.

Anabele está certa novamente, pensou Zoe. Se o seu pai se casasse com Heloísa, ela se tornaria sua madrasta. O que seria quase a mesma coisa que uma substituta para a sua verdadeira mãe. Com a morte de Lia, Augusto havia se tornado um homem tão triste e amargurado que nunca passou pela cabeça de Zoe a possibilidade de que ele poderia, algum dia, se apaixonar ou até mesmo se casar novamente. Mas agora com Heloísa cada vez mais conectada e presente em suas vidas, essas possibilidades pareciam ter se tornado reais e possíveis. E isso era tudo o que ela mais desejava, ver seu pai sendo feliz novamente. E ainda mais se fosse do lado de alguém tão especial como sua professora de matemática.

— Ana, precisamos desligar. Tenho que ir pra escola agora, e você também, hoje é o nosso último ensaio para Romeu e Julieta. Depois a gente se fala mais.

Desligou seu celular e foi direto para a escola.



— Sebastian, olha, esses vestidos não são incríveis? São tão lindos — Zoe estava ao lado de Sebastian segurando o belíssimo vestido que usaria na peça para interpretar Julieta.

Os alunos participantes da peça estavam todos reunidos com Francine, a professora de Artes, para o último ensaio que

antecede a apresentação que aconteceria nessa mesma noite e também para a entrega do figurino de cada um.

— Eles estão meio fora de moda e são um pouco cafonas. Mas não tenho dúvidas de que você vai ficar uma gata nesse aí. — Ele apontou para o vestido que Zoe segurava com tanto cuidado, esse era o que usaria na cena do baile de máscaras.

Ele era deslumbrante, possuía mangas longas, sua parte superior era de um tom de azul-claro como o oceano, que mais abaixo se tornava um azul-escuro como o céu durante a noite. Também possuía um pequeno decote na parte superior. E era todo trabalhado em desenhos prateados em sua barra.

— Cafonas? Esses vestidos são maravilhosos e nem adianta dizer outra coisa, Sebastian, eu sei que você gostou deles, não precisa admitir se você não quiser.

O ensaio durou aproximadamente três horas, após o seu término, todos os alunos se uniram para dar continuidade à montagem do cenário, que ficou pronto duas horas depois. Enquanto Zoe e o restante dos alunos foram para seus camarins a fim de se caracterizarem em seus respectivos personagens, Catarina estava com Clarissa em um canto do teatro da escola, revisando os passos de seu plano de vingança contra Zoe.

— Não precisa se preocupar, Clarissa. Não vai ser nada de mais. Você só precisa trocar o frasco da bebida da Julieta por esse aqui. — Ela entregou a Clarissa um frasco idêntico ao que seria usado na peça. — Como você será a Ama dela, estará por perto em várias cenas. Não será difícil para você.

— Tá. Mas o que você colocou aqui? O que esse líquido faz?

— Como eu disse, nada de mais. É apenas um líquido inofensivo que paralisará a Zoe de verdade. Bem, na verdade não irá

paralisá-la para ela parecer que está morta. Mas no sentido de que ela começará a sentir muito sono, vai começar a ficar meio tonta, vai ficar parecendo até uma bêbada igual ao pai dela. Com certeza, esse vai ser o maior mico da vida dela.

— O quê? Como assim? Você colocou alguma espécie de droga nesse frasco e quer que eu dê a Zoe? — Perguntou Clarissa quase gritando, compreensivelmente receosa.

— Fala baixo, sua idiota. Quer que todos nos ouçam? É claro que não são drogas, sua tonta. Ficou maluca? São apenas alguns comprimidos que eu peguei no quarto da minha mãe e misturei com água.

— É que eu pensei que...

— Você não pensou em nada. Vai ou não me ajudar a me vingar da Zoe? — Clarissa confirmou balançando a cabeça um pouco apreensiva e Catarina prosseguiu: — Então recapitulando: você vai trocar os dois frascos sem que ninguém a veja. Você me entendeu? — Novamente a garota balançou a cabeça afirmativamente e ambas as meninas se dispersaram para o camarim.



— Zoe, você está radiante neste vestido. Aliás, todas vocês estão, meninas — Francine estava checando se os atores já estavam todos prontos para que assim pudessem dar início à apresentação.

Enquanto a professora andava para lá e pra cá vendo se realmente tudo estava em ordem, acompanhado de Noah, o namorado de Anabele, Sebastian se aproximou de Zoe que estava um pouco afastada dos outros alunos.

— Nossa! Zoe, você realmente ficou uma gata nesse vestido de época. — Sebastian disse ao ver a namorada na sua frente, usando um daqueles belíssimos vestidos.

— Viu? Eu não disse que esses vestidos eram incríveis? A propósito, você também está lindo caracterizado de Romeu, Sebastian. — Ela se aproximou dele e encostou os lábios de leve em sua bochecha.

Próxima deles, Anabele sondava a plateia através do pequeno vão formado pelo encontro de duas cortinas, as quais separavam arquibancada e palco, dos bastidores e do camarim. Dentre todos os presentes, ela pôde identificar além de sua família e a de Noah, o pai de Zoe ao lado de Heloísa, os pais de Catarina e, por incrível que pareça, a mãe de Sebastian, sentada ao lado da senhora Ibrahim.

— Galera, tá lotado de gente. — Ela disse ao se aproximar e cutucou o ombro de Zoe que ainda conversava com Sebastian.

— Sério? Pensei que nem viriam tantas pessoas assim. — Noah disse abraçando a namorada.

— Tá brincando? Tem quase metade da cidade aí presente.
— Anabele e Noah saíram de mãos dadas assim que Francine gritou que já era para todos irem para seus lugares, pois a peça já ia começar.

Sebastian assustou-se ao perceber que as feições de Zoe haviam mudado de uma hora para a outra e que ela parecia pálida e até mesmo nervosa e assustada.

— Garota do livro, você está bem? — Ele disse acariciando gentilmente o rosto da menina.

— É que... Eu... Hum... Eu estou com muito medo, Sebastian. E se eu me esquecer de alguma fala? E se eu ficar muito

nervosa? E se as pessoas não entenderem o que eu disser? E se eu trocar alguma fala? Na verdade, eu nunca estive em uma peça de teatro antes, ainda mais uma peça com um roteiro tão grande e tantos detalhes, como essa. E se me der um branco no meio do palco quando eu vir todas aquelas pessoas olhando para mim? E se tudo der errado e se...

De repente, ela sentiu todas as suas inseguranças se esvaindo de uma só vez enquanto eram dilaceradas pelo beijo arrasador e repentino de Sebastian.

— Sebas...

-Que foi? Era isso ou você não ia parar de falar nunca mais — Ele segurou o rosto dela com suas duas mãos, fazendo-a olhar diretamente para os olhos lindos e verdes dele. — Me escute. Vai dar tudo certo. Você ensaiou bastante para apresentar essa porcaria de peça daquele livro chato. Você está linda nesse vestido esquisito e vai arrasas nessa peça e ponto final. E eu amo você. — Terminou de falar dando outro longo beijo em Zoe.

E assim os alunos começaram a apresentar Romeu e Julieta. Enquanto todos estavam distraídos com a peça, Clarissa deu início ao plano de vingança de Catarina, ela se afastou e foi para junto dos objetos que seriam usados nas cenas. Após uma rápida procura, encontrou o frasco que seria usado na cena em que Julieta é dada falsamente como morta. Assim como Catarina havia instruído, ela trocou o frasco que Francine havia arranjado, onde havia um líquido incolor que se parecia com água pelo que Catarina lhe dera. E saiu.



Chegou na peça o momento de encenar a cena III do quarto ato, quando Julieta coloca em ação o plano sugerido por Frei

Lourenço de se fingir de morta para que assim pudesse fugir com Romeu, seu verdadeiro amor, e não ter que se casar com um homem que ela não amava.

E Zoe estava arrancando suspiros de todos com a sua bela atuação.

— Minha filha está indo muito bem nessa peça. Não acha, Helô? — Ao lado de Heloísa, Augusto sentia-se orgulhoso da ótima atuação da filha.

— Sim. Ela está incrível, Augusto.

— *"Ao despertar não ficarei demente no meio desses medos pavorosos, pondo-me, louca, a remexer nos ossos de meus antepassados, e a puxar de seu lençol Teobaldo mutilado? Ou, tomada de fúria, com um osso de um dos meus bisavós, que irá servir-me de clava não farei saltar meu cérebro desesperado? Oh! Vede! O espírito parece de meu primo, que anda em busca de Romeu, que espetou seu pobre corpo na ponta do punhal. Para, Teobaldo! Romeu, aqui! Bebo isto por tua causa."*

— A fala de Zoe havia chegado ao fim. E chegara a hora de beber do frasco cujo líquido paralisaria sua personagem.

Sentada na cama improvisada do cenário, ela pegou o pequeno frasco transparente que estava em cima da mesa de cabeceira ao lado da cama.

Retirou sua minúscula rolha e bebeu. Sentiu o líquido descer por sua garganta e por um instante tudo parecia normal, exceto por uma terrível sensação de fraqueza e sonolência. Ela sabia que precisava fazer ou dizer alguma coisa, afinal ela estava no meio de uma peça teatral. Mas o quê? O que ela deveria dizer? Ou, o que ela deveria fazer? Nesse momento, ela não sabia.

Seu maior medo havia se concretizado, ela se esquecera de todas as suas falas e gestos na peça. E para piorar sentia-se cada vez mais atraída a deixar-se cair na cama e adormecer, somente adormecer, por um longo tempo. Foi então que se deu conta de que todos a fitavam, talvez à espera de alguma coisa. Mas do quê? E então percebeu que sua respiração estava irregular. Não. Ela literalmente quase não estava conseguindo respirar.

Deixou-se finalmente cair na confortável cama, sentindo seu corpo mole como o papel dos livros que ela tanto adorava ler, sua vista embaçada mesmo ela estando com os seus óculos. De repente, não conseguia mais se mexer, nem mesmo respirar. Só conseguia sentir o mundo e tudo à sua volta se desvanecendo lentamente e depois muito rapidamente, até que as vozes das pessoas que estavam ao seu redor se tornassem meros sussurros lançados ao vento. E então veio a escuridão.

Pai

Na sala da direção da escola, além de Aroldo, o diretor, e Francine, também estavam presentes Catarina e uma Clarissa apavorada, acompanhadas de seus respectivos pais.

— E então, Catarina? A senhorita não tem nada a nos contar? — Em sua mesa, Aroldo inseriu seus questionamentos para Catarina de forma séria e impaciente, enquanto tragava seu cigarro.

— Não. Até porque não sei o motivo de eu estar aqui.
— Catarina respondeu despreocupadamente.

— Não tente se fazer de sonsa, menina, conheço você muito bem. — Disse Francine também impaciente, em pé ao lado de Aroldo.

— Não vou permitir que a senhora fale assim com a minha filha. — Colocando-se de forma protetora ao lado da cadeira em que Catarina estava sentada de frente para Aroldo e ao lado de Clarissa, a senhora Ibrahim enfrentou a professora de Artes.
— Afinal, o que está acontecendo aqui? Por que estamos todos aqui? E por que estão tratando minha filha dessa forma?

Da enorme janela de vidro atrás da cadeira do diretor, era possível ver que uma fina chuva caía do lado de fora da escola. Também era possível ter uma vista privilegiada do estacionamento próximo ao teatro da escola, onde alguns carros ainda se deslocavam.

— Estamos aqui por causa do que as filhas de vocês fizeram hoje.

— Do que a senhora está falando? O que minha filha fez? — Perguntou o senhor Velasques, pai de Clarissa.

— Admitam para os seus pais meninas, que foram vocês duas que trocaram o frasco que eu arrumei para a cena de Julietta por outro que continha algum líquido que fez com que Zoe passasse mal.

— Mas essa é uma acusação absurda. Por que eu perderia meu precioso tempo para ficar brincando com frascos de uma peça idiota? De onde a senhora tirou essa ideia ridícula, professora?

— Novamente Catarina respondeu de forma des preocupada, mas com um toque de afronta.

— Bom, talvez em primeiro lugar, do fato de você detestar Zoe a ponto de querer prejudicá-la, em segundo, eu não sou boba e logo após o ocorrido, analisando bem, pude perceber que o frasco que estava com Zoe era diferente do meu frasco. E em terceiro lugar, dois alunos vieram me falar agora há pouco que viram você, Clarissa, manejando um frasco idêntico ao meu bem antes de a peça começar.

— E então, Clarissa? Você não tem nada a nos dizer? — Inseriu Aroldo novamente, mas desta vez para a pobre e amedrontada Clarissa Velasques, de uma forma ainda mais assustadora do que a da primeira vez.

E diante do olhar cruel e incisivo de Aroldo, Clarissa não teve mais condições de sustentar o plano e mentira de Catarina. Ela estava com muito medo da bronca que estava prestes a levar dele, da professora e, principalmente, de seus pais. No entanto, dadas as circunstâncias, não havia mais como seguir adiante.

— Está bem. Eu confesso. Fui eu. Fomos nós. — Disse a menina rapidamente quase engasgando com as próprias palavras. — Fui eu quem trocou os dois frascos, mas porque a Catarina mandou. Ela odeia a Zoe e queria se vingar dela por ter roubado o seu namorado. Foi ela quem arrumou o outro frasco com aquele líquido. Eu não queria fazer isso, eu juro, mas ela insistiu tanto e eu aceitei. Na hora, não parecia ser nada demais, ela mesma disse. Eu não fazia a menor ideia de que a Zoe ficaria daquele jeito.

— É mentira, é tudo mentira. Não podem acreditar nela. — Catarina se levantou de forma brusca e desesperada, agarrando o braço da mãe logo em seguida. — Mamãe, ela está mentindo. Nada disso é verdade, eu não sei do que ela está falando, não fiz nada disso. Tem que acreditar em mim.

— A mentirosa aqui é você, Catarina. Você me disse que a Zoe ficaria bem, e agora ela está internada no hospital e parece estar muito mal.

— Sua traidora. — Os olhos de Catarina estavam marejados.

— Está bem. Agora a próxima pergunta. O que era aquele líquido Catarina? — Ao lado de Aroldo, Francine estava com medo de ouvir a resposta para essa pergunta.

— Não era nada, sua idiota. — Agora Catarina estava de fato chorando. — Era apenas água. ÁGUA. Eu só dissolvi nela comprimidos de calmantes, antidepressivos e alguns outros.

— CATARINA! Então foi você quem mexeu na minha caixa de remédios? — Neste momento, a senhora Ibrahim não poderia fazer mais nada a fim de defender sua filha, ela mesma acabara de se confessar culpada.

— Quantos comprimidos, Catarina? — Francine estava em choque.

— Eu não sei, foram muitos, foram vários. Eu me descontrolei, não era para ela ter ficado tão mal assim. Eu só queria fazer uma pegadinha com ela, para fazê-la passar vergonha, só isso. Eu queria me vingar dela, mas as coisas saíram do meu controle.

— Saíram do seu controle? Como você pôde fazer isso? Como vocês duas puderam fazer isso? Aliás, vocês têm ideia do que fizeram? — As meninas se entreolharam com seus rostos cobertos por lágrimas e Aroldo prosseguiu: — Esses medicamentos são muito fortes e em doses excessivas podem acarretar diversas alterações negativas no organismo e saúde de uma pessoa, podendo além de muitos outros problemas deixá-la em coma ou até levá-la à morte.

Os olhos das duas garotas se arregalaram tanto que só faltavam pular das pálpebras. Porém foi Catarina quem respondeu.

— Eu só queria me vingar dela por ter roubado o Sebastian de mim e por ser sempre melhor que eu em tudo. Eu a odeio, mas eu não quero que ela morra, essa nunca foi a minha verdadeira intenção.

— Nós sabemos, querida — Francine aproximou-se de Catarina e de forma quase maternal tocou seu ombro. — Mas o que vocês fizeram foi muito grave. E a Zoe parece estar muito mal e pode inclusive estar correndo risco de morte. Não sei muito bem, não consegui falar direito com minha amiga Heloísa.

— Por enquanto, mas só por enquanto vocês duas levarão uma suspensão e advertências. Vamos deixar que a polícia cuide do resto. — Disse Aroldo.

— Polícia? — Clarissa estava pálida.

— Não podem prender minha filha. Ela é menor de idade. — A senhora Ibrahim estava furiosa com a filha, no entanto não seria por isso que deixaria sua preciosa Catarina passar pela humilhação de ser presa.

— Isso é verdade. — O diretor concordou — As meninas não podem ir para a cadeia. Mas podem receber uma punição à altura do que fizeram. Estão expulsas da escola.



Aguardavam há mais de três horas, contudo, para Augusto e Heloísa, parecia que estavam no hospital há mais de três semanas. Enquanto esperavam que alguém aparecesse na recepção para informá-los o estado de Zoe, andavam de um lado para o outro, nervosos e preocupados, ouvindo o crescente cair da chuva no lado de fora do hospital.

Augusto odiava hospitais. Eles lhe traziam péssimas lembranças de Lia, principalmente esse hospital, que fora o local onde ela se foi definitivamente. E a forma que ela escolheu para tirar a própria vida, tomando praticamente todos os seus remédios para a depressão, calmantes, entre outros. Foi horrível. E foi Zoe quem a encontrou — aos sete anos de idade — caída no chão do banheiro, tremendo e tendo convulsões. Augusto nunca conversou com a filha abertamente a respeito desse dia, entretanto possuía uma certa ideia de como isso deve tê-la afetado por todos esses anos e como deve ter sido traumatizante para a menina ver sua mãe nesse estado.

Mas, desde sempre, Zoe foi uma menina bastante forte e corajosa, e embora tenha sofrido muito com a morte da mãe, aparentemente, conseguiu superar e aceitar tudo isso. Diferente dele, que simplesmente perdeu a cabeça e começou a beber descontroladamente. Não somente por causa da morte de Lia, mas também porque precisava esquecer...

... esquecer dos motivos que a levaram a fazer isso. Esquecer da sua culpa. Esquecer do seu erro. Esquecer da sua traição.

O que Zoe diria se soubesse de toda a verdade por trás do suicídio de sua mãe? Será que ela o perdoaria? Será que ela perdoaria Heloísa?

Era perturbador pensar que sua filha estava trilhando o mesmo caminho que a mãe, embora de uma forma totalmente diferente. Ele ficou estupefato ao saber o que Catarina fez, através de uma ligação de Francine para Heloísa. Justo ela, justo essa menina que sempre esteve indo e vindo em sua casa com Zoe, desde quando eram apenas crianças, época em que também eram amigas inseparáveis.

Do corredor do hospital, um médico alto, de pele morena, entre 38 e 40 anos de idade, aproximou-se do local onde Heloísa, agora sentada, fitava Augusto que estava andando em círculos.

— Com licença. Por acaso vocês são os pais de Zoe Dorneles?

— Sim, eu sou Augusto Dorneles, o pai dela. Como a minha filha está, doutor? Por favor, não me diga que ela vai morrer.

— Olha, tente se acalmar primeiro, senhor Augusto. Não, sua filha não vai morrer. Isso porque vocês a trouxeram a tempo de fazermos uma lavagem gástrica que removeu a maior parte dos agentes tóxicos do organismo dela. Mas o líquido que ela ingeriu continha medicamentos muito fortes e que em

excesso podem levar a diversas consequências ruins para a saúde da paciente, e embora neste momento ela esteja salva do perigo de morte, ainda precisamos fazer mais alguns exames e ela precisará ficar em observação para possíveis alterações negativas em seu quadro de saúde e, é claro, em repouso absoluto também.

— Então isso significa que eu posso ver minha filha, doutor?

— Sim. Vamos, eu o acompanho.

Ao chegar no quarto, Augusto quase teve uma crise de choro ao ver sua filha imóvel na cama hospitalar, ainda muito pálida e com um pouco de dificuldade para respirar, por isso respirava com a ajuda de um aparelho. Entretanto, o alívio de saber que agora ela não corria mais o risco de morrer era formidável. Ele ficou em pé ao lado da cama por mais alguns minutos, tempo suficiente para ter certeza de que Zoe estava mesmo bem. Após uma rápida ligação para Heloísa, acomodou-se na poltrona do quarto destinada a acompanhantes e visitantes. E ficou observando o rosto sereno de sua filha, até que finalmente conseguiu pegar no sono.



Em seu quarto, Sebastian estava deitado em sua cama, envolto pelo cobertor, fitando incansavelmente o teto, talvez em busca das respostas para as suas inseguranças. Sentia uma enorme dificuldade em conseguir dormir, pois estava preocupado demais com Zoe. Não obteve nenhuma notícia de sua namorada e precisava urgentemente saber se ela estava bem. Sentou-se na cama, com os pés descalços tocando o chão frio de mármore. Levantou-se e foi em direção a uma escrivaninha onde estava seu celular. Desbloqueou a tela e foi à procura de alguma ligação ou mensagem.

Era óbvio que isso era algo totalmente inútil, uma vez que o pai de Zoe não o conhecia, não diretamente, então por isso não tinha motivos para informá-lo do estado da filha. Também não achava que Heloísa se importaria em ligar para ele a essa hora e quanto à Anabele, ele viu quando ela entrou no carro dos pais e foi embora. Então ela também não deveria saber muito sobre a amiga.

Mesmo assim ele insistiu. No entanto, a única ligação mais recente que encontrou foi a de um número desconhecido. Decidiu que queria arriscar, poderia ser alguém que tentou lhe informar que Zoe estava fora de perigo. Foi direto na opção de retornar a chamada e ficou ouvindo aquele irritante toque, enquanto esperava que alguém atendesse do outro lado da linha.

Enfim alguém atendeu do outro lado, com um alô que não era nada familiar para Sebastian e embora a voz parecesse estar um pouco abafada, sentiu que já a ouvira em algum lugar em um passado muito distante.

— É... Oi. Então, você me ligou... — Respondeu Sebastian.

— Ora! Mas é claro que eu liguei. Precisava saber de você. Como é que anda o meu garoto?

O rosto de Sebastian empalideceu de uma só vez diante da surpresa que em breve ele descobriria se era agradável ou não. Ficou imóvel, sentindo a aceleração de cada batida do seu coração, estava sem voz, mas, mesmo assim, conseguiu responder.

— Pai...

Caixa de segredos

De repente, sem mais delongas, surge um pequeno fa-
cho de luz em meio à escuridão, transformando noite
em dia, trevas em luz e teatro da escola em... hospital!?

Os olhos de Zoe haviam acabado de se abrir e já acordada, mas por alguns instantes ainda um pouco zonza, tentou entender o que acontecera e a razão pela qual estava em uma cama de hospital, com o que parecia seu pai sentado de mau jeito e dormindo em uma poltrona.

Foi então que se lembrou da peça. E do líquido que bebera. *Não era para ele estar naquele frasco, era?* Pensou. Ainda tentando juntar as peças desse indistinto quebra-cabeça. Chegou à conclusão de que fora isso que a fez se sentir tão mal, ao ponto de desmaiar e estar naquele hospital nesse exato momento. Entretanto, ainda havia algumas perguntas sem respostas. Como por exemplo, por que sua professora de Artes faria isso? Ou será que não teria sido ela, mas alguém que queria prejudicá-la? *Como Catarina, por exemplo? Não. Ela poderia ser chata e mimada, mas não chegaria a esse ponto, ou chegaria?* Afinal, Zoe poderia ter morrido. Será mesmo que Catarina teria coragem de tentar matá-la por pura inveja?

— Zoe... — Augusto também havia acordado e logo ficou feliz ao ver que sua filha parecia melhor do que antes. — ... você está bem, filha?

— Bom, acho que agora sim. Mas ainda não consegui entender direito o que aconteceu, pai.

Augusto se endireitou na poltrona.

— Foi aquela sua amiga. Foi a Catarina quem fez isso. Parece que ela dissolveu vários comprimidos muito fortes em água e colocou naquele frasco de vidro que você usou na peça.

— Foi como imaginei. — A menina estava profundamente magoada, conhecia Catarina há tantos anos e elas foram melhores amigas desde a infância. E mesmo depois de ela ter revelado que no fundo sempre odiou Zoe, era difícil superar o que ela fez, era quase inacreditável, não esperava que, para se vingar, Catarina chegaria ao ponto de tentar matar sua rival. Ou talvez ela nem mesmo soubesse o mal que estava causando.

Mas o fato era que agora Zoe estava bem, só precisava fazer mais alguns exames e logo seria liberada para ficar de repouso em casa com sua família, que agora se tratava de Heloísa também, quem, dois dias depois, foi pessoalmente buscá-la no hospital, a fim de levá-la até sua casa que agora também pertencia a Augusto e Zoe.

Ao chegarem, não encontraram Augusto, que saíra há poucos minutos para trabalhar. Após pedir demissão na *Powerful Cars*, com a ajuda de Heloísa, ele conseguiu ser contratado na escola de Zoe para trabalhar como zelador. Precisava juntar dinheiro para pagar sua dívida com Antonela, que com muita dificuldade concordou em deixar que ele pagasse determinada quantia todo mês até dar o total que ele devia. No entanto, não duvidava que depois ela cobraria com juros, altíssimos por sinal.

— Bom, agora vou precisar sair, — acabando de entrar em casa, Heloísa foi logo pegando sua bolsa e novamente as chaves do carro. — Tenho que ir para a escola e, por ordens médicas, você precisa ficar de repouso pelo menos até amanhã. Então aproveite para descansar, querida. Tem alguns livros na estante do meu quarto, se quiser, pode entrar lá e escolher algum para ler e assim poder passar o tempo. Fique à vontade, afinal agora a casa também é sua. Judy lhe fará companhia. — Judy era a gatinha angorá de Heloísa, muito carinhosa e brincalhona.

— Tudo bem, muito obrigada por tudo que está fazendo por nós. Se não fosse por você não sei o que seria de mim e do meu pai.

— Não precisa agradecer, querida. Gosto muito de vocês. E estou muito feliz por estarem aqui comigo e Judy, agora nós não estamos mais sozinhas, não é mesmo, Judy? — Ela acariciou carinhosamente a gatinha que estava sentada em cima do sofá ao lado delas, depois se aproximou de Zoe, abraçou-a de forma maternal e foi embora.

Assim que Heloísa saiu, Zoe foi direto tomar um banho. Antes de sair do hospital, ela já havia feito isso, mas tinha uma terrível necessidade de tirar aquele cheiro e sensação de doença e morte, característicos de um hospital, os quais pareciam ter se impregnado nela. Assim que terminou o banho foi para seu quarto a fim de descansar um pouco.

Todavia não conseguiu. Encontrava-se pensando em Sebastian e em como ele parecia não ter se importado com o fato de ela quase ter morrido. Nos dias que se seguiram ao fatídico acontecimento durante a peça, ele não havia feito uma única ligação e não se preocupou em ir visitá-la. Até sua amiga Anabele foi vê-la acompanhada do namorado Noah.

Ao vê-los na porta do quarto do hospital prontos para entrar, seu coração estava transbordando de esperança de ver que Sebastian também estava junto deles, no entanto seu desapontamento só aumentou nos minutos que se seguiram ao fato de ele não ter entrado pela porta com os amigos e Noah não ter nem ao menos tocado em seu nome, nem mesmo para dizer que ele se preocupou em perguntar como ela estava.

Isso era extremamente estranho para ela, pois sabia o quanto ele a amava, mas não ao ponto de não querer nem ao menos ter a certeza de que ela realmente estava bem. Havia algo de errado, de muito errado que justificasse ele ter agido dessa maneira, mas o quê? Precisava ligar para ele, saber o que acontecera, mas não poderia, pelo menos não agora, porque ele estaria em horário de aula. Decidiu que esperaria até o momento do intervalo para tentar ligar para ele.

E assim como sugeriu Heloísa, Zoe decidiu ir ao seu quarto escolher um livro para se distrair enquanto a hora não passava. O quarto de Heloísa não era tão grande, mas era bem espaçoso e aconchegante. Além de cama, guarda-roupa, penteadeira e escrivaninha, o quarto também abrigava uma estante com alguns livros, desde livros didáticos de matemática até alguns dos clássicos da literatura. Deixou que seus olhos percorressem os títulos. Eles viram *O Pequeno Príncipe*, que ela adorava, *Hamlet*, de seu autor favorito, *Os Miseráveis*, *O Morro dos Ventos Uivantes*, entre outros. Porém seus olhos só foram parar em *E o Vento Levou*. E este foi o livro que ela escolheu para passar o tempo, já o havia lido há alguns anos, mas como gostou da história, não custava lê-lo uma segunda vez.

Levou o livro para a sala, sentou-se no sofá e começou a ler com a gatinha Judy deitada ao seu lado brincando com uma enorme fita de seda laranja.

Quando se deu conta de que horas eram, percebeu que era o momento certo de ligar para Sebastian. Guardou o livro na estante e discou o número dele. Após alguns segundos, ele atendeu, dizendo um “Alô” com uma voz séria e distante, que não era típica dele.

— Sebastian, está tudo bem com você? Por que não foi me ver no hospital com a Ana e o Noah? Por que você nem ao menos se preocupou em me ligar para perguntar se eu estava bem? — Ela se conteve por um momento ao perceber que ele se calara e que o seu tom de voz estava se elevando e que estava saindo mais agressivo e ofensivo do que o planejado. Respirando fundo ela voltou a falar, sendo interrompida pelo namorado: — Sebas...

— Zoe, desculpe eu não ter ligado e nem ido te ver. Eu fiquei sim muito preocupado com você, sabe que eu te amo e que sofreria muito se algo de ruim lhe acontecesse. Mas é que Ana e Noah deixaram claro que você estava bem e não queria aborrecer você com os meus problemas.

— Sebastian, eu sei que você que me ama e eu também amo muito você, além de ser sua namorada também sou sua amiga, então não precisa ter receio de dividir comigo os seus problemas, medos, inseguranças e angústias. Agora me conte logo o que aconteceu. Estou ficando preocupada.

Ele respirou fundo antes de responder.

— Bom, parece que o Derek finalmente resolveu dar as caras depois de todos esses anos.

— O quê? Do que você está falando? E quem é Derek?

— Meu pai.

Sebastian ficou em silêncio e Zoe pôde compreender a sua dor. Derek, o pai de Sebastian, o marido de Antonela Hildegart. O empresário que abandonou esposa e filho para viver em outro país com sua amante. Sebastian nunca havia conversado com Zoe tão abertamente sobre isso, no entanto ela sabia o quanto esse assunto o feria.

Assim como toda criança aos sete anos de idade, ele amou o pai, nessa época em que o via como o seu super herói e fiel protetor. E ela podia imaginar como deve ter sido para Sebastian vê-lo indo embora para nunca mais falar com ele, para nunca mais vê-lo, até agora.

— Mas como isso aconteceu? Quando? Ele falou com você? O que ele disse? — Zoe perguntou apressada, mais preocupada do que curiosa.

— Bom, no dia da peça tinha um número desconhecido no registro de chamadas do meu celular, eu estava tão preocupado com você que até pensei que pudesse ser alguém tentando me ligar para dizer que você já se encontrava bem.

— Mas não era. — Ela concluiu.

— Não. E descobri isso quando liguei para esse número e adivinhe só quem atendeu? — Após o silêncio da namorada, ele percebeu que ela sabia a tão óbvia resposta, mas não quis responder para que ele pudesse continuar. — Na hora, eu não sabia muito bem o que dizer. É ridículo, eu sei, mas fiquei em choque e não sabia como reagir. Por um instante, senti vontade de chorar e em outro, só consegui sentir raiva, e foi assim, segurando a vontade de desligar, que perguntei rispidamente o que ele queria comigo e o porquê de ter ligado para mim. Ele respondeu que precisava saber como eu estava, que sentiu minha falta e que gostaria de me ver agora que ele se

localizava novamente no Brasil. Dá para acreditar? — Concluiu com a voz embargada e um tom irônico.

E do outro lado da linha Zoe pôde sentir a tristeza na voz de Sebastian e ouviu um soluço baixo que indicava que se ele não estivesse tentando se conter então já estava chorando. E isso partia o seu coração, pois queria estar com ele neste momento para abraçá-lo e consolá-lo. Para arrancar a sua dor e quem sabe fazê-lo sentir-se bem. No entanto, como não poderia, só restava recorrer às palavras de consolo, entretanto não sabia o que dizer. E após seu longo silêncio, percebeu que Sebastian realmente estava chorando e se apressou a dizer alguma coisa.

— Sebastian, vai ficar tudo bem. Não fique assim. Sei como essa situação deve ser difícil para você e agradeço por ter compartilhado comigo. Porém, pense pelo lado bom, quem sabe ele não mudou de verdade e se arrependeu do que fez e voltou para tentar consertar as coisas? Tudo bem que é estranho ele se ausentar por anos sem manter contato com você e agora aparecer do nada. Mas pense que ele pode estar tentando se reaproximar de você porque finalmente percebeu que te ama. — Ela ouviu outro soluço por parte dele e continuou. — Você contou pra sua mãe? Que ele voltou?

— Acho que nem era necessário. Afinal, sempre foi com ela que ele mantinha contato e tenho certeza que ela já devia saber da volta dele muito antes de mim. Tanto é que nem se espantou quando ele apareceu hoje lá em casa no café da manhã.

— O quê? Ele foi à sua casa? Hoje? E aí?

— E aí que ele agiu normalmente, como se absolutamente nada tivesse acontecido. Cumprimentou minha mãe e me abraçou, como se tivesse acabado de voltar de férias e estava matando a

saudade do filho que ficou sendo cuidado pela babá. A última vez que o vi foi há tantos anos que quase nem o reconheci.

— E como você reagiu?

— Como acha que eu deveria ter reagido? Ele é o homem que abandonou a mim e a minha mãe. Que nunca mais falou comigo, que nunca se importou. Não consegui nem ao menos olhar para ele, nem dizer uma única palavra. Havia um nó em minha garganta e uma dor forte no meu coração. Odeio ele pelo que ele fez. Mas ao mesmo tempo me sinto triste, pois no fundo, eu ainda o amo e senti muita falta dele durante todos esses anos. Eu não o via desde os meus sete anos, e agora ele aparece do nada, não sei como lidar com isso, não sei o que ele quer de mim e não sei o eu quero dele.

— Acho que primeiro você precisa de um tempo para digerir tudo isso. E quando as coisas se acalmarem um pouco, deveria procurá-lo para conversar, para, pelo menos, ouvir o que ele tem a dizer.

— Não quero ouvir o que ele tem a dizer. Ele vai dizer o quê? Que se arrependeu de ter abandonado sua família? Que voltou para pedir perdão por ter negligenciado seu único filho durante todos esses anos? Que quer consertar as coisas, para que voltemos a ser uma família? Não dá, Zoe. Não quero vê-lo novamente e se o fizer, não conseguirei olhar nos olhos dele.

— Mas você precisa. Precisa ouvi-lo, precisa falar com ele. Apenas pense nisso.

— Ok. Preciso desligar agora, na verdade já passou da hora de eu entrar para a sala. Obrigado por me ouvir desabafar. E me desculpe, eu nem ao menos perguntei se você está bem.

— Não precisa me agradecer, garoto do *Assassin's Creed*. É minha obrigação ouvir você desabafar. E obrigada por perguntar. Estou ótima, só preciso ficar de repouso por mais um ou dois dias e estarei novinha em folha. Poderei voltar para a escola e para o trabalho na sorveteria. Não vejo a hora de ver você e nossos amigos.

— Então tá. Também não vejo a hora de ver você, garota do livro. Beijos e até mais.

Zoe também se despediu e ambos desligaram. Ela voltou para o quarto de Heloísa a fim de pegar o livro e continuar a leitura. Porém, sua curiosidade a levou a continuar explorando a estante até que algo lhe chamou a atenção. Na última divisão da estante não havia livros, somente uma caixa média com tampa. Com cuidado pegou a caixa, sentou-se no chão com ela em suas mãos, desenrolou o enorme laço rosa que a envolvia e a abriu pensando que dentro dela encontraria mais livros que não couberam nas prateleiras da estante.

Contudo, ao terminar de explorar a caixa juntamente de todo o seu conteúdo, ela desejou nunca tê-la encontrado, nunca tê-la aberto, nunca ter descoberto os segredos que ela escondia, ou melhor que Heloísa escondia. E que também diziam respeito ao seu pai.

Mais um belíssimo dia estava chegando ao fim. Em breve o sol se poria, oferecendo espaço para que a noite adentrasse na aconchegante casa e a lua tivesse o seu lugar na imensidão do céu...

...e para que impasses antes considerados resolvidos e, de certa forma esquecidos, voltassem a causar danos.

Em meio a segredos e revelações

Augusto e Heloísa não chegaram muito tarde em casa. Apenas passaram antes em uma pizzaria pelo caminho. Agora que Augusto trabalhava de zelador na mesma escola em que Heloísa, podia ir e voltar na companhia da namorada — também precisou vender o carro a fim de pagar uma parte da dívida.

A professora estacionou na garagem e entrou em sua casa acompanhada do namorado, que segurava uma caixa enorme de pizza de calabresa, a preferida de Zoe. *E também de Lia.* Pensou Heloísa com certo amargor.

Ao entrarem pela porta, passaram direto pelo sofá e devido à escuridão provocada pela noite e luzes apagadas, não notaram que Zoe estava sentada lá. Foram à cozinha que ficava praticamente no mesmo cômodo em que a sala. Augusto deixou a pizza em cima da mesa e aproveitou um momento de distração de Heloísa para roubar-lhe um beijo daqueles de tirar o fôlego. Abraçou-a e afastou-se dela descansando as mãos em sua cintura.

— Está tão linda hoje. Como no dia em que nos conhecemos, lembra? — Disse Augusto olhando-a fixamente com um sorriso no rosto e um olhar semelhante ao dos velhos quando estão lembrando e recontando momentos alegres e felizes do passado.

— Hum... — Heloísa colocou a mão no queixo pensativa. — ... se bem me lembro você era um jovem adolescente de 15 anos, com várias espinhas no rosto, porém, mesmo assim também era muito bonito e ainda é. Os anos não roubaram esse seu charme juvenil que conquistou muitas garotas na nossa época, inclusive eu.

Ambos começaram a rir de um jeito contagiante e romântico. Breve momento esse, que somente os casais verdadeiramente apaixonados conseguem experimentar.

— Tenho nojo de vocês.

As risadas cessaram assim que acenderam a luz e perceberam Zoe sentada no sofá os encarando com um olhar que expressava um misto de raiva, decepção e repulsa.

— Zoe, não vimos que você estava aí. Parece tão triste, aconteceu alguma coisa? Oh! Talvez não tenha sido correto deixarmos você aqui sozinha por muito tempo. Mas você parecia tão bem. E o médico disse que... — Heloísa calou-se ao se aproximar de Zoe para tocar-lhe a face a fim de verificar se a menina estava com febre e a mesma se afastar de forma brusca.

— Não toque em mim.

— Zoe! O que deu em você para falar assim com a Helô? Ela só quer te ajudar. — Augusto repreendeu a filha.

— Me ajudar? Ela matou a minha mãe. Vocês dois mataram.

— Do que você está falando? — Era Heloísa preocupada.

— Da caixa de recordações que você guarda na sua estante de livros. Eu a peguei por um completo engano, e se não o tivesse feito, jamais saberia dos segredinhos sujos que vocês esconderam de mim esse tempo todo.

— Que segredinhos? — Augusto estava perplexo, sabia muitíssimo bem do que se tratava, todavia, diante desse impasse não sabia como reagir.

— Não tente se fazer de inocente, papai. Agora eu sei da verdade, finalmente solucionei a questão que me tira o sono desde a infância. Finalmente descobri o que levou minha mãe a tirar a própria vida. E me parte o coração saber que foram vocês dois, logo as duas pessoas que mais amo nesse mundo, as duas pessoas em quem mais confio.

— Isso não é verdade. Eu amava a sua mãe. Nós dois a amamos. Ela era minha amiga — Heloísa estava aos prantos.

— Sua amiga? Se isso fosse realmente verdade, você jamais dormiria com o marido dela.

— Zoe como você desco... — Era Augusto novamente.

— Eu já disse. A caixa, está tudo aqui — ela ergueu a caixa para que eles pudessem vê-la. — Cartas de amor que você, um homem casado, mandava para aquela que se dizia ser amiga da sua esposa — disse apontando o dedo na direção do pai, e virando na direção de Heloísa: — Um diário em que você expressava a culpa que sentia por ter se envolvido com o marido da sua amiga. E mais tarde se lamentava por tê-la feito tirar a própria vida. Como vocês foram capazes? Como pôde mentir para mim por todos esses anos, papai?

— Não menti filha, eu apenas...

— Omitiu? A verdade? Que o senhor traía a minha mãe e por isso ela ficou deprimida, com depressão e não suportando o rumo que seu casamento estava tomando, com a degradação da família que ela tanto amou... — A menina engasgou em suas próprias lágrimas e palavras — ...nem consigo terminar. Odeio vocês. Seus mentirosos, manipuladores.

— Querida, nós amamos você — Heloísa tentava ser consoladora, mas sabia que neste momento não adiantaria.

— Cala a boca. Sua falsa. Vi muito bem o que o seu amor fez com a minha mãe.

— Zoe, nos dê um minuto, eu e Heloísa podemos explicar a você tudo isso de uma forma mais clara.

— Não precisam me explicar nada. Já entendi tudo o que precisava. Seus traidores, assassinos. Eu amava a minha mãe e vocês a tiraram de mim. Agora sim eu compreendendo o porquê de todos esses anos de bebidas, jogos e dívidas. Não era um vício pai, e sim uma forma de aliviar a sua culpa.

Virou-se e saiu pela porta de entrada da sala, apressada e com o rosto encharcado pelas lágrimas.

— Sinto muito por isso, me esqueci completamente daquela caixa. Era um passado tão doloroso, que levei tanto tempo para superar. Se eu soubesse, não teria deixado que ela tivesse acesso à estante de livros do meu quarto. Me desculpe, querido — ela tocou o braço de Augusto de forma carinhosa.

— Está tudo bem. Já era a hora de ela saber da verdade.

— Então vá atrás dela. Vocês têm tanto a conversar. Ela é sua filha e te ama muito. Ela há de perdoá-lo. Quanto a mim...

— Com o tempo, ela entenderá e então perdoará, a nós dois.

Ele lhe deu um beijo na bochecha e seguiu na direção em que sua filha saía apressada da sala.



A noite encantadora, iluminada por um céu coberto de estrelas, fez com que Zoe se lembrasse de “A noite estrelada”, a famosa pintura de Vicent van Gogh. Um vento gélido uivava em seus ouvidos. Recostou-se em um bellissimo ipê-branco, plantado no quintal, ao fundo da casa de Heloísa. Algumas de suas flores haviam despencado ao redor da menina, diante da violência do vento. Fechou os olhos, no entanto, assim que o fez, seus ouvidos captaram o som de passos vindo em sua direção. Abriu os olhos no momento exato em que Augusto se sentava ao seu lado.

— Por favor, pai, vá embora. Não quero conversar — seu tom de voz saía calmo, porém, seu timbre estava mascarado pelos soluços. — Mal posso olhar para o senhor.

— Sei disso e não a culpo. Mas, mesmo assim, precisa ouvir o que tenho a dizer. Reconheço que errei, e eu errei muito. E você acreditando ou não, eu paguei e ainda estou pagando por todos esses erros. Compreendo que nada pode justificar eu ter escondido a verdade durante todos esses anos. No entanto, você era apenas uma criança quando todas essas coisas aconteceram, e já estava extremamente abalada com a morte da sua mãe, mais ainda do que o esperado porque foi você quem a encontrou desfalecida no banheiro, com todos aqueles potes de comprimidos espalhados na pia. Naquela época, eu apenas quis protegê-la de mais decepções.

As lembranças dolorosas desse fatídico dia corroeram mais uma vez o coração de Zoe, fazendo-a ter uma nova crise de choro, sendo consolada por um abraço apertado e acolhedor

de seu pai. Após longos minutos, ela conseguiu se acalmar e libertando-se do abraço, endireitou-se, enxugou suas lágrimas com as costas das mãos e olhou para ele.

— Isso eu já entendi. Os adultos sempre mentem para as crianças. Os pais sempre mentem para os filhos, com um único objetivo: protegê-los. Sou sua filha, só que agora não sou mais uma criança, entretanto, também entendo que preferiu me esconder a verdade, mesmo depois de eu estar crescida porque a vergonha e a culpa pelo que vocês fizeram e provocaram era maior. O que eu ainda não consegui assimilar foi como pôde trair a minha mãe desse jeito, logo o senhor, que dizia amá-la tanto. E como a Heloísa, que sempre me pareceu uma pessoa tão correta e leal, foi capaz de se envolver assim com o marido de uma amiga.

— O amor é o que justifica tudo isso.

— Amor? Que amor? Por Heloísa? Mas o senhor não amava minha mãe? Se não, por que se casou com ela então? Ou depois que se casaram percebeu que não gostava dela tanto quanto pensava?

— Calma, filha, vou contar tudo a você, tudo sobre mim, Heloísa e sua mãe. Como nossas histórias se cruzaram e o rumo que elas tomaram. Porém nem sei por onde começar.

— Comece pelo início. Como as conheceu. Como se apaixonou pela minha mãe e por que o casamento de vocês acabou desse jeito. E em que ponto se apaixonou por Heloísa também.

Augusto apoiou suas costas na árvore, respirou fundo, formulando como começar. Havia muito a ser dito. Muita história para ser contada. E começou:

— Já lhe contei diversas vezes que conheci sua mãe quando estávamos no ensino médio, pois éramos da mesma turma.

Todavia, nunca contei que foi aí que também conheci Heloísa, e não pelo fato de ela ser sua professora de matemática. Como você também já sabe, eu havia acabado de me mudar para esta cidade e era aluno novo nessa escola, e no meu primeiro dia de aula, o diretor escolheu uma garota da minha turma para me mostrar a escola. Confesso que era muito tímido nessa época, mas quando vi aquela garota linda, de cabelos loiros quase dourados, caindo um pouco abaixo de seus ombros em uma cascata deslumbrante de cachos ondulados, vindo em minha direção com um sorriso encantador que transmitia empatia e confiança, não consegui me conter. Perdi toda a minha timidez e falei com ela mais do que já tinha falado com qualquer outra pessoa antes daquele dia. Conversamos muito enquanto ela me mostrava a escola e a todo momento eu tentava impressioná-la e chamar sua atenção, de tão apaixonado que estava por aquela menina que havia acabado de conhecer. Após o término de nosso “tour”, fomos para a sala de aula e foi aí que conheci Lia. Ela era tão bela e simpática quanto Heloísa e não pude evitar de ficar encantado com ela também. Pode até parecer loucura, mas com o passar dos meses e anos do ensino médio, ao mesmo tempo em que fazia novos amigos, aprendia novos conteúdos nas disciplinas e também ficava cada vez mais próximo de ambas, que eram muito amigas na época, me vi apaixonado pelas duas garotas. Realmente isso pode parecer estranho e o tipo de coisa que só acontece nos romances que você lê, só que aconteceu. Não sei nem como explicar isso, o fato era que eu gostava das duas, porém acabei namorando com Heloísa e sua mãe ficou sendo a amiga querida que tínhamos em comum, embora no fundo eu também nutrisse um sentimento por ela. Isso durou até um pouco depois de nós três termos nos formado. Nessa época, éramos jovens e havia muitas possibilidades para o futuro, muito a se planejar, pois era o

início de uma nova fase de nossas vidas. Sua mãe não quis ir para a faculdade, acabou arrumando um emprego de secretária na *Powerful Cars*. Foi ela quem ajudou a me empregar lá também, um tempinho depois. E quanto a mim e Heloísa, bom, eu queria me casar com ela, sabe, construir uma família, uma vida juntos, com uma casa, filhos, talvez um cachorro ou um gato — fez uma pausa que deu um espaço para Zoe completá-lo.

— Você queria se casar com ela, mas ela não. Foi isso?

— Sim. Ela tinha planos que iam um pouco além de construir uma família. Tinha o sonho de ser professora de matemática e estava decidida a ir morar em uma outra cidade na casa de parentes a fim de fazer um curso de licenciatura junto com uma prima, só então depois que ela já estivesse formada e lecionando em alguma escola é que nos casaríamos. Porém, eu disse a ela que não queria que fosse embora e que não esperaria todo esse tempo para nos casarmos. Nessa época, eu era muito cabeça dura, e, de certa forma, ela também era. Tivemos uma briga horrível por causa dessa nossa diferença de planos para o futuro, o que culminou no nosso término de namoro. Para mim, ela estava sendo bastante egoísta em deixar nosso casamento em segundo plano para poder construir sua carreira profissional. Acontece que eu fiquei demasiado aborrecido, com raiva, muito triste e decepcionado com ela por tudo isso. Precisava desabafar com alguém que pudesse me entender, e esse alguém era Lia. Fui até a casa dela, ela morava sozinha, nós conversamos por horas, eu chorei e ela me consolou e ficou do meu lado. Acho que nesse dia eu estava tão carente, triste e chateado, e também tinha o fato de que no fundo eu também era apaixonado por ela e então quando me dei conta nós estávamos nos beijando de forma única e apaixonada. E foi nesse mesmo instante que Heloísa entrou pela porta da casa, que ela

tinha acesso já que ambas eram amigas e ela não saía da casa de Lia. Foi um choque para ela. Isso provocou uma nova e terrível discussão, envolvendo Lia também. E resumindo tudo, depois disso, Heloísa foi embora para fazer a sua licenciatura em matemática e nós ficamos sem vê-la por longos quatro anos. Durante esse tempo, me aproximei ainda mais da sua mãe e me vi cada vez mais apaixonado, então, um belo dia, nos casamos e poucos meses depois você nasceu e foi a nossa maior alegria. Um dia, percebemos que Heloísa havia voltado. No começo, tudo ia bem, fizemos as pazes com ela, que inclusive voltou a ser amiga de Lia e adorou conhecer você. Porém, conforme ela foi ficando próxima de nós novamente, pude notar que embora ela tentasse disfarçar, ainda nutria algum sentimento por mim, e eu também, por ela. Conseguimos esconder e resistir a isso por mais longos anos. Até que um dia não conseguimos mais resistir e começamos a nos encontrar escondidos. Querida, preciso que entenda, amei muito sua mãe, é verdade, mas apenas uma pequena parte do meu coração realmente pertenceu a ela por completo, porque a outra parte, a maior, sempre pertenceu e sempre pertencerá unicamente à Heloísa. Ela e somente ela é o grande amor da minha vida. Nossas brigas do passado foram um erro e uma enorme perda de tempo, hoje compreendo isso. Também compreendo que nunca deveria ter me casado com a sua mãe, por mais que pensasse que a amava. E devido a esse erro e por minha ignorância com Heloísa no passado, é que tudo desandou. Quando sua mãe nos descobriu, ela imediatamente nos odiou e ficou extremamente arrasada, principalmente comigo. Nos dias que se seguiram, ela foi se isolando e ficando progressivamente deprimida, quando começou a fazer o uso de remédios fortes para combater sua depressão. Até que um dia eu e você fomos ao mercado e quando voltamos não a encontramos, mas quando você foi ao banheiro...

Ele não completou aquela frase, não era necessário, essa era uma parte da história que Zoe sabia de cor.

Augusto olhou novamente para a menina, ela possuía um semblante triste, ficou ao lado dela em silêncio por alguns instantes a fim de que ela pudesse digerir tudo o que acabara de ouvir. E por fim prosseguiu.

— Você está bem com tudo isso que eu disse? Ficou com alguma dúvida? Se tiver algo que queira me perguntar, fique à vontade.

A menina deu um profundo suspiro e endireitou-se.

— Não sei. Acho que não há nada que eu queira perguntar. Só... é que... é tudo tão confuso. O senhor amava Heloísa, mas por besteira acabaram brigando, ela se foi, o senhor se casou com a minha mãe, ela então voltou. Tornaram-se amantes e o resto não quero nem falar.

— Quero saber o que acha de tudo isso, se existe a possibilidade de nos perdoar. Se conseguiu entender nossos motivos.

— Eu entendi tudo que o senhor contou, afinal sou madura o suficiente para ter a capacidade de entender um triângulo amoroso adulto e extremamente complicado. Mas mesmo assim, ainda estou com muita raiva de vocês. Não teria sido mais fácil pedir o divórcio para a mamãe e se casar com Heloísa, o seu grande amor, papai? Não havia a necessidade de traí-la. Poderiam ter resolvido todo esse impasse através do diálogo. E poderiam ter impedido o suicídio da minha mãe. Então não sei se talvez algum dia poderei perdoá-los por completo. Por hora, preciso urgentemente dormir, todas as revelações de hoje me deixaram excessivamente cansada e perdida. E amanhã cedo pretendo voltar para a escola. Boa noite.

Ela se pôs de pé e saiu de lá o mais rápido possível, sequer ouviu a resposta de Augusto para o seu “Boa noite”.

Ele ficou encostado no ipê por mais alguns minutos. Com a cabeça erguida observava o maravilhoso céu estrelado que se estendia bem acima dele. Após todo o seu relato, sentiu-se aliviado, foi como se lhe tivessem tirado um peso de cima de suas costas. Guardou aqueles acontecimentos consigo durante tanto tempo, e foram todas essas coisas que juntas e aos poucos acabaram com ele. Foi a briga no passado com Heloísa em que ele a perdeu por um longo tempo. O casamento não muito feliz com Lia. A sua morte, da qual ele sempre se culparia.

Foram esses detalhes em sua vida que o levaram a viver um futuro de bebidas, jogos e dívidas, e como Zoe mesma dissera, não era um vício e sim uma forma de escape para todas as suas culpas e decepções pretéritas. Tudo sempre foi mais complexo do que parecia.

Logo após a morte de Lia, Augusto e Heloísa ficaram péssimos, sabiam que eram os responsáveis e sentiam muita vergonha e culpa. Com isso, Heloísa mudou-se para um bairro bem afastado de onde Augusto morava com a filha, e nunca mais se viram até que Zoe deu início em seu primeiro ano no ensino médio e através de uma reunião de pais e professores, ele descobriu que era o seu amor do passado quem dava aulas de matemática para a sua filha.

Isso bastou para reaproximar um casal que tanto se amava, cujo sentimento, tão forte que era, foi capaz de superar brigas e desentendimentos, traições, culpa e vergonha, desencontros e o tempo. Principalmente o tempo, que outrora fora o pior inimigo desses agora dois adultos apaixonados.

Entretanto tudo isso ficou no passado, porque agora as coisas estavam se resolvendo. Augusto finalmente se acertou com seu amor, sua filha já sabia da verdade. E embora ela pudesse levar algum tempo para perdoá-los, ele sabia que esse dia chegaria e então poderiam finalmente viver juntos como uma família unida e feliz.

Contudo, muitas vezes, a tão sonhada felicidade, a qual tanto almejamos, quanto mais próxima possa nos parecer estar, mais distante de nós ela se encontra.

Batalha das bandas

Sebastian estava no porão da casa de seu primo Yohan para mais um de seus ensaios com a banda, que embora ainda não possuísse um nome próprio para chamar de seu, contava com mais três integrantes além deles. Era ele, com todo o seu charme e rebeldia na bateria; seu extrovertido e carismático primo, Yohan, com os vocais; o alegre e brincalhão Otto no baixo; o atraente Kelvin na guitarra; e o tímido Noah ficava com o teclado. O último entrou para o grupo após Sebastian descobrir que ele tocava muitíssimo bem, e fazer sua série de pedidos insistentes para que o novo amigo fizesse parte, pois necessitavam urgentemente de um novo tecladista após o anterior, Kim, ter saído para fazer parte de um outro grupo musical, que, segundo ele, era melhor.

Tudo começou quando Sebastian e seus amigos de infância, Otto e Kelvin, por influência de suas bandas e estilos favoritos, decidiram que queriam aprender a tocar seus respectivos instrumentos. No início, tudo não passava de um hobby e para Sebastian, uma maneira de escapar de sua realidade e seus conflitos familiares, mas com o tempo, surgiu a vontade de formar uma banda. Porém como eram apenas três

e precisavam de alguém para ficar no teclado e de um vocalista — afinal nenhum dos três quis se arriscar a fazer os vocais —, foi necessário recorrerem a Yohan, primo de Sebastian, que desde muito novo fazia aulas de canto e também tinha amizade com os outros dois meninos, e a Kim, um garoto que era vizinho de Otto e tocava teclado.

Os primeiros ensaios foram complicados, visto que, na época, Yohan morava longe dos outros garotos e não podia estar sempre presente. Mas agora que estava morando na casa da avó, que, por coincidência, era próxima da casa do restante do grupo, podiam ensaiar mais vezes, ao passo que isso não atrapalhasse seus compromissos com a escola, entre outras coisas. As composições, incluindo letras, melodias, ritmos, entre outros, era algo que eles trabalhavam em conjunto, ou seja, todos contribuía com suas próprias ideias de acordo com os estilos de cada um. A liderança da banda ainda não estava decidida, ora girava em torno de Sebastian, Kelvin e Otto, ora girava em torno de Yohan e, às vezes, de Noah também. Entretanto, apesar disso, o que sempre prevalecia era a amizade e companheirismo entre os cinco. Questões fundamentais para a preservação de bandas e outros grupos musicais.

Era um dia lindo e ensolarado de sábado, os meninos não tinham aula e portanto podiam ensaiar a vontade o dia inteiro, é claro que isso se a preguiça de alguns não atrapalhasse. Yohan havia marcado o ensaio para às 13h, contudo, apenas Sebastian e Noah estavam ali e já passava das 13h30.

— Onde será que esses manés estão? — Sebastian resmungou enquanto se atirava de costas em um sofá velho que estava dentro do porão. Tirou o celular do bolso para mandar uma mensagem para seus amigos atrasados e conferir se havia alguma de Zoe.

Ela retornou para a escola na semana anterior a esta e ele pôde conferir que a namorada estava realmente bem e viva. Assim que a viu entrando na sala com Ana e Noah, um pouco antes de o sinal tocar indicando o início da aula, correu para envolvê-la em um abraço forte e apertado que quase asfixiou a menina.

“Ei, calma. Assim você me deixa sufocada. Até parece que ficamos um ano inteiro sem nos ver.”— Ela lhe disse, rindo.

“É que senti sua falta e fiquei preocupado e arrependido por não ter ido te ver.”— Ele a beijou e abraçou-a novamente, mas agora de uma forma mais delicada e sussurrou em seu ouvido que a amava.

“Também amo você meu futuro astro do rock.”— Respondeu Zoe beijando-lhe a bochecha.

Após o final da aula, ele a acompanhou até sua casa para poderem conversar mais sobre os acontecimentos recentes como a intoxicação da menina, provocada por Catarina, a volta de Derek, o pai de Sebastian, e sobre as recentes descobertas de Zoe sobre o passado de seus pais e Heloísa. Sebastian ficou surpreso com tudo que a garota lhe contara, jamais imaginaria Heloísa, sua professora de matemática, envolvida em um triângulo amoroso com os pais da namorada. E a princípio, apoiou a sua ira diante dos fatos e a indignação por ter sido o próprio pai e a amante quem causaram a morte da mãe. No entanto, depois de refletir achou melhor aconselhar Zoe a pensar com mais calma em tudo que Augusto lhe contara e se colocar no lugar deles, para compreendê-los e talvez assim, poder perdoá-los mais facilmente.

— Aposto que devem ter ficado a noite inteira maratonando alguma série ou jogando — opinou Noah. — Ou então passaram a noite toda mandando mensagens românticas para as namoradas.

— Hum... talvez isso seja verídico — Yohan colocou uma mão no queixo pensativo. — o Otto parece ter uma namorada, embora ninguém nunca a tenha visto e quanto ao Kelvin, não sabia que ele namorava.

— É claro que ele não namora, ao invés disso fica jogando charme para as nossas namoradas. Aquele traidor — assim que Sebastian se levantou do sofá a porta do porão se abriu e o primeiro rosto a aparecer foi justamente o de Kelvin.

— E falando no pilantra, olha ele aí. — O vocalista foi de encontro aos amigos que se aproximavam conversando na maior empolgação. — Aí, cambada, é o seguinte se continuarem se atrasando desse jeito teremos que reavaliar os termos do contrato de regras a serem seguidas na banda como o item quatro que fala especificamente a respeito da pontualidade de todos os membros, sem exceções.

— Mas que história é essa de termos de contrato e de regras da banda? Vamos com calma cara, porque o manezão aqui tem uma novidade que vai alegrar todos vocês — disse Otto apontando para Kelvin que ostentava um enorme sorriso que ia de orelha a orelha. — Fala logo.

Kelvin andou alguns passos para ficar no meio do grupo e Sebastian observou que ele trazia em mãos um panfleto semelhante aos usados em supermercados e restaurantes com o objetivo de fazer propaganda de seus produtos ou anunciar alguma inovação. Kelvin aprumou-se, respirou fundo, ignorou os pedidos de “anda logo” dos amigos curiosos e enfim começou a falar, é claro que não sem antes passar a mão de forma atraente em seus finos cabelos loiros a fim de tirar alguns fios rebeldes que caíam em seus rosto tampando sua visão.

— Então... — ele fez uma pausa dramática para revelar a novidade, entretanto ela não se prolongou por mais de cinco segundos tamanha a travesseirada que levou no meio da face. — Pelo deus do rock, de onde saiu esse travesseiro?

— De lugar nenhum. Ou diz logo o que tem para nos contar ou da próxima vez juro que não será um travesseiro fofinho a atingir seu focinho metido, vai ser um tijolo mesmo — Sebastian riu ao perceber que bagunçou o cabelo tão bem penteado do amigo.

Engolindo em seco, Kelvin prosseguiu, desta vez de forma direta.

— Então, galera, finalmente vamos realizar nosso sonho de nos transformar em uma banda de verdade. E sabem por quê, meus caros senhores? Eu tenho aqui em minhas mãos um panfleto que anuncia uma competição que elegeu as melhores da região. E entre as finalistas está quem?

— A nossa. — Sebastian concluiu sem muita surpresa. Pela empolgação do amigo a resposta era mais do que óbvia.

— Não estou entendendo, que história é essa? Como podemos ser finalistas desta competição se nós nem nos inscrevemos para ela?

Kelvin revirou os olhos, o raciocínio de Yohan às vezes trabalhava de forma um pouco lenta.

— Eu inscrevi a gente. Coloquei uma câmera escondida em um dos nossos ensaios, em que tocamos aquela música nova e mandei o vídeo para os jurados da competição.

— Sem falar nada pra gente? Pensei que fôssemos um time — Noah manifestou seu descontentamento.

— E somos, cara, claro que somos. Acontece que eu queria muito participar, porém não sabia se todos iam concordar. E se todos vocês tivessem concordado, nós mandássemos o vídeo e eles não nos escolhessem? Sei lá, eu quis evitar possíveis decepções futuras.

— Faz sentido, cara — disse Yohan.

— Oh! Mas quanta bondade e delicadeza da sua parte, blá, blá, blá. Resumindo, conta melhor essa história, como vai ser a final e o que a banda vencedora ganhará? — disse Sebastian manifestando sua curiosidade.

— A final vai ser uma espécie de show para os jurados em um teatro com um público convidado que também votará nas melhores bandas. As três bandas vencedoras vão ganhar um contrato de graça com uma gravadora que lançará seu primeiro álbum musical e cuidará da carreira e agenda de shows.

Fez-se um longo silêncio em que os meninos se entreolharam confusos e pensativos, até que Otto decidiu tomar a palavra.

— E então, galera? Yohan, Sebastian, Noah, o que acham? Se estivermos entre os três vencedores poderemos realizar nosso sonho de nos tornar famosos fazendo o que mais amamos, Rock and Roll.

Fez-se mais silêncio até que...

— Cara, isso é incrível! Mal posso esperar pra contar para minha avó, ela vai se encher de orgulho do neto magnífico que ela tem.

— Baixa a bola, Yohan. E neste caso, isso merece uma comemoração, e que comemoração.

— Não se preocupe quanto a isso, meu caro amigo. Arrumei um pequeno show para o próximo final de semana e sabe onde?

Isso mesmo. Na sorveteria em que a sua namorada ruiva e bonita trabalha.

— Kelvin, essa história de você ficar fazendo as coisas pelas nossas costas não tá legal. E ainda por cima tem o Otto de cúmplice. Dois grandes traidores vocês são.

— Que exagero, Yohan. Como você pode pensar tão mal de mim assim? Sou tão lindo — deu um salto para o lado com intenção de desviar-se de mais uma travesseirada, dessa vez vinda de Yohan. — Está bem, juro que nunca mais vou tomar decisões com relação à banda sozinho. Entretanto, vocês não acham que eu daria um ótimo líder?

— NÃO! — Responderam os outros em uníssono.

— Ok, pessoal. Vamos deixar de enrolação então e bora ensaiar. Afinal de contas, temos uma pequena apresentação amanhã e em breve, um show com jurados e um público de verdade.

— Noah está certo. Vamos ensaiar galera, sem moleza.

Os cinco meninos tomaram seus respectivos instrumentos e começaram a tocar seu repertório de cinco músicas autorais e alguns covers de suas bandas preferidas. Embora a maioria viesse a saber somente nesse mesmo instante, todos ficaram muito felizes e animados com a competição. Aquele grupinho musical de cinco garotos apaixonados por rock, que iniciou como um pequeno passatempo, agora estava mais próximo do que nunca de se tornar algo sólido. Tocaram por mais algumas horas e quando pararam para descansar um pouco e tomar água, uma questão quase insignificante se fez presente.

— Agora que estamos quase próximos de nos tornar uma banda de verdade, não seria melhor darmos a ela um nome de verdade?

— Realmente. Não podemos chegar no dia da final da competição ostentando o nome “Banda” para a nossa banda. Aliás, quem foi que sugeriu esse nome mesmo?

— Ninguém, Kelvin. Isso aí é só um reflexo de nossa falta de criatividade na época e também ninguém achava que daríamos certo mesmo. Mas agora as coisas mudaram, então bora arrumar um nome de verdade. Sugestões... — Disse Otto já vislumbrando alguns nomes.

Depois de um longo tempo de discussão e diversas sugestões de nomes, os garotos finalmente chegaram em um consenso e o nome escolhido foi *Elementary Cult*.

Novamente, fez-se o som da porta do porão se abrindo e Zoe entrou, acompanhada de Anabele e Valentina, a namorada de Yohan.

— Nossa, vocês parecem bem animados, aconteceu algo que não estamos sabendo? Por isso nos chamaram pra vir aqui? — Disse Zoe aproximando-se de Sebastian para lhe dar um beijo.

— Temos duas novidades. Primeira: finalmente escolhemos um nome de verdade para nossa banda e segundo: o Kelvin inscreveu a gente em uma competição de bandas da região e agora estamos entre os finalistas. Se vencermos, teremos um contrato de graça com uma gravadora que produzirá nosso primeiro álbum de estúdio.

— Meninos, isso é excepcional. Vocês merecem, principalmente você, Noah, meu lindo! Viu? Eu disse que você se sairia muito bem nessa banda — Anabele disse beliscando carinhosamente a bochecha do namorado e beijando-o logo em seguida.

— Ugh. Se poupem e também nos poupem desse seu romantismo clichê. Isso é nojento. — Otto fingiu vomitar enquanto Ana e Noah o ignoravam e davam continuidade na conversa.

Os adolescentes ficaram por um longo tempo conversando sobre as novidades da banda, até que todos decidiram ir embora. Sebastian acompanhou Zoe até sua casa e antes de se despedirem confirmou se ela estaria presente no próximo show da banda na sorveteria de Heitor.

— Mas é claro que não vou perder, por nada nesse mundo, o show da banda do meu garoto do *Assassin's Creed*. Vocês tocam super bem.

— Que bom que você estará lá comigo. Pensei em chamar a minha mãe, mas você sabe como ela é. Nunca foi em nenhum dos nossos shows ou ensaios. Para falar a verdade, ela detesta o fato de eu tocar em uma banda. Não duvido nada que sequer sentirá orgulho de mim por causa da competição. Às vezes, eu só queria entender por que ela me odeia tanto.

— Não fique assim. Eu estarei lá com você e vou levar meu pai e Heloísa também. Não tem problema se a sua mãe não for, ela deve ter muitos assuntos da empresa para resolver, é por isso — sua tentativa de animá-lo falhou, mas o que Zoe poderia fazer quanto a uma mãe que não demonstrava nenhuma forma de afeto por menor que fosse pelo único filho? — E se chamasse o seu pai?

— Nunca.

— Deixe disso, Sebastian. O que seu pai fez foi muito errado, mas ele parece estar arrependido de verdade. Dê uma chance a ele. Eu pensei que jamais conseguiria perdoar meu pai e Heloísa pelo que fizeram, porém acho que não estou mais com tanta raiva deles. Por que não vai ao apartamento dele hoje, ou

melhor, agora? Assim podem conversar um pouco e aí você aproveita e chama ele para ir à sorveteria ver vocês tocarem.

O garoto fez um aceno de cabeça concordando discordando, no entanto, no final, acabou ouvindo o conselho da garota. Despediu-se dela com um abraço e um beijo e seguiu em direção ao hotel onde Derek estava hospedado.



Era a primeira vez que Sebastian visitava o pai desde que este voltara. Jogara fora o papel com o endereço que esse mesmo lhe dera, o que não ofereceu problema algum já que acabou decorando a localização do pai sem querer. O hotel, assim como o garoto já havia imaginado, era um daqueles hotéis de luxo que só recebiam milionários, famosos, estrangeiros ricos, entre outras pessoas da mais alta estirpe.

A última vez que Sebastian falou com o pai foi em sua casa quando Derek apareceu sem avisar durante o café da manhã da família Hildegart. E antes disso, não falava com ele desde seus sete anos de idade. Portanto sentia-se inseguro com o que deveria dizer ou se estar lá era realmente o certo. Essas inseguranças o acompanharam durante sua passagem pela porta de entrada do hotel, sua subida ao elevador, o caminho que percorreu ao longo de um enorme corredor e nem mesmo se deu conta quando já estava na porta do quarto de Derek Hildegart. Esperou, respirou fundo, endireitou-se, tocou a campainha e esperou. Segundos depois, a porta foi aberta e Sebastian surpreendeu-se ao ver em sua frente uma mulher alta, de cabelos compridos e ruivos, aproximadamente na faixa dos trinta e oito anos. Era muito bonita. Assim que a viu sentiu que seu rosto lhe era familiar e que já a conhecia, porém não saberia dizer de onde.

— Posso ajudá-lo? — A voz da mulher era calma.

— Sou Sebastian Hildegart, Derek é meu pai. Ele está?

— Está sim, pode entrar — ela afastou-se abrindo mais a porta para que Sebastian pudesse passar e conduziu-o até a sala.

— Derek, você tem visita — ela gritou e logo em seguida seu pai apareceu. — Irei deixá-los a sós para poderem conversar melhor.

Ela saiu e Sebastian encarou o pai que também o encarava.

— Filho — Derek disse indo em direção ao garoto com a intenção de abraçá-lo, e embora não quisesse, Sebastian não recusou o abraço do pai. — Como você está, garoto?

— Bem. — O jovem respondeu com certa indiferença. Para ele, o homem à sua frente era um completo estranho e não conseguia se sentir confortável e muito menos *bem* em sua presença, mas apesar disso era preferível mentir.

— E sua mãe?

— Quem é aquela mulher?

— Uma amiga. — Sebastian sabia o que amiga significava.

Lembrava-se perfeitamente de quando era criança e estava com sete anos completos. Havia acabado de voltar da escola, passou o dia inteiro ansioso em ir para casa com o objetivo de brincar e passear com o pai, que na época era o seu melhor amigo, o único que o amava verdadeiramente e se importava com ele, diferente da mãe, a qual sempre o deixava de castigo por qualquer motivo que fosse, mal falava com ele e nunca demonstrava nenhuma forma de carinho. Contudo foi avassaladoramente decepcionado ao chegar em casa e encontrar sua mãe ajoelhada no chão da sala aos prantos.

“Cadê o papai?” — Lembrava-se de ter perguntado.

“Ele foi embora.”

“Mas quando ele vai voltar?”

“Ele não vai voltar. Ele nos abandonou. Foi morar em outro país com a amante dele.” — No mesmo instante, ele começou a chorar, com soluços altos, um choro de criança, da criança que ele era. “Pare de chorar, menino e suma da minha frente.”

Essas lembranças lhe soavam como uma adaga envenenada e cravada profundamente em seu coração.

— Você gostará de conhecê-la. Ela também tem uma filha da sua idade.

— Não quero conhecer essa mulher, muito menos a filha dela — suas palavras saíram mais agressivas do que pretendia e respirando fundo se recompôs. — Olha, pai, eu só vim até aqui para fazer um convite. No próximo domingo, às 18h, minha banda fará uma pequena apresentação na sorveteria *Compre um Sorvete*. Gostaria que o senhor fosse.

— Sim, agora me lembro. Sua mãe disse que você tinha uma banda com seu primo e amigos.

Mas é claro que ela disse, pensou Sebastian.

— Eu vou sim, filho, agradeço pelo convite. Não quer tomar alguma coisa? Uma água ou suco...

— Não. Já está tarde, é melhor eu ir embora — disse virando-se em direção à saída do cômodo, mas logo em seguida virou-se novamente para ficar frente a frente com o pai. — E por favor, se o senhor for, não leve a sua *amiga*. Boa noite.

Sebastian saiu sem nem ao menos esperar para ouvir a resposta de Derek. Chegou à sala e encontrou a “amiga” de seu

pai sentada no sofá assistindo a algum daqueles programas de moda feminina que passavam na TV.

— Querido, já vai? Está cedo. Por que não fica mais um pouco?

— Não, já estou de saída mesmo — ele tentou não soar muito ríspido.

— Sendo assim vamos, eu o acompanho até a porta.

— Não precisa.

Porém ela fez questão de acompanhá-lo. Ele pretendia manter total silêncio e apenas dizer um breve tchau para a mulher. No entanto, quando chegaram à porta, antes que ele dissesse qualquer coisa, ela mesma se prontificou e veio-lhe novamente aquela sensação de já conhecer aquela mulher de algum lugar. *Mas que lugar?*

— Acho que não me apresentei. Me chamo Lia.

Um pensamento absurdo e quase ilógico

Na sorveteria de Heitor, a famosa *Compre um Sorvete*, que embora não possuísse um nome criativo, muito menos convidativo — até porque qualquer um preferiria que em vez de *Compre um Sorvete* o nome da sorveteria fosse algo do tipo: *Ganhe um Sorvete de Graça* ou *Que tal um sorvete? É de graça!* — era um lugar extremamente agradável, tanto por seu dono atencioso e afável com seus clientes, quanto por funcionários simpáticos e dedicados.

De um pequeno palco, uma fumaça artificial juntamente de luzes coloridas que dançavam no chão, paredes, teto e rostos dos presentes davam ao ambiente uma atmosfera alegre e receptiva. Sebastian e sua banda estavam se apresentando com os olhares atentos de todos que os assistiam. O nome *Elementary Cult* estava estampado com letras grandes em um enorme poster na parede atrás dos meninos.

No local, além de Zoe e sua família, Anabele, Valentina, amigos e familiares dos membros da banda e até Antonela, outras

pessoas também se misturavam umas às outras em conversas gritadas fazendo seus pedidos aos funcionários, os quais estavam lá a trabalho e cantando as músicas que eram tocadas.

Zoe estava em uma mesa na companhia de seu pai, Heloísa, Ana e Valentina. Observando a agilidade e destreza de seu namorado na bateria, enquanto saboreava um delicioso sorvete de abacaxi, seu sabor preferido, que já estava praticamente no fim.

— Gente, meu sorvete acabou, vou lá pegar outro, mais alguém vai querer? — A única que se manifestou foi Valentina, queria apenas mais uma bola de sorvete de baunilha, pois não podia sair de sua dieta.

Antes mesmo de chegar ao balcão, Zoe avistou de longe uma garota da sua idade, cabelos compridos e escuros presos em um rabo de cavalo, usava um avental com a logo da sorveteria.

— Catarina?

— Zoe.

— O que você está fazendo aqui?

— Hum... Bom, agora eu trabalho aqui. — Percebendo a confusão no rosto de Zoe, achou melhor explicar: — Estou começando hoje, na verdade. Por causa do que aconteceu, meus pais tiraram minha mesada e me colocaram para trabalhar aqui, como forma de castigo.

Ela abaixou a cabeça e Zoe pôde ver que a garota estava envergonhada e soube que também estava arrependida pelo que fez. Esperou, observando Catarina se afastar a fim de pegar um bloquinho para anotar o pedido. Assim que voltou, levantou os olhos para olhar o rosto da menina ruiva:

— Zoe, me desculpe. Eu sei que nenhuma palavra poderá remediar o que fiz, sinto muito... — Ela começou a falar, mas embora fossem nítidas, suas palavras estavam se perdendo em meio ao volume alto da música e das conversas aleatórias.

— Espere. Aqui tem muito barulho, por que não vamos conversar lá dentro? — Disse Zoe apontando o dedo indicador na direção de uma porta ao fundo do balcão, que levava até a cozinha da sorveteria. Ao ver a concordância no rosto da outra menina, ambas seguiram por este caminho, fechando a porta logo após entrarem, isolando o barulho do lado de fora.

— Como eu estava dizendo, não fiz aquilo pra tentar matar você, tudo bem que eu estava com muito ódio, mas não, eu só queria me vingar, Zoe eu...

— Fique calma, está tudo bem — Zoe encostou sua mão delicadamente no braço de Catarina.

— Não, não está. Zoe, eu poderia ter matado você. Minha melhor amiga de infância. Se você não tivesse sido levada e atendida a tempo no hospital agora estaria morta, por minha culpa, por causa da inveja que eu sentia de você. — Ela segurou o rosto com as duas mãos e chorou descontroladamente, recebendo um abraço confortante e consolador da outra menina.

— Está tudo bem. Eu sei que você não queria me machucar, pelo menos não dessa forma. Mas, o que você fez foi muito sério. E sim, eu realmente poderia ter morrido, no entanto, isso não aconteceu. Então não pense “se”. Eu estou bem, porém ainda muito decepcionada com você, mas se estiver realmente arrependida e eu tenho quase toda certeza que está, então estou disposta a perdoá-la.

— Sim. Eu estou muito arrependida. E obrigada por me perdoar. Acho que no fundo nunca odiei tanto assim você como

eu pensava, eu apenas sentia inveja. Eu sou muito egoísta e sempre tive tudo que eu queria, na hora que eu queria. E quando percebi que não poderia ser tão bonita, inteligente e nem tão querida e amada como você, passei a invejá-la. E quando Sebastian terminou comigo para ficar com você me senti pior ainda. Não que eu o amasse ou me importasse tanto assim com ele. Só queria namorá-lo porque ele era bonito, popular e principalmente rico e herdeiro da *Powerful Cars*. Eu achava que se eu me casasse com ele no futuro, seria muito rica e teria uma verdadeira vida de madame. Como se o dinheiro fosse tudo na vida e pudesse comprar amor e felicidade. Enfim, eu fiz tudo errado. Deixei meu egoísmo e inveja me consumirem e extinguirem a nossa amizade.

— Isso não é verdade. Agora que você se arrependeu e admitiu suas falhas, podemos voltar a ser amigas.

— Jura? Quero dizer... Você tem certeza? Depois de tudo que eu fiz?

— Aham. Você pode muito bem ter me odiado esse tempo todo, porém nunca deixei de amar você e torcer para que voltássemos a ser melhores amigas. — Lágrimas brotaram novamente dos olhos de Catarina e após um longo abraço de Zoe, ela se recompôs e juntas voltaram para a recepção da sorveteria onde a banda terminava de se apresentar.

As duas permaneceram conversando do lado de fora do balcão por mais algum tempo, enquanto algumas pessoas se movimentavam para ir embora.

— Aquela era a Catarina? Ela está trabalhando aqui? E por que vocês duas estavam conversando de forma tão amigável depois de tudo que ela fez? — Perguntou Anabele a Zoe, assim que esta retornou à mesa.

— Sim. Sim. É porque Catarina está verdadeiramente arrependida. Ela não queria me matar, apenas se vingar, porém acho que não pensou muito nas consequências. Ela me pediu perdão, e eu a perdoei — Ana balançou a cabeça negativamente e assim que Zoe percebeu tentou argumentar. — E nem venha me contestar, Ana. Sei que parece absurdo eu perdoá-la depois de quase ter morrido por causa dela. Mas acontece que todos merecem uma segunda chance e ela se mostrou muito arrependida, foi muito sincera e se abriu comigo a respeito dos sentimentos que a levaram a me odiar e fazer isso. Portanto, não vamos excluí-la de nosso círculo de amizades, ela parece ter mudado de verdade e devemos lhe dar uma segunda chance, embora possa ser um pouco difícil voltar a confiar nela novamente, no entanto vamos conversar com ela, parece estar muito triste e sozinha.

Ainda um tanto relutante, Ana concordou, discordando. Zoe olhou de Valentina aos meninos e então para Sebastian, o qual se aproximava com os outros, ouvindo partes da conversa. Ele fez um gesto de *“tanto faz, mas estou de olho nela caso tente machucar você outra vez”*. A menina saiu e, após alguns instantes, em que tentava quase inutilmente convencer uma Catarina insegura e relutante a se juntar ao grupo, voltou na companhia da outra.

Era de se esperar que todos do grupo, sem exceções, ficassem extremamente resistentes em aceitar Catarina de volta. Ana e Valentina eram amigas de Zoe, embora uma há mais tempo que a outra, nutriam o mesmo sentimento de amizade e ficaram muito preocupadas com ela devido ao acontecido. Os meninos, amigos de Sebastian, já conheciam Catarina há algum tempo e sabiam o quanto era metida, egoísta e mimada. Porém, como Zoe havia dito, ela estava verdadeiramente arrependida e todos perceberam assim que ela chegou com um semblante

triste e cabisbaixo que transparecia todo o seu arrependimento e demonstrava sua vontade de mudar e ser aceita novamente.

Para a surpresa de Zoe, todos foram muito receptivos e educados com Catarina. Ana e Valentina incluíram-na em uma conversa sobre os filmes mais caros da história do cinema e se isso realmente significava que também eram os melhores. Yohan e Noah discordavam e Otto estava no balcão concentrado em conseguir o telefone de uma moça funcionária da sorveteria, a qual tentava encerrar seu turno enquanto um Kelvin faminto ainda não conseguira decidir qual sabor de milk shake pedir desde que saiu do palco há mais de quinze minutos.

Após uma breve olhadela no rosto da funcionária, Kelvin fez logo o seu pedido, escolhendo um milk shake de chocolate ao perceber o olhar da moça que dizia: *“ou escolhe logo o sabor ou vou te expulsar dessa sorveteria no soco”*. Ao servi-lo e guardar o dinheiro no caixa, ela se virou e foi para os fundos da sorveteria, ignorando Otto completamente.

— Seu idiota. Por que demorou esse tempo todo só para escolher um mísero milk shake de chocolate? — Disse quando começaram a andar na direção de onde seus amigos estavam.

— Nada disso, amigo. Demorei esse tempo todo porque estava dando a você um tempo para criar coragem e pedir logo o telefone da moça, em vez de ficar recitando aquelas cantadas idiotas de cartões de dia dos namorados feito um papagaio trouxa e apaixonado. Ai! — Reclamou Kelvin ao receber um soco certeiro de Otto no braço, percebendo logo em seguida que havia se desequilibrado e derrubado o conteúdo de suas mãos praticamente inteiro em cima de uma garota ao lado de Anabele. Observando melhor, pôde perceber que se tratava de Catarina, a ex-namorada de seu amigo Sebastian.

— Qual é o problema de vocês, hein? — Disse Zoe irritada, presumindo que eles tivessem feito isso de propósito, apenas para provocar Catarina.

— Nenhum, Zoe. Foi sem querer, eu juro. — Ele se virou para a garota de cabelos pretos. — Catarina me desculpe, eu não queria ter jogado esse milk shake em você. Foi culpa do Otto, ele socou meu braço.

— Tanto faz. Vou lá dentro me limpar, não posso chegar em casa assim — ela fez um gesto apontando o cabelo e roupa melados de chocolate, despediu-se das meninas e saiu em direção à cozinha da sorveteria com um semblante cabisbaixo e Kelvin em seu encalço, tentando a todo custo reparar o seu erro não proposital.

— Catarina, me espere. Eu ajudo você e me desculpe. Sinto muito, de verdade.

— Parabéns, Otto, conseguiu espantar a “Chatarina” — disse Sebastian rindo, até Zoe lhe dar um tapa no ombro. — Tudo bem, sem fazer piadinhas. Vamos aceitá-la em nosso grupo como a boa menina santa que, com certeza, não é. Ok, parei. — Calou-se ao receber um olhar ameaçador de sua namorada.

— Você viu como Kelvin saiu atrás de Catarina? Todo preocupado e pesaroso? — Disse Zoe puxando Sebastian para um canto mais afastado.

— É, ele tem um crush por ela, na verdade sempre teve, desde quando éramos crianças. Acontece que ela nunca pareceu dar muita bola para ele, isso foi porque ele não tinha tanto dinheiro quanto ela gostaria. Mas como agora ela parece estar mudada, talvez eles possam dar certo.

Zoe assentiu, ainda surpresa por descobrir que Kelvin gostava de Catarina. Aos poucos, mais pessoas foram embora, sobrando apenas o grupo de amigos, a família de Zoe, Heitor e Antonela, que passou a noite toda sentada em uma mesa isolada das outras pessoas sem pedir nada e sem falar com ninguém, evidenciando que não estava lá para se divertir ou prestigiar o filho, mas sim espionar a presença de Derek que só agora decidiu se manifestar e conversar com o filho.

— Sebastian, filho... — disse Derek surpreendendo com um abraço apertado o garoto que estava na companhia da namorada em um canto da sorveteria. — O show foi maravilhoso, você e os meninos estavam incríveis. Adorei a banda de vocês.

— Hum... Obrigado. — Balbuciou Sebastian, ainda sem saber como reagir ao elogio.

— E esta deve ser sua namorada. — Disse apontando para a garota ao lado de seu filho. — Zoe, não é mesmo?

— Sim. É um prazer conhecê-lo, senhor Hildegart. — Ela estendeu a mão para cumprimentá-lo.

— O prazer é todo meu. — Disse cumprimentando a garota. — Sua namorada é mesmo muito linda, filho. Você se parece muito com a sua mãe, mocinha.

— Obrigada, mas o senhor chegou a conhecer a minha mãe?

— Sim. Lia foi minha secretária na *Powerfull Cars*.

Lia, pensou Sebastian. Esse é o nome da amante que seu pai trouxe com ele da França. E embora tenham conversado pouco, pôde perceber que não se tratava de uma mulher francesa e sim de uma brasileira, pois falava a língua perfeitamente bem, sem vestígios do sotaque francês. Lia também era o nome da mãe de Zoe, a qual trabalhou de secretária para o seu pai e

morreu na mesma época em que ele abandonou sua família para viver com a amante, que também era sua secretária na *Powerfull Cars...*

Um pensamento absurdo e quase ilógico invadiu seus pensamentos, fazendo calafrios percorrerem seu corpo. Sentiu seu estômago revirar. Seria essa apenas uma infeliz coincidência ou o sinal de que algo a mais estava e esteve acontecendo durante todos esses anos?

— Fico feliz que tenha gostado do show, pai, mas já está tarde e precisamos ir embora, temos aula de manhã.

— Posso deixá-los em suas casas.

— Não precisa. A madrasta de Zoe tem carro e minha mãe também. — Ao dizer isso, percebeu Antonela vindo na direção de onde estavam a passos rápidos.

— Vamos, Sebastian. Já está tarde e tenho muito trabalho a fazer amanhã logo cedo. — Disse passando por Derek ignorando-o completamente e saindo, não sem antes lançar um olhar de antipatia e nojo à Zoe.

— Nesse caso, também já vou indo. Tchau, filho, e até outro dia, Zoe. — Derek também saiu.

— Tudo bem, Sebastian? — Zoe encostou a mão no rosto do namorado ao perceber que ele estava distante. — Você parece meio confuso ou cansado. Ou assustado. O que houve?

— Nada. Eu estou bem, de verdade, garota do livro. Só estou um pouco cansado, preciso ir. Nos vemos amanhã na escola.

Despediu-se dela com um beijo e foi embora. A cabeça lotada de pensamentos, assim que entrou no carro, pensou em tirar suas dúvidas com a mãe. Porém, achou que não seria de gran-

de eficácia, levando-se em consideração que, muito provavelmente, ela daria apenas vagas respostas e não as que ele queria. Precisava. E também, Antonela não era muito de conversar com o filho.

Capítulo 18

Mãe

*But you asked me to love you and I did
Traded my emotions for a contract to commit
And when I got away, I only got so far
The other me is dead
I hear his voice inside my head*

*And we were never alive, and we won't be born again
But I'll never survive with dead memories in my heart
Dead memories in my heart
Dead memories in my arms*

Sentado em uma das mesas da sorveteria com os ouvidos preenchidos pela música que saía de seus fones, Sebastian se entretinha lendo um livro, enquanto esperava Zoe encerrar seu expediente.

— Ufa! Nem acredito que finalmente terminei. — Zoe sentou-se ao lado de Sebastian, não sem antes beijar carinho-

samente sua bochecha. — O que você está lendo, garoto do *Assassin's Creed*?

— Um livro aleatório que peguei na biblioteca da escola ontem. Se chama *O Cemitério*, de Stephen King. — Ergueu o livro para mostrar-lhe a capa.

— Nossa, que macabro. — A menina disse, rindo.

— Ora! Pois não foi você mesma quem disse que eu precisava me afastar um pouco dos jogos e focar mais na leitura? — Disse sorrindo.

Levantou-se puxando a menina para um longo abraço, seguido de um beijo mais longo ainda. Saíram de mãos dadas rumo à casa de Heloísa para um típico almoço em família. Afinal de contas, Sebastian necessitava conhecer melhor seu sogro Augusto.

Assim que chegaram, sentiram logo um forte cheiro de algo queimado. E ao entrarem na cozinha, deram de cara com Augusto tirando às pressas de dentro do forno o que parecia ser lasanha extremamente queimada, com uma Heloísa aflita atrás dele, que arregalou os olhos aos ver os adolescentes se aproximando.

— Vocês chegaram. Então, tivemos um pequeno acidente com o almoço. Mas não tem problema. Podemos pedir comida. Que tal uma pizza? Ou um lanche? — A professora disse cumprimentando os jovens.

— Prefiro lanche. — Sebastian se manifestou.

— Bom, parece que Helô fez um ótimo trabalho em se tornar professora em vez de cozinheira. — Disse Augusto colocando a fôrma com a lasanha queimada em cima da pia. — É bem capaz de matar alguém de indigestão uma hora dessas. — Augusto

deu uma piscadela a Zoe que tentou ao máximo controlar o riso ao lado de Sebastian, logo após Heloísa atingir Augusto com o pano de prato em suas mãos.

— Que exagero! Não cozinho tão mal assim. Eu só me distraio às vezes. — Apontou para o terceiro livro da saga *As Crônicas de Gelo e Fogo*, que se encontrava com as páginas para baixo em cima do balcão.

— Ok. Já entendemos. Pai, trouxe o Sebastian como havíamos combinado. Sebastian, esse é Augusto, meu pai. — Indicou Augusto com a mão e virando-se para o mesmo: — Pai, esse é o Sebastian Hildegart, meu namorado.

— Não há necessidade de nos apresentar. Não é como se não nos conhecêssemos. — Ele encarou Sebastian com um olhar metade reprovador, metade desconfiado. — Você é o filho da Antonela, já te conheço. Porém não de maneira informal, não como namorado da minha filha. Aliás, você não acha que demorou tempo demais para me contar que tinha um namorado? — Encarou Zoe, que virou os olhos. — Porque, pelo que eu sei, vocês já estão namorando há vários meses, porém só algumas semanas atrás fiquei sabendo. Inclusive garoto, nunca passou pela sua cabeça fazer um pedido formal antes de sair por aí namorando a filha dos outros?

— Deixa disso, Augusto. Não é como se estivéssemos no século XV. — Heloísa interveio ao perceber que Sebastian parecia ter ficado sem palavras e um tanto tímido. — Os jovens de hoje em dia são assim mesmo. Cheios de segredos para os pais. E eles são jovens, não vê? Até parece que você nunca foi adolescente. — Acrescentou ao perceber que ele a olhava com discordância.

— Desculpe, senhor Dorneles. O senhor tem toda a razão. Eu devia ter pedido sua permissão para namorar Zoe.

— Não tem necessidade de se desculpar, filho. Até porque se você tivesse pedido, eu e Helô jamais daríamos permissão para que você namorasse nossa Zoe.

— Por quê?

— Ora! Muito simples. Você, o garoto problema, todo rebelde, rude e mal educado, querer namorar com a nossa Zoe toda nerd, meiga, certinha e inocente. No entanto, você provou ser um bom rapaz. Nesse caso, sim, tanto eu quanto Augusto aprovamos esse namoro. — Cutucou o ombro do outro pedindo a confirmação do que dissera.

— Tudo bem. Agora vamos logo pedir algo para comer que estou morto de fome. E, garoto, lembre-se, se fizer alguma coisa que magoe minha filhinha, mesmo que só um pouquinho, acabo com você. Entendeu?

— Sim, senhor.

Através de um “uni duni duni tê” ficou decidido que comeriam lanches. E assim se seguiu o almoço, através de conversas animadas, com direito a risadas alegres e contagiantes, acompanhadas da trilha sonora de uma vitrola bem antiga — relíquia da família de Heloísa — que tocava a música *In The Mood* de Glenn Miller.

Após terminarem o almoço, Zoe e Sebastian foram dar um passeio na pracinha, aquela mesma em que ensaiaram as falas de Romeu e Julieta. Compraram um algodão-doce de uma barrquinha que encontraram no meio do caminho e se sentaram abraçados em um banco.

— Você parece estar um pouco distante. Reparei isso desde o show na sorveteria. Aconteceu alguma coisa que você ainda

não me contou? — Perguntou a menina depois de um tempo em que permaneceram em silêncio.

Sebastian suspirou.

— É que... Eu estive pensando... — Ele ponderou por alguns instantes, fitando os magníficos olhos cor de mel de Zoe, percebendo um tom de preocupação neles e também curiosidade e atenção. — Isso é loucura.

— O que é loucura Sebastian? — Zoe acariciou o rosto do namorado.

— Se lembra do show da banda na sorveteria, certo? Quando Derek disse que conhecia sua mãe, porque na época ela era secretária dele na *Powerful Cars*. Inclusive ela... — Ponderou novamente, para avaliar qual a melhor palavra a ser usada, sabia o quanto falar de Lia e principalmente sobre sua morte mexia com Zoe — ... se foi na mesma época em que meu pai me abandonou.

— Sim. Tudo isso é uma infeliz coincidência.

— Não. Eu não acho que isso tudo seja apenas uma infeliz coincidência, Zoe. Pode parecer totalmente absurdo. Talvez eu tenha cometido um equívoco com as minhas ideias e...

— Fale logo, Sebastian. — Ela o interrompeu.

— Está bem. A questão é a seguinte: como já avaliamos, meu pai foi embora na mesma época em que sua mãe morreu. E ele não foi só, foi viver na França junto de sua amante, a qual também era sua secretária na empresa.

— Aonde quer chegar exatamente?

— Alguns dias atrás, fui ao hotel em que meu pai está hospedado, a fim de convidá-lo para ir ao show da banda na sorveteria.

E quando toquei a campainha do quarto foi uma mulher quem abriu. Como vou dizer? Ela também era ruiva e se parecia muito com você, exceto pelos olhos, os dela eram azuis. E enquanto ela me acompanhava até a porta para eu ir embora, me disse que se chamava Lia.

Zoe se pôs de pé furiosa.

— O que você está insinuando?

— Nada. Eu apenas estou compartilhando com você uma dúvida que tive.

— Que dúvida? Do que você está falando? A minha mãe morreu, Sebastian. MORREU. E eu tenho a certeza disso, porque fui eu mesma quem a encontrou. E embora ainda possuísse um resquício de vida ela morreu logo depois no hospital. — Disse entre soluços, enquanto algumas lágrimas escorriam por seu rosto.

— Eu sei. — Ele se levantou, segurou o rosto dela com as mãos e usou os dedos polegares para enxugar suas lágrimas. — Me desculpe, de verdade. No entanto, você não acha tudo isso coincidência demais? — Ele a fitou, e ao perceber que ela não responderia, pois chorava incontrolavelmente, prosseguiu: — Quer saber? Você por acaso tem alguma foto da sua mãe? Sei lá, para eu ver como ela era antes de... Para eu ver se trata ou não da mesma mulher que é amante do meu pai.

Embora relutante, a menina concordou, tirou o celular do bolso e passou a procurar na galeria de fotos. Em meio a diversas fotos do casal, encontrou uma foto de sua mãe. Uma das últimas que foram tiradas antes de ela morrer. Entregou o celular a Sebastian e esperou.

Não foi preciso o garoto analisar por tanto tempo a foto para chegar à conclusão de que Lia, a mãe de Zoe, era a mesma Lia,

amante de seu pai. Por um instante, só por um único instante, considerou a ideia de mentir, dizer que tudo não passou de uma confusão programada por seu cérebro idiota e confuso e respeitar aquilo em que Zoe acreditava: que sua mãe estava morta e enterrada há mais de dez anos. Porém, essa infelizmente não era a verdade.

Durante todos esses anos, Lia estava viva e muito bem em Paris ao lado de Derek. Ela mentiu. Fingiu a própria morte e assim como seu pai, abandonou sua família. Seria extremamente difícil para Sebastian ter que contar à Zoe que a mãe que ela tanto amou e sofreu por ter perdido, na verdade, estava viva durante todos esses anos e assim como Derek, não procurou pela filha, sequer se importou em saber como ela estava. Zoe quase morreu semanas atrás e a mãe sequer a procurou para saber se estava bem. Ele precisava contar a ela toda a verdade, ela precisava saber que sua mãe era uma farsante.

Não suportaria vê-la chorar e sofrer ainda mais, entretanto, por mais que amasse a garota à sua frente, ele não deveria mentir para ela, mesmo que para protegê-la de mais uma verdade cruel.

— E então? Finalmente chegou a uma conclusão para os seus delírios ilógicos?

Ele fitou a garota. E após um longo silêncio, olhou em seus olhos e disse segurando suas mãos pequenas e delicadas:

— Zoe, eu sei o que isso vai parecer. Mas se trata da mesma pessoa. Essa mulher que está na foto, sua mãe, é a mesma mulher que vi no hotel com meu pai. É claro que ela estava um pouco mais velha do que na foto, mas é a mesma pessoa. Eu tenho certeza.

— VOCÊ SÓ PODE ESTAR FICANDO LOUCO! — Ela gritou, libertando suas mãos das dele. — O que está querendo dizer com tudo isso? Quer me fazer acreditar que a mãe que eu enterrei há dez anos, na verdade nunca esteve morta? Pelo contrário, estava viva durante todo esse tempo vivendo em Paris com o seu pai? Que Lia, a minha mãe, simplesmente abandonou sua família? A filha e o marido que ela tanto amou? Que ela tinha um amante? E pior, se tratava do seu pai? POUPE-ME, SEBASTIAN!

— Olha, você acredita no que quiser. O fato é que não, eu não estou ficando louco. Essa é a verdade. Por mais cruel e triste que seja. Sinto muito, Zoe, mas parece que sua mãe não é essa pessoa boa e amável que você pensava que fosse. Não sei ao certo quais foram os motivos que a fizeram forjar a própria morte e abandonar a família. Eu só sei que ela voltou e está hospedada no hotel com meu pai.

— Não acredito em você. Ela parece ter sofrido muito com a traição do meu pai, não poderia ter traído ele também, ela o amava. Isso não pode ser verdade. Não faz o menor sentido.

— Talvez ela não amasse vocês tanto quanto pensavam.

— Chega! Vamos acabar com essa confusão de uma vez. Me leve ao hotel onde seu pai está, quero ver essa mulher com meus próprios olhos. Quero ter a certeza de que tudo isso não passou de um mero equívoco.



Após pegarem um táxi que os levou até o hotel, alguns minutos depois, lá estavam os dois dentro do elevador. Mesmo que tenha praticamente obrigado Sebastian a levá-la, Zoe se sentia desconfortável em estar naquele lugar. Assim que ouviu da

boca de seu namorado, achou a história toda absurda. No entanto, era preciso admitir para si mesma que fazia algum sentido e que não parecia ser apenas uma coincidência. Até porque, até onde a garota se recordava, — pois era muito nova na época — a mãe fora velada em um caixão fechado. Lembrava-se de após algum tempo, seu pai ter lhe contado, que no hospital, assim que ela faleceu, os médicos a levaram para o necrotério, onde fora feita uma autópsia que comprovou através de um atestado de óbito a morte por overdose de remédios. E de lá, saiu dentro de um caixão direto para o cemitério a fim de ser enterrada. Ou seja, a última vez que seu pai a viu, ela havia acabado de dar entrada no hospital e depois disso, nunca mais.

Zoe sentiu seu estômago revirar. A história fazia sim algum sentido. De fato, havia a chance de sua mãe ter forjado a própria morte. E agora, em frente à porta do quarto de Derek e de Lia, sua suposta mãe, a garota se via sem coragem de tocar a campainha. Pois sabia, agora de fato ela sabia o que a aguardava do outro lado. Sentiu o calor da mão de Sebastian, quando esta tocou seu ombro, virou-se com o intuito de vê-lo, percebendo um sorriso sem mostrar os dentes da parte dele, que emanava todo o apoio que necessitava para enfrentar a verdade que estava por vir. Respirou. E tocou a campainha fazendo uma música suave e repetitiva preencher o silêncio que se instalara no corredor.

E após menos de um minuto, a porta foi aberta. A aceleração no coração de Zoe logo se estabilizou ao perceber que quem abriu a porta foi uma mulher bem mais velha que sua mãe. Pequena em estatura e de cabelos grisalhos.

— Pois não?

— Eu sou Sebastian, o filho de Derek. — Ao perceber um sinal positivo da parte dela, continuou: — Podemos entrar?

— Mas é claro. Queiram entrar — Afastou-se, abrindo mais a porta. — Acontece que seu pai saiu agora há pouco, não sei a que horas voltará. Somente eu e a dona Lia estamos aqui.

— Ótimo! Pois é com ela mesmo que queremos falar.

— Tudo bem, vou chamá-la.

Instantes depois, o som de sapatos de salto alto invadiu o silêncio da sala. Virando-se na direção do som, Zoe pôde ver a tempo o momento em que Lia adentrou o cômodo. Estava em choque, aquela era de fato a sua mãe. Viva e em carne, osso, roupas e sapatos de grife francesa. Por um instante, sentiu vontade de vomitar, de sair correndo pela porta sem rumo, de fechar os olhos e apagar para sempre de sua mente a imagem que antes queria tanto ver. Agora só precisava que sumisse. Quis tudo, exceto correr para os braços daquela que um dia chamou de mãe.

Percebendo o semblante surpreso e assustado de Zoe, Sebastian soube que suas considerações eram verdadeiras.

— Sebastian, querido. Que bom ver você. — Ao chegar, a mulher foi logo cumprimentar o garoto, dirigindo a Zoe um breve olhar de estranheza. — Como Elisa já disse, seu pai saiu, posso lhe servir uma água ou um suco e fazer companhia até ele voltar. E essa deve ser sua namorada, não é mesmo? É muito bonita. Mas parece não estar muito bem, está passando mal, querida?

— Sim, estou. — Um nó se formava em sua garganta.

— Hum. Elisa pode buscar um copo de água para você. Como se chama?

— Meu nome é Zoe Dorneles. E eu sou sua filha.

A mulher arregalou os olhos. Assim que entrou na sala, não reconheceu a adolescente como sendo a sua filha, apesar dos cabelos ruivos e dos olhos cor de mel característicos da garota que trouxera ao mundo.

— Zoe? — Sua voz estava rouca. Imaginava se aquilo era algum tipo de peça pregada pelo destino ou por Derek, o qual não a informou que a namorada do filho dele se tratava de sua filha.
— Minha filhinha.

A fim de abraçar a garota, Lia andou em sua direção. Mas Zoe afastou-se tropeçando nos próprios pés, não caiu porque fora aparada a tempo pelos braços de Sebastian, que fez a menina se sentar no sofá.

— Não chegue perto de mim. Como pôde ser capaz de abandonar sua família? Sua filha de sete anos? Que tanto te amava e precisava de você. Como teve a coragem de fingir a própria morte e enganar a todos durante todo esse tempo?

— Querida. Eu posso explicar.

— Não quero que me explique nada. Não sabe o que eu passei todos esses anos sem você, sem a minha mãe. Não sabe como foi difícil conviver todos esses anos com a saudade que sentia de você. Ter pesadelos todos os dias com a sua imagem caída quase morta no banheiro, não sabe como foi horrível ver meu pai quase destruir a própria vida porque não suportava a sua morte, vê-lo se culpar pelo seu suposto suicídio. Não faz ideia do quanto eu me perguntava o que a teria levado a deixar para trás a filha que dizia amar tanto. Considerava você a vítima de toda essa história. Eu estava profundamente enganada. — Lágrimas quentes de raiva escorriam dos olhos da menina.

— Sei o que está pensando de mim. Mas não é bem assim. Eu amava muito o seu pai. Não suportei saber que ele me traía

com outra mulher. E o pior, minha melhor amiga. Fiquei tão deprimida, chegou um momento em que não aguentei. Tomei o triste impulso de tentar tirar minha própria vida. Foi um ato de pura covardia e até mesmo de egoísmo, porque não pensei em você, a minha querida filhinha, que eu tanto amo. Por um milagre, eu sobrevivi, entretanto estava tão magoada com seu pai e envergonhada de minha tentativa de suicídio. Me desesperei, não queria voltar para nossa casa, não queria encarar seu pai, não depois do que ele fez. E não queria encarar você depois de eu quase ter tirado minha própria vida.

— E aí o que você fez depois disso? — Sebastian sentou-se ao lado de Zoe.

— Cometi um ato impensado. Dei um jeito de ligar para Derek, eu sabia que ele estava arrumando as coisas para sair do país e também sabia que desde que comecei a trabalhar na *Powerful Cars*, ele tinha uma queda por mim. Implorei para me levar com ele e foi o que ele fez. Assim que nos instalamos em Paris, ele procurou ajuda médica para mim. Eu estava com uma forte depressão. Luto contra ela até hoje. Somente depois de pouco mais de dois anos, eu consegui estabilizar um pouco minha saúde mental, emocional e psicológica, porém era um pouco tarde para voltar atrás. Estava com medo do que estava por vir caso eu voltasse para São Paulo. Tive medo de você me odiar, como sei que deve estar me odiando agora. E também eu não queria ver seu pai nem Heloísa nunca mais. E aconteceu que eu e Derek nos apaixonamos, eu estava bem ao lado dele. E não queria voltar para cá sozinha. Contudo, ele finalmente decidiu voltar e vi que essa era a minha chance de me reconciliar com o meu passado. E ver minha filhinha novamente.

— E por que demorou todos esses dias para me procurar? — Zoe deixou boa parte de sua tensão desvanecer-se, prestando

total atenção às palavras de Lia, enquanto se aconchegava um pouco mais no abraço de Sebastian, que fitava a outra mulher com extrema desconfiança.

— Estava criando coragem. A menininha de sete anos que deixei para trás se tornou uma jovem de dezessete anos. Eu sequer a reconheceria. Afinal de contas, passei muitos anos longe de você. Tive medo da sua reação quando me visse. Acho que o mínimo que posso fazer agora é lhe pedir perdão, minha filha. Eu nunca deixei de te amar ou de pensar em você durante todos esses anos. — Finalizou estendendo sua mão na direção da garota.

Diante das palavras e do olhar sincero e emocionado da mulher, em sua concepção, Zoe segurou sua mão, levantando-se logo em seguida para um abraço apertado e cheio de saudades na mãe. Por mais que tentasse, não conseguia odiá-la.

Embora suas palavras tentassem suavizar a situação, o que a mãe fez foi horrível. A traição do marido e da melhor amiga não eram suficientes para justificar a sua fuga, o abandono da própria filha, a sua negligência com a menina durante esses dez anos. Mas envolvida pelo abraço da mãe, Zoe já não dava tanta importância a esses detalhes. Amou muito Lia, sofreu ao pensar tê-la perdido para sempre, sentiu uma enorme saudade e vazio nos anos de sua vida que se seguiram sem ela.

Não houve um dia em que não pensasse nela, em que não quisesse ver e tocar seu rosto novamente, sentir o calor de seu abraço de mãe. Seu carinho, seu amor. Naquele momento ela não queria pensar em mais nada e em mais ninguém, só no fato de que agora ela tinha sua mãe com ela novamente. As circunstâncias ou consequências do que ela fez não importavam. Até porque Augusto também errou no passado e por mais que

tenha ficado magoada com o pai, Zoe logo o perdoou. Por que deveria ser diferente com a sua mãe?

Simples. Porque as aparências enganam. Nem tudo que parece realmente é. E que nem sempre podemos nos deixar levar por um olhar que nos pareça sincero ou por um sorriso simpático. Algumas pessoas aprendem a atuar muitíssimo bem.

Viver em Paris

“Jamie salvou a minha vida. Ela me ensinou tudo... sobre a vida, esperança, e a longa jornada adiante. Sempre terei saudade dela. Mas o nosso amor, é como o vento, não posso ver, mas posso sentir.”

Encostada no tronco do ipê-branco, seu novo lugar preferido, Zoe lia *Um Amor para Recordar* de Nicholas Sparks, enquanto a melodia suave de *Für Elise* de Beethoven preenchia seus ouvidos. Alguns meses haviam se passado, o ano letivo havia terminado e agora os jovens recém-formados no ensino médio descansavam nas tão sonhadas férias, à medida que também planejavam seu futuro. Enquanto os meninos aguardavam ansiosamente a final da competição de bandas — afinal de contas, caso eles vencessem, teriam a oportunidade de gravar um álbum de estúdio com uma gravadora e produtora musical famosa, a qual os ajudaria em tudo que precisarem com relação à carreira e agenda de shows. Podendo assim tornarem-se famosos, ganhar dinheiro e viver do que eles mais amavam: Rock and Roll. Enquanto Anabele, Catarina e Valentina permaneciam

indecisas quanto a qual faculdade fazer e qual profissão seguir, Zoe tinha certeza, cursaria Letras para se tornar professora de português e literatura, talvez em sua antiga escola.

Ao comunicar sobre seu plano profissional com sua família, Augusto e Heloísa apoiaram seu sonho e sua mãe sugeriu levá-la consigo a Paris, a fim de cursar Letras em alguma universidade de lá, visto que Derek possuía condições financeiras para manter a garota junto da mãe. Neste momento, ela pensava e repensava a ideia, sua mente calculava os prós e contras dessa mudança, enquanto seus olhos liam incessantemente o mesmo parágrafo diversas vezes.

Seria um sonho poder morar em Paris com sua mãe, estudando o que gosta em uma boa universidade, aprendendo uma nova língua e cultura, conhecendo pessoas diferentes, adquirindo novas experiências e conhecimentos. Porém sentiria muita falta de São Paulo, principalmente do pai, Heloísa, seus amigos, o emprego na sorveteria e especialmente de Sebastian, com quem sonhava construir sua vida.

Em uma conversa recente, falaram sobre o futuro de ambos e concluíram que logo após organizarem suas vidas profissionais, se casariam e juntos construiriam uma família. E agora, fitando os pássaros voando no alto do céu, Zoe imaginava como ficariam seus planos com Sebastian caso ela fosse para Paris com sua mãe e Derek. Pois mesmo que ela viesse vê-lo nas férias, ou ele fosse vê-la, a saudade seria duradoura demais para que eles pudessem suportar. Ele até poderia partir com eles, mas havia a banda, e ela sabia que não poderia fazê-lo escolher entre ela e seu sonho de infância.

— Atrapalho, querida? — Uma voz suave a tira bruscamente de seus devaneios. Zoe observou o rosto da mãe enquanto ela se sentava ao seu lado.

— Jamais, mãe. Passamos tanto tempo sem nos ver, é ótimo poder estar ao seu lado.

— Sim. E é exatamente sobre isso que precisamos conversar, filhinha.

O pedido de Lia para que a menina fosse com ela morar em Paris surgiu espontaneamente durante um jantar na casa de Heloísa, para o qual a professora e o namorado, apesar de um pouco relutantes, concordaram em convidá-la. Ambos ficaram chocados ao ouvirem de Zoe que ela estava viva. E só acreditaram na história vendo, em um dia aleatório, quando, sem mais e nem menos, Lia deu as caras por lá, querendo ver a filha e o marido.

Houve muito choro da parte do casal, que pediu milhares de desculpas à suposta vítima pelos acontecimentos do passado. Augusto não conseguiu sentir raiva de Lia por causa dos seus feitos, apenas alívio por ela ter voltado para a filha e por aparentar estar muito bem ao lado de Derek. No fundo, ele ainda a amava, mas o tempo fez com que esse sentimento se tornasse algo parecido com amizade e gratidão àquela mulher que lhe deu uma filha incrível. Agora seu coração só tinha espaço para amar uma única mulher: Heloísa, com quem já estava de casamento marcado.

Após a surpresa inicial, devido ao inesperado retorno de Lia, logo após o sossego, vieram algumas considerações da parte de Augusto e Heloísa. Não sabiam ao certo o porquê, somente que o fato era: não conseguiam acreditar, “muito menos confiar totalmente em Lia. Não somente nela, mas em Derek também, ambos haviam retornado de forma muito repentina e misteriosa. E aquela Lia que se apresentou a eles não se parecia em nada com a do passado, que fora amiga de Helô e esposa de Augusto. Zoe não percebeu, pois estava encantada pelo

retorno da mãe, no entanto aquela não era nem de perto a sombra da mulher gentil, doce e amorosa que deu vida a ela. Apenas o retrato de uma mulher egoísta, falsa e mentirosa. Que sempre os manipulou desde o início de tudo, embora só agora tivessem notado.

Assim que ouviram da boca de Lia sua sugestão de levar Zoe para Paris, tentaram ao máximo não manifestar sua insatisfação diante da ideia. Augusto não queria de forma alguma se separar de sua filha. Não dessa forma, não com ela indo morar em outro país com a mãe que desapareceu por anos e em quem eles não confiavam. Ainda mais na companhia de seu amante, Derek, que abandonou esposa e filho sem nenhum resquício de remorso.

E na noite após o jantar, assim que Zoe se retirou a pedido do pai, que queria falar a sós com a mãe, ele e Heloísa questionaram Lia sobre levar a menina. No começo, a mulher usou de forma calma e educada seus argumentos: que gostaria de passar mais tempo ao lado da filha e que a garota teria uma vida muito melhor em Paris, estudando em uma boa universidade.

Porém, após mais alguns questionamentos do casal, ela adquiriu uma postura fria e antipática. Destratou Heloísa com duras palavras, colocando nela a culpa dos erros do passado, dizendo que ela acabou com a sua vida no momento em que roubou o seu marido, ao passo que também criticou Augusto por seus vícios que arruinaram a infância de Zoe. Foi embora, deixando bem claro que não voltou por amor à sua única filha e sim para obter vingança.

— Eu sei o quanto deve estar surpresa e um tanto assustada com essa proposta. — Continuou a mulher. — Eu te amo muito, filhinha, e quero me redimir por tê-la deixado sozinha por todos esses anos. Quero passar mais tempo com você e conhe-

cê-la melhor. Prometo que será muito feliz comigo em Paris. Vai adorar, é um lugar incrível.

— Eu sei, mãe. E agradeço muito pelo convite. No entanto, preciso pensar melhor, não sei se realmente estou preparada para deixar tudo para trás. Meu pai, Heloísa, meus amigos e Sebastian. Principalmente, ele.

Lia tentou disfarçar o desgosto ao ouvir o nome de Heloísa, de quem sempre teve inveja e que passou a odiar profundamente no momento exato em que percebeu os sentimentos de Augusto por ela. Tentou fazer de tudo para que ele a amasse, visto que já possuía por ela certa atração, no entanto, absolutamente nada funcionou. Quando Heloísa foi embora fazer sua licenciatura em matemática, pôde viver anos felizes ao lado dele, os quais não duraram tanto tempo assim, pois foi só a outra voltar e Lia logo percebeu que a paixão adolescente de Augusto por ela não havia ficado no passado.

Ao descobrir a traição do marido, ficou revoltada e desesperada, quis matar Heloísa, entretanto, acabou tentando matar a si mesma, em um ato de desespero e muita fúria ao perceber que aquilo que recebeu do marido ao longo dos anos foram apenas as migalhas de carícias e doces palavras de seu amor não concretizado com Heloísa. Assim que acordou no hospital, após alguns procedimentos para eliminar os agentes tóxicos de seu organismo, viu-se novamente desesperada, sabia que jamais seria amada de verdade pelo marido, principalmente, por causa de Heloísa que estava sempre em seu caminho.

Estava com muito ódio de ambos e possuía uma vontade extrema de fugir de tudo. Aproveitando-se do fato de Derek gostar dela, usou seu charme para convencê-lo a levá-la com ele. E assim, o bilionário empresário, fazendo uso de seus conta-

tos e seu dinheiro sujo, deu um jeito de forjar de forma quase inquestionável a morte de Lia. Ela partiu sem olhar para trás e sem ao menos dirigir um único pensamento à sua filha, que ficaria órfã de mãe e sofreria muito ao perder a progenitora que tanto amava. Afinal de contas, nessa época, Lia já não se importava tanto assim com Zoe, ainda mais ao perceber que dar uma linda e adorável filha a Augusto não o fez amá-la mais e esquecer Heloísa.

— Querida — disse colocando as mãos da garota entre as suas.
— Sei o quanto gosta de sua vida aqui e das pessoas que fazem parte dela, mas pense o quanto sua vida será melhor lá fora. E também não é como se não fosse vê-los nunca mais, poderá voltar sempre que quiser e puder para matar a saudade deles, para ver seu namorado. E logo que seu curso de letras estiver terminado, poderão se casar. Não é isso que deseja?

— Sim. Casar-me com Sebastian e construir uma família. É tudo que mais quero nessa vida.

— Então está tudo certo. Vocês poderão ligar e trocar mensagens todos os dias. E tenho certeza que você vai conseguir se adaptar muito bem a essa nova vida e que não terá tantas dificuldades com a nova língua. Será muito feliz comigo em Paris.

— Tem razão. Acho que não há tantos motivos para eu me preocupar. Pensando bem, sim. Eu aceito seu convite, mãe.

— Que ótimo, querida. — Após um abraço apertado e desengonçado em Zoe, livre de afeição ou carinho: — Vou agora mesmo conversar com Derek e seu pai sobre os preparativos para você ir com a gente. Partiremos daqui uma semana.

— Uma semana? Não é muito cedo? Quero dizer: as aulas só começarão no ano que vem.

— Por isso mesmo. Vai ser bom para se acostumar com a sua nova vida e fazer algum curso de francês para poder aprender a língua antes de você iniciar as aulas.

A menina preparava alguma outra observação até se dar conta de que sua mãe já havia saído apressada. Sabia que seu pai e Heloísa não ficariam muito entusiasmados com a decisão, mas a apoiariam mesmo assim. Restava contar a Sebastian e saber como ele reagiria.



Combinaram de se encontrar na sorveteria e enquanto ele não chegava, Zoe observava Kelvin paquerar Catarina descaradamente, de forma carinhosa e um tanto engraçada ao mesmo tempo em que a garota ia e voltava ao balcão anotando os pedidos e recebendo o pagamento dos clientes no caixa. A forma como ela sorria e reagia às cantadas decoradas e ao charme quase irresistível de Kelvin, deixava claro o quanto ela também se sentia apaixonada por ele. Isso alegrou Zoe. Catarina merecia ser feliz ao lado de um garoto que gostasse dela e do qual ela também gostasse.

— Oi, garota do livro. — Disse Sebastian beijando a testa de Zoe e sentando-se à sua frente na mesa. — Disse que queria falar comigo. Tem a ver com aquele lance de você ir morar com a sua mãe e o Derek em Paris, não é?

— Na verdade, sim. Eu pensei muito sobre isso e decidi que vou. — Ela fez uma breve pausa, percebendo o semblante desnorteado do namorado. Colocou sua mão sobre a dele. — Olha, vamos ficar a quilômetros de distância, mas sempre estaremos perto um do outro. Seja fazendo ligações, trocando mensagens, escrevendo cartas ou apenas em pensamento. Podemos nos ver

aos finais de semana, feriados ou nas férias. E esse tempo vai passar rapidinho, você vai ver. Logo estaremos juntos de novo.

— Eu sei. Não é isso que me deixa preocupado.

— Ah, não? Então o quê?

— Sua mãe.

— O que tem ela?

— Não gosto dela e não confio nela.

— Sebastian, essa história outra vez? Quando você vai aceitar o relacionamento da minha mãe com o seu pai? Ela não tem culpa por ele ter abandonado a família para viver em outro país. Eles apenas se apaixonaram ao longo dos anos. E parecem estar muito bem.

— Zoe, não tem nada a ver com isso. Pouco me importa com quem o Derek se relaciona. Não ligo de ser a sua mãe. Não é esse o problema. Ela é estranha, a forma como ela age. Qualquer um poderia ver o quanto ela está sendo falsa, mentirosa e manipuladora. E antes que diga qualquer coisa, seu pai e He-loísa também pensam como eu. Conversei com eles esses dias a respeito disso. E eles também não confiam na sua mãe.

— Pois isso que estão fazendo é uma enorme injustiça. Minha mãe é uma boa pessoa. Ela sofreu muito nessa vida, conseguiu superar e voltou para ver a filha. Ela me ama e se arrependeu amargamente de ter me deixado.

— Sinto muito, Zoe. Mas não acho que ela tenha de fato se arrependido. Também não acho que ela tenha voltado por sua causa, assim como tenho certeza que meu pai não voltou por mim. E sim por causa de outro motivo, só nos resta saber o quê.

— Você está fantasiando. Seu pai eu já não sei, mas é claro que minha mãe voltou por mim. Talvez ela tenha convencido seu pai a voltar também.

— Zoe, me escute — ele segurou as mãos dela entre as suas. — Eu, seu pai e Heloísa, nós amamos muito você e estamos aqui para tudo que precisar. Você não precisa de Lia, não precisa ir embora. Fique, por favor. Tem algo muito errado no meio dessa história, nós todos pressentimos. Não vá. Por favor!

— Chega! Você está exagerando. Que mal poderia me acontecer? Vou estar com a minha mãe. Ela cuidará de mim e me dará assistência enquanto estivermos lá. Não existe nada de errado no meio dessa história, como você está falando. Vou ficar bem. E para que isso aconteça, quero aproveitar o tempo que me resta aqui em São Paulo, ao lado das pessoas que amo. Ao seu lado, sem mais discutir. Tudo bem? — Ele assentiu, disfarçando a sua discordância. — Ótimo, até porque vamos viajar daqui uma semana.

Ele obviamente teria caído para trás, não fosse pelo encosto da cadeira.

— Como assim daqui uma semana? Está vendo? Não faz nem quatro meses que eles estão aqui. Por que toda essa pressa em ir embora?

— Não é pressa. Minha mãe acha que dessa forma terei mais tempo para me adaptar à nova vida, antes de começarem minhas aulas na universidade. Além disso, também preciso aprender um pouco de francês.

Sebastian balançou a cabeça negativamente. Percebendo que não adiantaria discutir com Zoe mudou de assunto a fim de acalmar os nervos de ambos. Afinal, eles tinham apenas uma semana e ele não queria desperdiçar nenhum minuto a mais

discutindo com ela. Contudo, era fato que ele precisava fazer alguma coisa para impedi-la de partir. Algo dentro de si dizia o tempo todo que não deveria confiar em Lia, muito menos em seu pai e que alguma coisa os dois estavam aprontando. No entanto, ele não tinha ideia de qual seria o motivo que havia trazido os dois de volta ao Brasil depois de tanto tempo. Precisava descobrir, para assim salvar Zoe do que quer que estivesse acontecendo.

O amor verdadeiro

Ao chegar à cozinha, Derek logo percebeu que o café da manhã já estava servido. Passou reto pela pequena mesa onde se encontrava café, leite, alguns pães, uma variedade de frutas, um bolo de chocolate e geleia de pêssego para ir direto ao local em que guardava suas bebidas e se serviu de um copo de whisky. Parando logo em seguida para observar Lia, que sentava em uma das cadeiras da mesa servindo-se de uma xícara de café enquanto lançava a ele um olhar reprovador.

— Você e essa sua mania de já acordar bebendo, sente-se e tome um café, deve ter suco ou chá também. Ande logo, temos assuntos importantes a tratar.

— Eu não bebo chá e não gosto de café. Mas mesmo assim obrigado, “querida”. — Disse sentando-se ao lado dela. — Onde está Elisa?

— Eu a dispensei mais cedo hoje, porque como disse temos assuntos muito importantes a tratar. Em primeiro lugar: já está tudo pronto para Zoe ir com a gente para Genebra?

— Sim, Lia. Tudo pronto, exceto que eu ainda não concordei com essa loucura.

— Você não precisa concordar com nada. Ela é minha filha, vou levá-la e ponto final. Já disse e repito, essa vai ser a minha vingança contra Augusto e tudo que ele e aquela cretina da Heloísa me fizeram passar: tirar dele o que ele mais ama, sua filha.

— Nossa! Como você é cruel. — Debochou Derek. — Acontece que não podemos fazer isso. Dizer a todos que estamos levando a garota conosco para a França, quando na verdade a levaremos para a Suíça. Essa garota será um estorvo para nós. E o que você pretende fazer com ela depois? Manterá a menina em cárcere privado? Ou dará um fim nela?

— Ainda não sei. Não temos que nos preocupar com isso agora. Quando chegarmos lá eu me livro dela. E por último, mas não o menos importante: já consegui todo o dinheiro que precisamos?

— Ainda não. Teoricamente eu ainda sou um dos donos da *Powerful Cars*, ou seja, ainda tenho total acesso ao sistema da empresa, junto com as suas finanças. Será muito fácil desviar uma boa quantia para a nossa conta, que nos permita viver por um bom tempo na Suíça com novas identidades.

— Sim. E o que faremos quando nosso dinheiro acabar de novo e eles vierem atrás de nós, ou melhor, de você?

— Nós daremos um jeito de arrumar mais dinheiro e sumir no mundo novamente.

— Nós, não. Você dará um jeito. Porque foi você quem não pagou suas dívidas com a máfia russa. É a sua cabeça que eles querem, não a minha. E foi você quem eles juraram de morte, fazendo você fugir para a França feito um cachorrinho assustado.

— Se engana, minha cara. Você está comigo nessa. Se a corda arrebentar para o meu lado, também arrebentará para o seu. Não tenha dúvidas disso.

— Onde eu estava com a minha cabeça quando decidi me envolver com tudo isso? Lembrei! Eu não sabia quem Derek Hildegart era de verdade. Sabia que ele era um empresário muito rico, lindo e charmoso, mas jamais poderia imaginar que por trás disso tudo existia um homem extremamente ganancioso cuja sede de dinheiro e poder não possui limites. Um empresário que adora ou, pelo menos, adorava brincar de máfia. Até cair nas mãos de homens muito mais poderosos do que ele. E deu nisso.

— Chega dos seus dramas. Nosso tempo está se esgotando. Precisamos partir, o mais rápido possível. Acabei de receber uma mensagem de um dos meus homens agora há pouco. Ele disse que os russos foram vistos desembarcando no aeroporto de Guarulhos ontem à noite. Lia, é só uma questão de pouquíssimo tempo para eles nos acharem.

— O QUÊ!?! Eles estão aqui? — Disse Lia levantando-se desesperada.

— Não sei o porquê de todo esse espanto. Eles sabem que eu sou brasileiro. Logo, São Paulo seria o primeiro lugar no qual viriam me procurar após descobrirem que estava me escondendo na França por todos esses anos.

— Nesse caso, precisaremos partir mais cedo do que o planejado.

— Exatamente.

— Mas... O que vamos fazer? Zoe não vai querer partir mais cedo.

— Isso aí já é problema seu, querida. Não concordo em levar essa garota. Se quer mesmo que ela vá, você que se vire. Precisamos ir para Genebra em menos de dois dias, aliás bem menos que isso, precisamos partir amanhã.

— Mas...

— Não tem “mas”. Se não partirmos amanhã, em breve viraremos churrasco da máfia russa. Você me entendeu? — Ela assentiu, fazendo Derek continuar: — Perfeito. Agora preciso ir. Tenho que conseguir o dinheiro para fugirmos. E quanto a você, dê um jeito de convencer Zoe a ir conosco amanhã. Já que quer tanto concluir a sua vingança.



— Amanhã!? Mas já? É muito cedo. Você tinha dito uma semana, Lia. — Augusto estava sentado no sofá entre Heloísa e Zoe, Lia sentara-se na poltrona.

— Houve uma mudança de planos e achamos melhor viajar amanhã, logo cedo. Portanto Zoe, querida, trate de arrumar suas coisas hoje, passaremos aqui de manhã para buscá-la.

— Nada disso! — Heloísa se levantou. — Zoe não vai. Nem amanhã, nem nunca. Olha, Lia, não sei o que você está aprontando, mas não envolverá Zoe nisso.

Augusto também se levantou, ficando ao lado da noiva, a fim de mostrar que concordava com ela.

— Quem você pensa que é para decidir os rumos da vida da minha filha? — Agora era Lia quem se colocava de pé. Sendo seguida por Zoe, que ficou entre os três, pronta para tentar impedir uma provável briga. — Zoe já é maior de idade. Ela pode muito bem tomar suas próprias decisões e vocês dois não

podem se opor. Principalmente você, Heloísa. — Pronunciou o nome com desprezo. — Você nem mãe dela é, você não é nada.

— Heloísa é minha noiva, é como uma mãe para Zoe e eu concordo plenamente com ela. Não vou deixar você levar minha filha para lugar nenhum, Lia. Não quero saber se Zoe já tem dezoito anos, ela ainda é minha filha, eu a criei. E se eu estou dizendo que ela não vai é por que ela não vai.

A paciência de Lia se esgotou.

— Se não bastasse eu ter passado todos esses anos longe da minha filhinha que tanto amo por causa da traição de vocês que acabou comigo de todas as formas, querem me separar dela novamente? Justo agora que consegui voltar e ofereço uma oportunidade de não só recuperar todo o tempo perdido, mas como também dar a ela a chance de ter uma vida melhor. Para não se tornar uma fracassada como vocês dois.

— Não somos fracassados. Podemos não ter todo o dinheiro que você e o seu amante têm. Mas temos amor, coisa que aparentemente você nunca teve nessa vida. Não com esse coração egoísta, frio e cruel. Somos uma família, unida e muito feliz, mesmo com o pouco que temos.

— É claro que eu não tive amor. Porque você roubou o grande amor da minha vida, sua promíscua.

— Já chega! Parem de brigar, por favor. — Zoe se manifestou.
— Minha mãe tem razão. Sou maior de idade e posso tomar minhas próprias decisões. Eu quero ir com ela, embora não tão cedo. — Pegou uma das mãos de Augusto e uma de Heloísa, colocou entre as suas e olhou nos olhos deles. — Eu amo vocês dois, demais. O senhor pode ter errado muito nessa vida, papai, e pode ter feito bastante falta em vários momentos da minha vida. No entanto, sempre me amou incondicionalmente,

sempre estive ao meu lado nas horas mais difíceis. Sempre cuidou muito bem de mim da sua maneira. E fico muito feliz em saber que o senhor finalmente conseguiu superar o passado e reconstruir sua vida ao lado de alguém muito especial que também te ama muito. Heloísa, é verdade que você é como uma mãe para mim e que sempre vou amá-la dessa forma. Desejo toda a felicidade do mundo a vocês dois. Obrigada por cuidarem tão bem de mim. Vou sentir muita falta de vocês, mas apesar disso, ficarei bem e vamos poder nos ver novamente em breve. Precisam me deixar ir. É uma incrível oportunidade que não posso perder. E também quero passar mais tempo com a minha mãe.

Os noivos se entreolharam. Não. Eles não concordavam com a partida de Zoe. No entanto, viam o quanto ela queria ir com a mãe e o quanto parecia ter a certeza de que ficaria bem. E apesar de toda a desconfiança nas ações de Lia, queriam que Zoe fosse feliz e se ela realmente estava feliz em ir embora, então, automaticamente, eles também se encontravam felizes. E afinal de contas, ela voltaria para vê-los sempre que pudesse e quando isso não fosse possível, eles poderiam arrumar outras maneiras de se falarem ou se verem, a fim de matarem a saudade.

E agora que os pais haviam “concordado” em deixá-la partir assim tão cedo, precisava se despedir de Sebastian. Essa com certeza era a parte mais dolorosa. Ficar longe do garoto que ela tanto amava. E que conheceu quase um ano atrás. Seu amor à segunda vista.



Marcou com ele um encontro na sorveteria de Heitor, a famosa *Compre um Sorvete*. O estabelecimento em que Zoe não só

trabalhou nos últimos três anos, como também o lugar onde ocorreu o primeiro beijo com Sebastian e a discussão deles no primeiro encontro para fazerem o trabalho de matemática. E agora o mesmo ambiente que um dia os uniu, o mesmo local em que compartilharam suas dores, emoções, sorrisos, beijos, abraços e sentimentos, no qual tornaram-se amigos e começaram a namorar, também se tornaria um local de despedida e talvez de fim.

Ela sabia o quanto Sebastian ficaria decepcionado por ela ter de ir mais cedo para Paris. E quando souber que é um arranjo de Lia, ficará furioso e assim como Augusto e Heloísa, tentará impedi-la, contudo Zoe já tinha certeza. Iria. E nada do que ele dissesse ou fizesse poderia impedi-la. Gostaria de aproveitar o último dia que teria em São Paulo ao lado do namorado. Não sabia quando o veria novamente, poderia levar semanas ou até meses. E mesmo que levasse menos que isso, sentiria muita saudade de seu garoto do *Assassin's Creed*, visto que ela o amava muito.

De repente, sentiu um forte aperto no coração, misturado com algo a mais, se parecia com... *Um mal pressentimento, talvez? Não. Não poderia ser. Afinal, segundo sua mãe, já estava tudo certo para a viagem, nada poderia dar errado, não é mesmo?* Por alguns instantes, sentiu-se insegura e com medo, embora não soubesse ao certo de quê.

Queria que Sebastian chegasse logo à sorveteria, para então poder se atirar em seus braços com o único objetivo de mergulhar em seu abraço apertado e naufragar em todo o amor e proteção que emanava deles. Queria Sebastian para protegê-la de algo. *Mas do quê?*

Presas nas garras invisíveis de seus próprios devaneios e inseguranças, nem chegou a perceber o momento em que

Sebastian adentrou a sorveteria e localizou-a sentada triste e solitária em uma mesa ao fundo, um pouco mais distante das outras pessoas. Não o viu se aproximar, nem abaixar-se para lhe dar um carinhoso beijo na testa, que foi como o sol depois de uma fria chuva de inverno para aquecer e confortar seu coração. E como tão esperado e desejado, levantou-se e deixou-se afundar no abraço de seu amado.

— Vamos amanhã — disse Zoe assim que sentou na cadeira ao lado de Sebastian. Esperou por sua reação, todavia não houve nenhuma, exceto um leve franzir de testa. Esperou mais um pouco, até se cansar de tanta espera. — Diga alguma coisa, Sebastian. Sei que não quer que eu vá, porque tem medo de me perder e também porque não confia em minha mãe, muito menos no seu pai. Mas diga alguma coisa. Qualquer coisa.

— Zoe, eu não quero que você vá.

— Isso eu já sei. Diga outra coisa.

Fitou-a com olhos tristes.

— Eu te amo.

Zoe sentiu um nó se formar em sua garganta.

— Isso eu também já sei. A propósito eu também te amo muito. Muito mesmo.

Ele deu um longo suspiro.

— Estou muito feliz por você, por essa oportunidade ter surgido na sua vida. E se você for e se sentir realizada estudando na universidade e morando em Paris com a sua mãe, então ficarei mais do que feliz. Porque só então terei certeza de que minha garota está bem. Sentirei uma saudade infinita, no entanto não morrerei por causa disso. Sei que voltará para mim um dia. E então poderemos ser felizes ao lado um do outro. Eu te amo

demais e quero que você seja muito feliz. Quando terminar seus estudos na universidade e voltar para o Brasil, vamos nos casar e prometo que farei de você a mulher mais feliz desse mundo inteiro. Com o dinheiro que conseguir nos shows da banda, vou comprar uma linda casa para nós, com um belo jardim e uma enorme biblioteca, a qual será somente sua e terá todos aqueles clichês que você adora ler.

Zoe sorriu entre as lágrimas que percorriam livremente suas bochechas e puxou Sebastian para um beijo, o qual durou longos minutos.

— Sim. Assim que eu voltar nos casamos e eu prometo que também farei você muito feliz. — Disse Zoe, acariciando o rosto do namorado. — E até lá você vai prometer me ligar todos os dias ou mandar mensagens. Não! Cartas é melhor, será mais romântico.

— Será mais clichê, isso sim — disse com o intuito de provocá-la, levando um soco no braço logo em seguida. — Está bem. Será romântico. — Segurou as mãos dela, olhou em seus olhos com um semblante apaixonado e declarou: — Eu, “Romeu” Sebastian Hildegart, mais conhecido como o garoto do *Assassin’s Creed*, prometo escrever no mínimo uma carta por dia à minha linda noiva “Julieta” Zoe Dorneles, a minha garota do livro, a fim de declarar todos os dias o meu amor por essa garota incrível, chata, nerd, extremamente romântica, linda e irritante que cometeu o único crime de roubar meu coração e me enfeitiçar com o seu sorriso angelical.

— Seu bobo — ela o abraçou. — Adorei suas gentis palavras, meu amado Romeu. Também te amo muito, Sebastian Hildegart. Você também roubou meu coração, sabia? — Beijou-o mais uma vez. E muitas outras depois disso.

Compraram milk shakes e ficaram ali conversando sobre o futuro enquanto trocavam beijos e declarações de amor. Saíram da sorveteria e foram ao cinema ver um filme de romance e depois deram uma volta na pracinha, sentaram-se em um dos bancos e ficaram abraçados, em silêncio, apenas observando o céu escurecer enquanto dividiam um fone e ouviam música juntos.

— Olha, Sebastian. Essa é a nossa música.

— É?

— Sim. Estávamos ouvindo essa música quando demos nosso primeiro beijo. Bom, na verdade foi o segundo. Você se lembra? Estávamos na sorveteria, até que a Catarina chegou. Foi horrível! Me senti péssima traindo minha melhor amiga, fiquei pior ainda depois que ela disse todas aquelas coisas horríveis. No entanto, havia você e o fato de estarmos apaixonados um pelo outro.

— Ah sim, me lembrei. *Is This Love*. Sabe? Bem que poderíamos recriar esse momento. Porém dessa vez sem ninguém para nos atralhar. O que você acha?

— Hum. Está b...

Não houve tempo de concluir sua frase, pois logo pôde sentir os braços de Sebastian a envolverem e os lábios dele contra os seus. Após esse momento, ele a acompanhou até a casa de Heloísa e se despediram com milhares de beijos, um longo abraço e vários “eu te amo”...

... porque na vida nem todas as pessoas são agraciadas pelo dom de amar e ser amado. O amor verdadeiro não foi feito para todos, ele é compatível com a minoria, é para aqueles que não têm medo de se aventurar, de sentir, de amar. Quem encontra

o seu, deve ficar ciente de que é algo que acontece apenas uma vez na vida e que, na maioria dos casos, tem sua duração medida por uma cruel, insensível e impiedosa ampulheta que não serve para medir tempo e sim tirar tempo. Ela não se importa nem um pouco com as pessoas que deixará feridas e quebradas, não está nem aí para os corações que vão se partir feito singelas taças de cristal chocando-se contra a gélida aspereza do chão, não terá piedade diante dos sonhos que destruirá, das vidas que não poupará, matará.

Ela só se importa em arrancar das pessoas aquilo que as fazem sentirem-se vivas, seus amores verdadeiros.

Garota do livro em perigo

Despertou depois de um sonho, talvez não tão sonho assim, estava mais para um grande pesadelo. Encontrava-se na escola, encenava as falas de sua personagem, quando, de repente, o ar lhe faltou, era como se mãos invisíveis estivessem apertando seu pescoço, tapando seu nariz e boca, obstruindo completamente a passagem do oxigênio. Sua visão se escureceu, parecia um eclipse solar, em que a luz do Sol era rapidamente contida pela Lua, que se colocava entre aquele e a Terra, num fenômeno glorioso, porém amedrontador. Desmaiou. E então, arfando, acordou, com um barulho constante ecoando em seus ouvidos.

Zoe levantou-se um pouco tonta, desligou o despertador e foi ao banheiro, a fim de realizar sua higiene pessoal. Colocou uma calça jeans, seu tênis *All Star* e vestiu um casaco sobretudo preto por cima de uma blusa de mangas curtas cinza.

Chegando à cozinha, surpreendeu-se ao avistar Sebastian, logo após ser recebida com um abraço apertado do pai, seguido por

outro ainda mais apertado de Heloísa. Sentou-se ao lado do namorado que também a recebeu com mais um abraço apertado e uma xícara de café recém-feito. Os quatro ficaram conversando por mais algum tempo enquanto tomavam o café da manhã, até serem interrompidos pelas batidas insistentes de Lia na porta. A mulher entrou, passou reto por Heloísa, a qual abriu a porta e abraçou Zoe sem grande entusiasmo.

— Pronto, filhinha?

— Bom, acredito que sim. Só preciso pegar minhas malas, que estão no quarto.

— Eu ajudo você — manifestou-se Sebastian, saindo de mãos dadas com a namorada. — Quanta pressa, não? — Disse assim que entraram no quarto.

— É. As malas estão ali. — Zoe apontou para um canto do quarto onde descansava no chão uma mala de viagem ao lado de duas mochilas. — É pouca coisa para ficar bastante tempo por lá, mas minha mãe disse que faríamos compras quando chegássemos, então acho que não tenho com o que me preocupar. Só com a enorme saudade que sentirei de todos vocês.

Na noite anterior, ela havia se despedido muitíssimo bem de seus amigos, porque — para variar — sua amiga Anabele decidiu fazer, totalmente de última hora, uma festa surpresa, inteiramente surpresa mesmo, tanto que Augusto e Heloísa gastaram cerca de uns cinco minutos para entender o que significava a “invasão” do grupo de jovens em sua casa com garrafas de refrigerante, caixas de salgados, doces, um bolo e um cartaz enorme com os seguintes dizeres: *“Querida Zoe, nós todos amamos muito você e desejamos do fundo de nossos corações que seja muito feliz nessa nova fase de sua vida. Abraços de seus amigos. E tenha uma ótima viagem.”* Assim

que colocou os pés para dentro da casa, Zoe foi recebida com um longo “Surpresa”, seguido de um enorme abraço coletivo.

E agora ela dobrava o cartaz diversas vezes para tentar enfiá-lo ou na mala ou em uma das mochilas, com a finalidade de levar uma lembrança palpável de seus amigos e família.

— Escrevi isso pra você ontem à noite — Zoe entregou uma folha de papel dobrada duas vezes a Sebastian. — Já que vamos nos corresponder por cartas, melhor começar agora. É para ler quando eu for embora. Está bem?

— Sim, senhorita, lerei quando você for embora. E digo que isso é uma grande coincidência, porque também escrevi umas coisas pra você. — Entregou a ela um papel meio amassado que esteve em seu bolso durante esse tempo. — Não é nada de mais. Só algumas palavras bonitinhas pra fazer você se lembrar de mim durante a viagem.

— Awn! Que fofinho — beijou-lhe a bochecha. — Vou ler enquanto estiver dentro do avião.

Eles conduziram as malas até o porta-malas de um táxi.

— Ué! Cadê o Derek?

— Seu pai precisou resolver algumas coisas de última hora. Nos encontraremos na pista de pouso. — Disse Lia abrindo a porta do banco de trás do carro, fazendo sinal para Zoe entrar.

— Bem, acho que é isso. Até mais, pessoal.

— Te amo muito, minha filha, se cuida viu? — Augusto disse ao dar o abraço de despedida na filha. Heloísa a abraçou logo em seguida.

— Ligue assim que vocês chegarem — disse Helô a Zoe, que assentiu.

Por último, veio o abraço de Sebastian.

— Assim que eu chegar lá, escreverei outra carta para você.
— Sussurrou no ouvido dele.

— Aguardarei ansioso, minha garota do livro.

— Prometo voltar para assistir você e os meninos na final da competição. Te amo muito, meu garoto do *Assassin's Creed*.

— Eles deram um beijo de despedida e após um último “Tchau” ela entrou no carro, sendo seguida por Lia que, antes de fechar a porta, lançou um olhar debochado e provocador em direção aos que ficaram, deixando-os confusos. O motorista girou a chave na ignição, ligando o carro e saiu com destino à pista de pouso onde o avião de Derek os esperava.



Após se despedir de Augusto e Heloísa, Sebastian foi para a sua casa e ao entrar, correu em direção ao seu quarto, ansioso para ler a carta de Zoe. E então poder lhe escrever outras, até porque ela mal havia acabado de partir e ele já estava com saudades.

Porém vozes alteradas lhe chamaram a atenção ao passar pelo corredor, seguiu no sentido da origem dessas vozes e foi levado para o escritório de sua mãe. Antonela encontrava-se na companhia de Derek, Sebastian questionou-se a respeito do motivo pelo qual seu pai mantinha-se ali discutindo com a sua mãe, enquanto deveria estar se dirigindo ao encontro de Lia e Zoe. Encostou-se na parede ao lado da porta que estava entreaberta e começou a ouvir a conversa.

— Sinceramente, não sei como ainda me surpreendo com você, Derek. É o ser mais desprezível que já tive a infelicidade de conhecer. Não existe um dia se quer que eu não me arrependa de

ter me casado com você. Te conhecer, me apaixonar por você, foi a maior desgraça da minha vida.

— Blá, blá, blá. Pare com esse seu drama, Antonela, ele já não me comove mais — disse Derek, enquanto fechava uma mala cheia de dinheiro e alguns cheques.

— Porque nunca te comoveu. Porque você nunca me amou. Casou-se comigo apenas por interesse. Porque os negócios da sua família estavam totalmente falidos, já a empresa do meu pai dava cada vez mais lucros, ela seria herança minha quando ele morresse e se você se casasse comigo também teria a sua parte na herança, a sua parte na empresa.

— Sim e sim. Até porque, se não fosse pelo dinheiro, Antonela, homem nenhum se casaria com você. É a mulher mais sem graça, chata, insuportável e irritante que alguém poderia ter em sua vida. Deveria me agradecer por ter assumido o fardo horrível de me casar com você.

Por um instante, Sebastian permitiu-se sentir um pouco de pena da mãe, ela poderia de fato ser uma mulher que qualquer pessoa ia querer ter no mínimo cem metros de distância, no entanto isso não era uma justificativa plausível para seu pai tê-la abandonado com um filho pequeno para criar.

— VOCÊ MATOU O MEU PAI! COMO QUER QUE EU AINDA TE AGRADEÇA POR ALGUMA COISA? — A mulher gritou, arremessando um vaso de vidro que estava em uma das prateleiras de uma enorme estante para livros na direção do homem que se desviou, fazendo o objeto chocar-se com força na parede atrás de si, reduzindo-se a milhares de minúsculos cacos de vidro, que chegaram até os coturnos de Sebastian. — Assim que percebeu o quanto a saúde dele estava boa, logo demoraria mais tempo para morrer do que você calculou, deu

um jeito de fazê-lo adoecer e morrer mais rapidamente. Para assim ter acesso total ao dinheiro da empresa através de mim.

Sebastian não conheceu seu avô materno, nasceu algum tempo depois que ele morreu. Sua mãe nunca falou dele.

— Eu queria e precisava de mais dinheiro, mas a droga do seu pai não estava colaborando. Não com aquele testamento dele, no qual você só receberia sua parte na herança depois que ele batesse as botas. Eu tinha que fazer alguma coisa, ou então aquele velho estaria vivo até hoje e eu até hoje não teria visto a cor do dinheiro dele.

— Seu monstro, hipócrita! — Lágrimas quentes escorriam pelo rosto de Antonela. — Não bastasse fazer isso ainda me obrigou a criar o seu bastardo. Filho de alguma vagabunda com quem você me traiu.

— Ela tinha nome. E era... Adeline? Não. Talvez fosse Agatha ou Ada. Não, também não era, elas foram antes disso. Joana, talvez? Também não. Sabe, não me lembro qual era o nome dela.

— Como teve a coragem? São tantos nomes. Com quantas mulheres você me traiu além da mãe do Sebastian?

Os olhos de Sebastian se arregalaram tamanho o susto que levou ao ouvir o próprio nome no meio daquela discussão. Havia ficado mais atento ao diálogo dos dois assim que ouviu o termo “bastardo”, entretanto não conseguia — ou não queria — entender o que isso tudo poderia significar. A sua mãe? Não era Antonela? Seu coração estava disparado, movimentou-se para aproximar-se mais, fazendo a porta abrir mais alguns centímetros, possibilitando uma melhor visão da cena.

— Ora, Antonela, não me faça perguntas difíceis de responder. — Lançou a ela um sorriso debochado, a qual devolveu

lançando outro vaso em sua direção e novamente ele se desviou. Antonela desejava ter algo mais mortal para atirar nele, como uma granada, por exemplo.

— Seu cretino, desgraçado. Você não tem coração, é isso? Não sabe o que eu sofri todos esses anos tendo que olhar todo maldito dia para o rosto do seu filho, que você abandonou para eu criar? O seu filho. Fruto de uma traição sua, com uma mulher da qual nem se lembra o nome. Eu era uma tola naquela época por ter permitido que você trouxesse aquele menino para a nossa casa. Quando você apareceu nessa casa com aquele bebê nos braços, foi o maior insulto que já sofri em toda a minha vida.

— E você queria que eu fizesse o quê? A mãe dele era só uma garota que nem família tinha. Ela morreu depois do parto, o garoto seria levado para um orfanato. Ele era meu filho, eu precisava fazer alguma coisa. E não venha ficar se fazendo de vítima com esse papo de que “foi o maior insulto que já sofri em toda a minha vida”, porque você bem que se encantou pelo garoto na mesma hora em que me viu chegar em casa com ele nos braços.

— Óbvio! Ele era apenas um bebê inocente. Naquele momento, não havia motivo algum para eu odiá-lo. Mas depois que descobri a verdadeira origem daquela criança, mal podia olhar para ela. Eu sofri demais tendo que cuidar e fingir amar um filho que nem era meu.

— Poupe-me, deveria me agradecer. Sebastian é o mais próximo de um filho que um dia terá em sua vida. Você odeia o garoto, mas foi graças a ele que a minha reputação e a sua também foram salvas.

— Não venha me falar da minha reputação. Você a arruinou no momento em que me deixou.

— Sim, mas teria sido ainda pior se a verdade sobre Sebastian tivesse vindo à tona nessa mesma época. Se assim fosse, você teria sido muito mais envergonhada do que foi de verdade. Além de péssima esposa, Antonela Hildegart também foi incapaz de dar um filho ao seu marido, sendo obrigada a criar o bastardo dele, o único filho que ela poderia ter nessa vida. Imagino uma manchete dessas saindo no jornal da época. — Disse Derek rindo de forma cruel e ainda mais debochada.

— Vá embora, Derek. Saia dessa casa e não ouse retornar. Nunca mais. Já que vai embora mais uma vez, então que seja para jamais retornar. Quero que você morra e vá direto para o inferno, que é o seu lugar. Eu odeio você. — Disse revoltada, entre lágrimas.

— Você não costumava me odiar antigamente. — Agarrou o braço dela rudemente.

— Me solte Derek, você está me machucando.

— O que foi Antonela? Você já gostou do meu toque uma vez, poderia gostar de novo.

Essa foi a gota d' água para Sebastian, ele empurrou a porta com força, fazendo-a bater na parede com um estrondo que fez os dois ali presentes olharem para ele na mesma hora.

— Tem problemas de audição, Derek? Ela mandou você ir embora.

— Sebastian? — Disse Antonela entre soluços. — Você estava aí? O quanto ouviu dessa conversa?

— O bastante para saber que eu não estava enganado a respeito do fato de que meu pai é um homem horrível.

— Horrível? Você deveria me agradecer, seu moleque. Se não fosse por mim, você teria sido criado em um orfanato e não em uma mansão chique como essa, não teria tido tudo do bom e do melhor.

— É, talvez isso seja verdade. Mas acontece que isso não vem ao caso agora. Solta a minha mãe e vai embora daqui agora.

— Quem você pensa que é para me dar ordens, garoto? E como você já deve ter ouvido, Antonela não é a sua mãe biológica.

— Não quero saber. Mandeí você soltá-la.

— Se não vai fazer o quê?

— Se não soltar a minha mãe agora, vou chamar a polícia ou farei você ver do que eu sou capaz. Não permitirei que a machuque. Saia daqui.

— Vá embora Derek, por favor. — Antonela implorou.

Derek lançou um olhar mortal a Sebastian para logo em seguida jogar Antonela grosseiramente ao chão. Pegou sua mala de dinheiro que estava em cima da mesa e saiu calmamente pelo corredor. Assim que o homem saiu, Sebastian correu até Antonela envolvendo-a em um abraço apertado. Acariciava seus cabelos tentando acalmá-la.

— Está tudo bem. Ele já foi embora. Não irá machucá-la. Nunca mais deixarei esse homem chegar perto da senhora outra vez.

— Sebastian, se você não tivesse entrado por aquela porta... Não quero pensar no que teria acontecido — ela chorava copiosamente.

— Não teria acontecido nada. Eu o mataria antes que ele pudesse fazer qualquer coisa com a senhora. Eu deveria ir atrás dele. Não posso deixar ele levar Zoe embora.

— O quê? Como assim? Do que você está falando? — Ela se desprende do abraço dele para olhar em seus olhos.

— A mãe da Zoe sugeriu que ela fosse morar com eles em Paris com o intuito de ela estudar em uma universidade de lá e também porque Lia disse que gostaria de passar mais tempo com a filha.

— Não! — Antonela se levantou bruscamente, fazendo Sebastian segui-la. — Sebastian não. Ela não pode. Seu pai mentiu. Os dois mentiram.

— Mentiram sobre o quê?

— Seu pai não está voltando para a França, ele está indo para a cidade de Genebra, na Suíça.

— O quê? Por quê?

— Olha, é uma longa história. Não sei se tenho tempo de explicar agora. O fato é que seu pai foi embora da primeira vez porque ele se envolveu em uma dívida enorme com uma máfia da Rússia. Eles ameaçaram matá-lo caso ele não pagasse a dívida, por isso ele fugiu. Só retornou porque seu dinheiro acabou e eles o encontraram. E ele precisava fugir novamente para outro lugar seguro.

Sebastian estava em choque.

— Filho, não sei qual a pretensão de Lia ou do seu pai com a garota, mas o fato é que ela corre um grande perigo. Tanto nas mãos deles quanto no caso de a máfia encontrá-los, o que não é

difícil de acontecer. Afinal, eles já sabem que seu pai está aqui em São Paulo, eles já estão aqui.

As pernas de Sebastian cederam, e se não fosse Antonela tê-lo ajudado a se sentar na cadeira mais próxima ele teria desabado no chão. Zoe. Sua Zoe, sua garota do livro, estava em perigo. Ela seria levada para a Suíça pela dissimulada Lia e pelo monstro do seu pai. Seus pressentimentos ruins estavam corretos. Havia algo de errado nessa história. E ele não foi em busca de saber o que era. E agora, por sua causa ele poderia não ver Zoe nunca mais. Ele precisava salvá-la.

— Preciso ir atrás do Derek. Preciso salvar Zoe.

— Você não pode ir sozinho. Ele tem os capangas dele. Eles poderiam machucá-lo ou até matá-lo.

— Então chame a polícia. Não posso ficar sem fazer nada. Tenho que ir até Zoe. Agora. — Ele estava desesperado.

— Tudo bem. Mande nossos seguranças acompanharem você. Vou ligar para a polícia e para o pai de Zoe. Tome cuidado. — Disse beijando o rosto dele após um rápido abraço de forma maternal, de uma forma que jamais havia feito antes. Poderia se dizer que essa foi a sua primeira demonstração de carinho para com o rapaz que criou como filho.

Sebastian correu pela casa chamando os seguranças de Antonela, eles possuíam armas para o caso de se depararem com situações em que fosse necessário se defenderem ou defenderem alguém. Seguiram para a pista de pouso onde o avião de Derek se encontrava, enquanto Antonela pedia a ajuda da polícia.

A caminho da morte

O táxi parou na pista e foi embora assim que Zoe e a mãe terminaram de retirar suas bagagens. Um vento frio chicoteou o rosto de Zoe, causando-lhe um arrepio que a fez se encolher em seu casaco. Os raios solares estavam cobertos por algumas nuvens, as quais a fizeram desejar que eles pudessem viajar um pouco mais tarde, quando o sol estivesse bem mais aparente, trazendo calor e conforto em meio à saudade que já se manifestava em seu coração.

— Aquele é o avião de Derek? — Ela apontou para a aeronave a alguns metros de distância delas.

— É sim. Não é maravilhoso?

Zoe assentiu com um leve balanço de cabeça.

— Vamos, querida, aqui fora está muito frio. Lá dentro é muito confortável, você vai adorar. — Disse Lia caminhando, sendo seguida por Zoe.

Elas entraram no avião e Zoe guardou suas malas, ficando apenas com o celular e um exemplar de “*A menina que roubava livros*”. Enquanto ela se acomodava em uma das poltronas, Lia serviu duas taças de champanhe. Ofereceu uma à garota.

— Ah, não. Obrigada. Eu não bebo.

— Mas deixe de besteira. Você tem dezoito anos, agora você pode — Lia piscou para a garota.

— Sim, mas talvez outra hora, agora não.

Lia desistiu de insistir e foi para o fundo da aeronave, acomodando-se em uma poltrona também.

— Derek está demorando. Já era para estarmos voando. — Falou, mas para si mesma.

— Que coisas ele foi resolver?

— Nada de mais, querida. Ele já deve estar chegando.

Zoe se afundou na poltrona, colocando seus fones. Em seu celular, colocou para tocar uma playlist de músicas aleatórias, abriu o livro na página em que havia parado e começou a ler. Poucos minutos depois, outro táxi parou e Derek saiu de dentro dele segurando sua mala de dinheiro. Ao entrar, foi ao encontro de Lia.

— E então? Conseguiu o resto do dinheiro que precisamos? — Disse Lia conduzindo Derek a um canto mais afastado de Zoe.

— Está tudo aqui — mostrou a mala que trazia. — Não foi difícil entrar no sistema da empresa e desviar uma boa quantia para a nossa conta, no entanto tive alguns problemas de acesso e não consegui dinheiro suficiente, então tive que passar na casa de Antonela. Consegui convencê-la a abrir seu cofre particular e me dar mais algumas cédulas, ela também preencheu alguns cheques. Que linda, não?

— Eu diria: que grande tola — Lia riu debochadamente, sendo seguida por Derek. — Isso é perfeito. Podemos decolar, então?

Derek assentiu e avisou o piloto, que ligou o motor da aeronave e começou a conduzi-la para alçar voo. Zoe sentiu certo frio na barriga, essa era a primeira vez que andava de avião e sentia-se um pouco insegura. Fitou a janela redonda ao seu lado, enquanto o avião se colocava em movimento, observava atentamente o lado de fora. Ao longe podia avistar os enormes arranha-céus da cidade que deixaria para trás temporariamente.

Seu frio na barriga se intensificou e logo percebeu que não estava sendo causado pela insegurança de voar, o medo de altura ou o medo de cair e sim pela saudade das pessoas que tanto amava e que agora estava deixando para trás. Em sua mente, via o rosto de Sebastian pintado de todas as formas e cores e mesmo que tivessem praticamente acabado de se ver, sentiu enorme vontade de abraçá-lo e de sentir novamente em sua boca o gosto de seus beijos. O simples pensamento de não poder vê-lo todos os dias fez seu coração doer. E então veio a desistência.

Destravou seu cinto de segurança e correu ao encontro da mãe, tentando em vão se equilibrar no avião que percorreria apenas mais alguns metros de chão para enfim ir de encontro ao céu. O local onde Derek e Lia conversavam era separado do restante do avião por uma cortina azul-marinho. Zoe estava pronta para pedir licença — que seria mais educado do que entrar sem pedir e interromper a conversa dos dois — quando algo sobre o que eles falavam lhe chamou a atenção. Pensou ter ouvido as palavras máfia, Rússia, dívida e Suíça. Ignorando-as, chamou pela mãe e após ouvir um “Pode entrar, querida” meio seco e meio antipático, afastou a cortina e entrou.

— Algum problema? — Perguntou Lia com certa impaciência.

— Eu mudei de ideia. Não quero mais ir para a França, quero ficar aqui. Com meu pai, Heloísa e Sebastian. Será que tem como o piloto parar o avião?

— Óbvio que não — Lia respondeu um pouco brava.

— Mas ainda não decolamos. Ele deve conseguir parar enquanto ainda estamos no chão, certo?

— Escuta aqui, filhinha. — Lia tentava a todo custo esconder a sua irritação com a garota. Colocou suas mãos de forma a segurar apertadamente os braços de Zoe. — Agora é tarde demais para você desistir, vamos para Paris e ponto final. O piloto não vai parar, aliás acho melhor colocar seus cintos de segurança, nós já vamos decolar.

Zoe apenas teve tempo de sentar ao lado de Lia, sentindo o avião se movimentar, olhou para a janela mais próxima e percebeu a distância do chão, que só aumentava.

— Bom, nesse caso acho melhor eu voltar para o meu lugar. — Disse cabisbaixa.

Lia sequer assentiu, a menina se virou, saiu e fechou a cortina, no entanto não retornou à sua poltrona, ficou ali a fim de escutar o que eles tanto conversavam.



Quando Sebastian e os seguranças de Antonela chegaram ao local da pista, já era tarde demais. Encontraram somente os policiais com suas viaturas e nenhum rastro deles. Sebastian sentiu uma ponta de desespero surgir em seu coração. Não podia perder Zoe. Tentou respirar um pouco para se acalmar e foi falar com os policiais.

— Não se preocupe, filho, nós já estamos cuidando disso — respondeu o policial de meia-idade a quem Sebastian pediu informações. — Embora estivessem disfarçados, os integrantes dessa máfia foram identificados assim que desembarcaram no aeroporto de Guarulhos pelos policiais federais que trabalham lá. Eles foram devidamente seguidos e investigados por policiais também disfarçados e sua prisão já está sendo efetuada.

— Sim. Mas e quanto ao Derek? Ele está neste exato momento voando para a Suíça e está levando a minha namorada que nem suspeita de toda essa situação.

— Os policiais do Aeroporto Internacional de Genebra já foram avisados do desembarque de Derek e a situação em que ele está envolvido. Eles possuem fotos dele, de Lia, da filha dela e inclusive do avião em que estão viajando. Assim que eles desembarcarem, Derek e Lia serão presos e deportados para o Brasil. E sua namorada voltará sã e salva para você.

Aquelas palavras fizeram o coração de Sebastian se acalmar um pouco. Em vão.



Poucos minutos ouvindo a conversa e Zoe pôde ficar a par de tudo, incluindo o que as palavras que ouvira antes significavam. Voltou hesitante para a sua poltrona. Estava estupefata diante do que acabara de descobrir. O pai de Sebastian, Derek, era um homem ainda pior do que imaginava, ele não só abandonou esposa e filho, como o fez por causa de seu envolvimento com a tal máfia russa. Ele não só os abandonou como também os deixou vulneráveis e desprotegidos caso os criminosos quisessem lhes fazer algum mal, por causa de suas dívidas com eles.

Por um instante, ela riu nervosamente. O fato fez-lhe lembrar da dívida que o seu pai contraíra com Antonela, por causa do seu vício de fazer apostas em jogos. Sim, era uma dívida enorme, muito dinheiro. Ainda demoraria um bom tempo até que ele conseguisse pagá-la por completo e, é verdade que Zoe ficou muito magoada com o pai, entretanto não se comparava a isso. Não se comparava à dívida de Derek. Ele era um criminoso. E não somente ele, mas sua mãe também.

Lia. Ela sentiu vontade de chorar. Lembrou-se de todos os anos que passou longe da mãe, a qual acreditava estar morta e no quanto sofreu, no quanto chorou e sentiu a sua falta. E principalmente no quanto ficou feliz por ela ter retornado. Pura enganação. A mulher com quem fantasiou todos esses anos era somente isso, fantasia, nunca existiu. A mãe bondosa, atenciosa, amorosa e carinhosa que Zoe imaginou um dia ter tido não passava de falsidade. Lia era uma mulher egoísta, mentirosa, manipuladora e cruel. Fez o que estava ao seu alcance para separar Augusto de Heloísa no passado. E ao perceber que jamais seria amada de verdade por ele, forjou a própria morte para fugir do país com Derek e viver uma vida repleta de luxo, glamour e riqueza — dignos da madame que sempre sonhou em ser — em Paris até o dinheiro dele acabar, devido a seus gastos desnecessários e eles precisarem retornar em busca de mais, para novamente fugir, porque a máfia os havia localizado. E, agora, os dois amantes viajavam em um avião em direção à Suíça e não de retorno à França. E o pior: Zoe estava com eles.

Assim que essa ideia passou por sua cabeça sentiu o desespero percorrer rapidamente cada centímetro de seu corpo. Quis gritar de medo pelo que poderia lhe acontecer assim que desembarcassem na Suíça. Quis correr, mas para onde? Estava presa dentro do avião e abaixo de si só havia a imensidão do Oceano Atlântico. Esforçou-se para acalmar a si mesma e

assim poder ir em busca da resolução deste problema: estava a caminho da Suíça, dentro de um avião com duas pessoas más e sem escrúpulo algum, as quais não se importavam com ela e provavelmente lhe fariam algo de ruim quando chegassem. Afinal de contas, ela chegou à triste, mas verdadeira, conclusão, de que sua mãe não a amava e sequer queria o seu bem. Ela tinha consigo o seu celular, contudo fazer uma ligação poderia chamar atenção, mandar mensagens seria o mais apropriado no momento.

Tirou o aparelho do bolso de seu casaco. Ela o deixou desligado durante esse tempo todo e após certificar-se de que não era observada, ligou o celular, colocou-o no silencioso e percebeu a quantidade de chamadas perdidas de seu pai, Heloísa, Sebastian, amigos e um número desconhecido que mais tarde viria a saber que se tratava de Antonela. Começou a discar uma mensagem para Sebastian, com poucas palavras, mas de forma clara e objetiva para que ele pudesse compreender seu pedido de socorro.

Em poucos segundos ele respondeu, dizendo que já sabia de toda a situação e estava na companhia de Augusto, Heloísa e Antonela na delegacia, também explicou que os criminosos haviam sido presos e os policiais estavam resolvendo sua situação. Sebastian mandou outras mensagens dizendo que a amava muito e que ficaria bem, pediu para que ela ficasse calma e não desse indício algum a Derek ou Lia de que sabia da verdade. Confortou-a afirmando que assim que desembarcarem, eles seriam presos pela polícia do aeroporto de Genebra e trazidos de volta ao Brasil e que logo ela estaria de volta e bem.

Sentiu seu coração, sentimentos e pensamentos se acalmarem. Sebastian tinha razão. Se ela continuasse fingindo não saber de nada e que confiava neles, os dois continuariam

a fingir que a estavam levando para Paris. O avião pousaria no Aeroporto Internacional de Genebra, na Suíça, ela se faria de surpresa e assim que tivesse a oportunidade procuraria a ajuda de algum policial, torcendo para que algum deles falasse inglês e pudesse compreender o básico — do básico — que ela sabia falar. Tinha esperanças de que ao menos o seu simples “Help!” eles pudessem compreender. E também Sebastian a tranquilizou de que eles já sabiam sobre Derek e possuíam fotos deles, ou seja, esperava que eles rapidamente a reconhecessem e ajudassem.

Teria passado o resto do longo voo quieta em sua poltrona, sem conversar com ninguém, fingindo estar calma e fazendo de conta que ouvia suas músicas e prestava atenção nas palavras do livro que lia. Porém o barulho constante de um celular tocando chamou sua atenção novamente para o fundo da aeronave. Aproximou-se do local, concentrando-se em ouvir melhor o que acontecia, enquanto tentava não ser descoberta espiando-os. O barulho tinha origem no celular de Derek que ele rapidamente atendeu. Zoe não conseguiu entender com quem ele falava, muito menos o que ele falava, contudo pôde perceber o tom aflito na voz do homem.

— Droga! — Resmungou Derek, jogando o celular com força no chão. — Isso não pode estar acontecendo. Não comigo.

— O que houve, Derek? Quem era ao telefone? E por que jogou o celular no chão desse jeito?

— Cale-se, Lia. — Ele era um misto de desespero, medo e raiva. E em um impulso socou a parede do avião, fazendo Lia levar um grande susto, junto de Zoe que espiava a cena por uma fresta da grossa cortina. — O piloto. Onde ele está?

— Ora! Onde ele deveria estar, na cabine pilotando o avião.

Derek saiu apressadamente rumo a cabine, sendo seguido por Lia, que tentava entender o que se passava com ele, quase esbarrou em Zoe ao passar pela cortina, ele sequer olhou para a garota, apenas a empurrou desajeitadamente para o lado e continuou seu caminho pelo corredor. Escancarou a porta da cabine, surpreendendo-se com piloto e copiloto desacordados em seus lugares.

— O quê? Os dois estão dormindo? — Disse Lia indignada na entrada da cabine, atrás de Derek.

— Não estão dormindo por conta própria. Alguém colocou sonífero na água deles. — Apontou para as duas garrafinhas caídas em lados opostos da cabine.

— O quê? Mas quem?

— Acho que o melhor que poderia perguntar agora é: o que faremos com os dois pilotos desacordados? — Gritou ele e logo pôde ver o olhar de pavor no rosto de Lia.

— Você pode pilotar no lugar deles. Não pode?

— Mesmo que eu soubesse pilotar aviões não adiantaria, esse avião foi sabotado. Ele está praticamente sem combustível.

— Apontou para o local no painel de controle que indicava a quantidade de combustível da aeronave.

— Será que foram eles? A máfia? — Zoe falou logo atrás deles, os quais se viraram para a sua direção surpresos pela sua presença, nem se lembravam mais de que estavam levando a garota a bordo do avião.

— Como você... — Começou Lia.

— Sim. Foram eles. — Derek disse completamente derrotado, chutando a poltrona mais próxima. — De nada adiantou

virmos para o Brasil, pegar mais dinheiro e embarcar nesse voo. Morreremos do mesmo jeito.

As últimas palavras de Derek deixaram Zoe quase em estado de pânico, nunca havia viajado de avião antes, no entanto sabia o que tudo isso significava e mais ainda o que aconteceria após cerca de pouquíssimos segundos. Achou melhor sentar-se na poltrona mais próxima e colocar os cintos de segurança.

— NÃO! Não podemos. Derek, por favor, não. Faça alguma coisa. Qualquer coisa. — Lia estava a ponto de enlouquecer de medo e desespero. — Eu não quero morrer. — Seu grito ecoou pela aeronave, misturado as suas lágrimas quando o avião passou por uma forte turbulência, suas turbinas pararam e então ele começou a despencar pelo ar.

Primeiro de forma calma e lenta, depois de forma rápida e ame-drontadora, com a cabine do piloto virada de cabeça para baixo e a aeronave girando em círculos enquanto caía. O avião deu algumas cambalhotas no ar e os gritos de Lia sumiram. Mesmo presa aos cintos de segurança, Zoe tentou sem muito efeito se segurar em alguma coisa, qualquer coisa. Abraçou-se a poltrona da frente, abaixando-se, quando as bagagens e outros objetos a bordo começaram a voar em sua direção, estourando os vidros das janelas. O momento era tão tenebroso que sequer conseguia pensar direito, chorar direito, sentir medo direito, gritar ou até mesmo respirar. Lembrou-se rapidamente do sonho que tivera na noite anterior. Teria sido ele um presságio? Um singelo aviso do que estaria por vir? Do que aconteceria com ela caso continuasse com a ideia da viagem?

Agora era tarde demais para arrependimentos. Ela morreria ali, dentro do avião sem sequer ter tido tempo de ler a carta que Sebastian lhe escrevera. Morreria antes de se casar com o amor da sua vida, antes de iniciar a sua faculdade.

Sentiu algo forte e duro se chocar contra a sua cabeça, não sabendo distinguir ao certo o que era. Sequer viu a dor chegar, apenas teve tempo de fechar os olhos e adormecer, ao passo em que novamente a escuridão vinha ao seu encontro, tampando sua visão, conduzindo-a para um caminho sem volta, para um sono sem despertar. Para a morte...



Sentado na cadeira da recepção da delegacia ao lado de Antonela, Sebastian balançava suas pernas constantemente, ansioso por notícias de Zoe. Sabia que eles levariam horas até pousarem na Suíça e depois mais ainda voltando para o Brasil, entretanto isso não seria nada contanto que ela continuasse se comunicando com ele.

Porém ela havia parado de responder suas mensagens havia algum tempo. E ele começava a ficar preocupado. Na melhor das hipóteses, Derek ou Lia haviam descoberto que Zoe já sabia da verdade sobre a viagem e estava se comunicando com Sebastian, sendo assim eles poderiam ter pego o celular dela e na pior das hipóteses...

De repente percebeu uma movimentação estranha dos policiais que estavam cuidando do caso e de Augusto e Heloísa que pareciam muito aflitos, mais do que estiveram poucos minutos atrás.

— O que houve? — Perguntou Sebastian, aproximando-se do casal que se encontrava aos prantos.

Estavam tão tristes e angustiados que sequer puderam responder. Foi um dos policiais, próximo a eles, quem respondeu:

— Localizamos o avião de Derek caído no Oceano Atlântico e interrogando os criminosos descobrimos que eles haviam

subornado um dos homens que trabalham para ele a fim de que sabotasse o avião. Essa pessoa não só colocou sonífero na água dos pilotos como também esvaziou o combustível da aeronave e danificou suas turbinas e provavelmente outras partes também. Uma equipe de busca e resgate está a caminho do local neste exato momento. Mas devemos levar em consideração que certamente não há sobreviventes. Meus pêsames a todos. — O policial se virou e saiu.

Augusto e Heloísa se abraçaram, chorando profusamente, seus corações despedaçados. Sebastian não queria acreditar nas palavras do policial, mas infelizmente essa era a verdade. Afinal, quais seriam as chances de Zoe poder sair viva de uma queda de avião no oceano? Por um instante, sentiu enorme vontade de rir, não pelo fato da situação toda ser engraçada, não era, mas pelo fato de tudo isso parecer um daqueles pesadelos tenebrosos em que ansiamos por acordar.

Era absurdo pensar que o amor de sua vida não mais respirava, não mais existia. Aquela garota doce, simpática e alegre que o fizera conhecer o verdadeiro significado do amor, com quem ele compartilhou seus medos, tristezas e também alegrias se fora para sempre. Doía tanto perceber que não viveria seu futuro ao lado dela. Não conseguia e não queria imaginar como seria viver em um mundo em que ela não existisse, não estivesse ao lado dele, amando, apoiando ou vivendo com ele.

Sentiu a mão de Antonela em seu ombro, virou-se e foi recebido com um abraço consolador, retribuiu, encostou sua testa no ombro dela e permitiu-se chorar, lágrimas que guardou consigo por tanto tempo. Por diversas vezes, desejou receber um abraço tão acolhedor quanto esse, vindo de sua mãe e agora mal conseguia sentir o mínimo de gratidão, não conseguia sentir mais nada. Seu coração tornara-se um vazio extremo.

Descobriu que a mulher que o criou não era a sua mãe biológica e sim a sua madrasta. Sua mãe morreu logo que ele nasceu, é provável que jamais chegue a descobrir quem de fato foi essa mulher. Havia acabado de perder o pai, o qual o renegou a vida inteira, mas mesmo assim doía perdê-lo, queria que Derek não fosse o homem ruim que era e que não os tivesse abandonado e sim ficado ao lado de Sebastian, sendo o bom pai que ele sempre quis ter. E por fim, também perdera a garota que amava. Tudo isso em um mesmo dia.

Cinco meses depois

A noite da batalha de bandas foi um sucesso absoluto para o *Elementary Cult* e também para as bandas ocupantes do 2º e 3º lugares. Os meninos competiram ao lado de mais cinco bandas e cada grupo tocou duas músicas, a primeira tinha que ser de alguma das bandas que serviram de inspiração para criar a sua e depois tocariam uma música de sua própria criação. Tocando *Wasted Years* da banda britânica de heavy metal, Iron Maiden, e a intitulada “Garota do Livro”, a qual Sebastian escreveu em homenagem a Zoe, eles saíram vencedores da competição. E como prêmio, ganharam um contrato com uma gravadora e produtora musical britânica, que ficaria responsável por não só produzir seu primeiro álbum, mas também divulgá-los e organizar a sua agenda de shows, entre outras coisas.

Caminhando pelas gélidas ruas de Londres, com as mãos nos bolsos de seu casaco e a música de seus fones ecoando em seus ouvidos, Sebastian voltava calmamente para o apartamento que ele e seus amigos alugaram na capital inglesa com a ajuda da gravadora, retornava após encerrar mais um dia de gravações.

Pretendia ligar para a mãe assim que chegasse ao apartamento. Após perdoar a dívida de Augusto, Antonela decidiu vender a empresa de carros da família e abrir uma loja de moda feminina — no fundo, esse sempre foi o seu maior sonho, entretanto como sendo a única herdeira de sua família não pôde realizá-lo, pois precisava cuidar da empresa na falta de seu pai — ao lado de sua amiga Marta Ibrahim, a qual, por sinal, era estilista e com Catarina estudando para ser modelo, o seu novo negócio parecia ter tudo para dar certo.

Ela também decidiu deixar o sobrenome Hildegart, de seu falecido marido, e passou a usar o seu sobrenome de solteira, Bittencourt. Após superar as diversas mágoas passadas com o seu casamento imperfeito com Derek, cheio de mentiras, traições e abandono, ela conseguiu finalmente estabelecer uma boa relação de mãe e filho com Sebastian, o qual a perdoou por todos os anos de falta de carinho e negligências. Antonela havia se tornado uma nova pessoa. Passou a fazer diversas doações com o intuito de ajudar ONGs de crianças carentes, pessoas de baixa renda, hospitais e até ONGs em defesa dos animais e do meio-ambiente. Ela sorria mais, havia se tornado muito simpática e educada com as outras pessoas, não mais colocava o dinheiro acima de tudo, era perceptível o quanto estava feliz e de bem consigo mesma e com a vida.

E quanto a Augusto e Heloísa, apesar da dor pela perda de Zoe ter permanecido com eles, casaram-se dois meses após o acidente e, recentemente, Sebastian recebeu a notícia de que Heloísa estava grávida de três meses.

Deu um longo suspiro quando uma música aleatória terminou e então *Lonely Day* começou a tocar. Nenhuma música descreveria melhor seu atual estado de espírito do que essa. Sentia

um imenso vazio sem Zoe, o qual não podia ser preenchido. E para ele, todos os seus dias eram tristes e solitários sem ela.

*Such a lonely day
And it's mine
The most loneliest day of my life*

*And if you go
I wanna go with you
And if you die
I wanna die with you*

*Take your hand
And walk away*

Uma garota observava com certa devoção a vitrine de uma loja de TVs, onde estavam sendo exibidas a música e o clipe de “Garota do Livro”, que havia sido lançado na noite da competição, e o clipe gravado em Londres chamou a sua atenção. A garota usava um casaco com um capuz que cobria sua cabeça e como estava virada de costas, não era possível ver o seu rosto. Para Sebastian, parecia ser apenas mais uma garota inglesa, que havia acabado de conhecer sua banda pela TV na vitrine da loja e já se encontrava encantada pelo seu primeiro single.

Pensou em ir até ela e mostrar que era ele quem estava no clipe e que a música era de sua autoria. Mas algo o fez hesitar. A garota havia abaixado o capuz de seu casaco para juntar seus cabelos em um coque um pouco bagunçado. Ruivos. Eles eram ruivos, do mesmo tom dos cabelos de Zoe, a única diferença era o comprimento deles, ao contrário dos de Zoe, os cabelos da garota da vitrine eram mais curtos, ultrapassando apenas alguns centímetros abaixo do ombro. Apesar da diferença, sentiu seu coração ficar acelerado. Só podia estar ficando louco.

Zoe era ruiva e seus cabelos eram lindos, todavia no mundo inteiro existiam milhares de mulheres ruivas. Essa garota não poderia ser Zoe, sua garota do livro estava morta.

Esse pensamento fez seu coração doer e lágrimas chegarem a seus olhos. Preparava-se para seguir seu caminho, quando a garota se virou em sua direção, parecia assustada e ao mesmo tempo surpresa, triste e feliz ao vê-lo. Sebastian sentiu o ar faltar aos seus pulmões, ao passo que novamente tinha certeza de que ou estava totalmente louco, sob efeito de drogas pesadas, álcool, em um sonho daqueles que se sonha acordado ou talvez alguma das Leis de Newton ou qualquer outro cientista, físico, matemático ou filósofo renomado pudesse explicar o que Zoe estava fazendo bem ali na sua frente. Em Londres, a poucos metros de distância dele. VIVA.

Não podia ser apenas uma miragem. Era ela, precisava ser. Era o mesmo rosto, o mesmo cabelo, embora mais curto, os mesmos olhos cor de mel, o mesmo tamanho. Era a sua garota do livro, não havia como contestar.

Era visível o quanto a garota estava emocionada. Começou a caminhar ao encontro de Sebastian, de forma calma e tímida até ouvi-lo chamar seu nome, meio inseguro e meio cético, então esse foi o sinal de que ele sabia quem ela era. Correu para os braços de seu amado de forma ansiosa e desesperada. E quanto aos metros que os separavam, se transformaram em centímetros e logo foram extintos. Havia somente o abraço apertado de extrema saudade de ambos, acompanhado dos sorrisos de uma alegria de reencontro há muito esperada e suas lágrimas de alívio, mas também de descrença.

— É você — disse Sebastian desprendendo-se do abraço para segurar o rosto de Zoe em suas mãos. — Mas não pode ser. Não pode ser real. Não pode ser você. Você morreu. — Acariciou o

rosto dela, enxugando suas lágrimas com os polegares, necessitava tocá-la para saber que era mesmo real e não mais um sonho enganador.

— Mas é claro que sou eu, garoto do *Assassin's Creed*, a sua garota do livro. Você fez até uma música pra mim, que lindo.

Ele não conseguia mais se controlar. Era ela. Zoe. A sua garota estava viva. Atravessou os centímetros que separavam seu rosto do da garota e beijou-a com desejo, apaixonado e cheio de nostalgia, aprofundou o beijo como se fosse o último deles, como se as suas vidas dependessem disso. E quando o simples ato de respirar se fez necessário, separaram-se e seguiram caminhando até os bancos no passeio do outro lado da rua. Sentaram-se abraçados em um dos bancos.

— Não entendo. O que aconteceu? Como conseguiu sobreviver? Como conseguiu sair viva do avião e parar aqui em Londres?

— Na verdade essa é uma longa história, nem eu mesma sei explicar direito, passei uma parte do tempo desacordada. Mas quando finalmente acordei no hospital em Southampton, mais ou menos uma semana depois do acidente, eu acho, Megan estava do meu lado. Tive um grande lapso de memória e ela me ajudou a lembrar um pouco o que aconteceu e desde então ela e o marido estão cuidando de mim.

— Espera um pouco aí. Quem é essa tal de Megan? E por que veio para cá em vez de voltar para o Brasil?

— Eu bati minha cabeça durante a queda do avião e como consequência, perdi completamente a memória, só me lembrava de algumas cenas, mas nada que realmente fizesse algum sentido pra mim. Não me lembrava nem do meu nome, tudo estava muito confuso. Aos poucos, as memórias foram retornando,

primeiro vieram falas de conversas aleatórias, depois cenas mais completas de passados distantes e então, um dia, eu acordei e me lembrava de absolutamente tudo ou quase tudo, mas demorou muito, pelo menos para mim.

— Entendi.

— E quanto a Megan, ela é inglesa, mas o marido é brasileiro, eles estavam passando férias no Brasil e voltavam para Londres em um cruzeiro. O navio deles localizava-se calmo e tranquilo no oceano voltando para casa, quando alguns passageiros viram o avião caindo a vários metros de distância deles. Um desses passageiros foi o marido de Meg, Arthur, ele sabia nadar e também era médico, foi então que segundo a própria Meg ele e mais alguns homens a bordo do navio nadaram até o avião com intuito de salvar algum improvável sobrevivente, nesse caso, eu. — Ela suspirou longa e profundamente, as lágrimas ansiando por escorrer de seus olhos, era uma história complicada. — Quando chegamos à conclusão de que o avião de fato cairia, minha mãe ficou desesperada e seu pai inconformado com o próprio desfecho, mas apesar do pavor que senti naquele momento consegui me sentar em uma das poltronas e colocar o cinto de segurança, não com a intenção de sobreviver, parecia tão impossível, mas talvez para aliviar o horror da queda.

— Você deve ter ficado tão assustada. — Sebastian acariciou o rosto de Zoe preocupado.

— Muito. Bom, como eu estava dizendo, quando Arthur chegou nadando ao avião os vidros de algumas das janelas estavam quebrados, inclusive o da poltrona em que eu estava, com isso não foi tão difícil para ele soltar meu cinto de segurança e me tirar do avião pela janela, antes que ele afundasse.

— E quanto a Derek e Lia? — Perguntou Sebastian já sabendo da resposta.

Zoe suspirou não conseguindo mais conter suas lágrimas.

— Arthur e os outros não conseguiram tirá-los de lá, até porque eles já deviam estar mortos a essa altura do campeonato.

— Sim. As equipes de resgate encontraram os corpos deles, mas o seu não. Em momento algum pensei que isso pudesse ser um indício de que estivesse viva, apenas que seu corpo vagou frio e morto pelo oceano até virar comida de alguma baleia.

— Comida de alguma baleia? Isso é sério? Foi o melhor que achou para dizer agora? — Questionou Zoe com um sorriso tímido.

— Na verdade, sim. Aliás, que história é essa de que conseguiram tirar você de dentro do avião pela janela dele? Sabia que você era magra, mas não que fosse literalmente um palito. — Ele debochou rindo.

— Que absurdo! — Zoe socou levemente o ombro dele rindo também. — É claro que não. Acho que foi porque as janelas eram maiores e não porque sou muito magra. O que importa é que sobrevivi.

— Exatamente! Mas e depois? O que aconteceu quando Arthur tirou você de dentro do avião?

— Ele retornou ao navio, eu havia batido a cabeça e desmaiado, também me afoguei e juntamente de outros médicos que também estavam a bordo eles começaram a tentar me reanimar, cuidaram de mim usando o que eles possuíam e quando o navio desembarcou no porto de Southampton, Arthur e Megan me levaram ao hospital, onde os médicos realizaram todos os exames e procedimentos necessários.

Como eu disse, permaneci desacordada por cerca de cinco dias e quando acordei, eles me fizeram companhia até eu receber alta e como eu não me lembrava de nada, não tinha dinheiro e nem para onde ir, eu era uma estrangeira em um país que não falava a minha língua, eles decidiram me levar com eles para Londres. Cuidaram de mim e tentaram ao máximo me ajudar a recuperar minha memória e depois de algum tempo eu consegui. Enfim, acho que posso dizer que eles agora são como uma segunda família para mim. Não saberei dizer com palavras o quanto eles me ajudaram, tudo que eles fizeram por mim, são pessoas, no mínimo, incríveis e muito bondosas.

— Isso é verdade. Eles foram muito legais com você, ao que parece. Salvaram sua vida.

— É. Assim que me lembrei de tudo, não via a hora de entrar em contato com vocês para dizer que eu estava bem, no entanto fiquei tão insegura. Havia passado mais de três meses e todos achavam que eu estivesse morta. Não sabia como dar a notícia, porém, hoje, eu fui praticamente “obrigada” por Megan e Arthur a caminhar um pouco pelas ruas, afinal, eu estava praticamente isolada em um quarto, ainda muito deprimida por causa do acidente. Foi então que eu vi aquilo. — Ela apontou para a vitrine do outro lado da rua, na qual o clipe de “Garota do Livro” ainda era exibido. — Fiquei sabendo que você e os meninos estavam aqui gravando o álbum da banda e eu precisava encontrar você, só não sabia como, mas foi ao contrário, porque foi você quem acabou vindo até mim. Meu garoto do *Assassin’s Creed*, meu lindo baterista e em breve um músico famoso, Sebastian Hildegart, eu amo tanto você. Adorei a música que fez pra mim.

— Foi como se fosse o fim do mundo quando recebi a notícia da queda do avião e que você provavelmente estaria morta. A maior dor da minha vida, minha quase morte. Porque não haveria uma vida para mim se não fosse para viver ao seu lado. Eu achei que tivesse perdido para sempre uma parte de mim, do meu coração. Mas eu estava enganado, você está aqui, você está viva e eu senti tanta saudade.

— Eu também. Não quero me separar de você. Nunca mais. — Zoe abraçou Sebastian apertadamente.

— Muito menos eu, minha linda garota do livro. Meu eterno e verdadeiro amor. — Disse enquanto retribuía o abraço da garota.

Fim

Sobre a autora



Mayara Ribeiro Borim nasceu na cidade de Paraguaçu, no sul de Minas Gerais, no dia 13 de dezembro de 2003. Concluiu o ensino médio no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais - Campus Machado, onde cursou o técnico em informática integrado ao ensino médio. Começou a escrever esse livro em 2018, quando tinha 14 anos e estava no 9º ano da Escola Estadual Pedro Leite e terminou de escrevê-lo em 2020, aos 16 anos. A ideia para essa história surgiu a partir de um trabalho de artes proposto na escola, em que era necessário criar uma peça de teatro a fim de ser apresentada para a turma, no entanto o roteiro da peça apenas teve um início e não foi concluído. Após um tempo, retomada a escrita da peça, esta foi transformada em uma história narrativa que foi desenvolvida até dar origem a este livro. Durante o ensino médio, publicou alguns textos no Blog IF Connect, um projeto criado pela professora Caroline Cunha e que incentiva a leitura, produção textual, liberdade criativa e de expressão, entre outros. Junto com Juliana Souza, que também participa do Blog, publicou e apresentou um artigo sobre esse projeto na Jornada Científica. O que mais gosta de fazer em seu tempo livre é ler, seus gêneros favoritos são fantasia, suspense, mistério, drama e romance.

ISBN: 978-65-88862-17-9

CD



9 786588 862179